

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Faculdade de Arquitetura

Curso de Design Visual

DÉBORAH RADKE TOLONI

**MATERIAL EDITORIAL PARA MUSICALIZAÇÃO INFANTIL**

Porto Alegre

2024

DÉBORAH RADKE TOLONI

**MATERIAL EDITORIAL PARA MUSICALIZAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Design Visual, da Faculdade de Arquitetura, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Design Visual.

Orientador: Prof. Dr. Régio Pierre da Silva

Coorientador: Prof. Dr. Airton Cattani

Porto Alegre

2024

DÉBORAH RADKE TOLONI

## MATERIAL EDITORIAL PARA MUSICALIZAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Design Visual, da Faculdade de Arquitetura, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Design Visual.

Orientador: Prof. Dr. Régio Pierre da Silva

Coorientador: Prof. Dr. Airton Cattani

---

Prof. Dr. Régio Pierre da Silva - Orientador

---

Prof. Dr. Airton Cattani - Coorientador

---

Prof. Dra. Maria Do Carmo Gonçalves Curtis

---

Prof. Mariana de Oliveira do Couto e Silva

Porto Alegre

2024

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer, primeiramente, à minha família. Meus pais, Marcia e Marcos por todo apoio e incentivo, sempre. À minha irmã Hanna, minha melhor amiga e confidente, e melhor pessoa que eu conheço. Ao meu irmão, Murilo e família, Mariana e Lara, que mesmo longe em distância, se fazem presentes. E ao meu cachorro Koda, que torna meus dias mais felizes (queria que ele pudesse ler isso).

Gostaria de agradecer também às minhas amigas, Amanda e Nicole, parceiras ao longo de toda a graduação, que tanto me ajudaram e apoiaram não só neste trabalho, mas ao longo destes 6 anos. Juntas, compartilhamos os momentos felizes, tristes e angustiantes que a faculdade teve para nos proporcionar.

Agradeço ao meu amigo Thales, que desde o início apoiou, incentivou e colaborou com a ideia do que este trabalho poderia se tornar.

Agradeço ao meu orientador Régio, e ao meu coorientador Airton Cattani, por todo auxílio e colaboração neste projeto. E por fim, agradeço aos demais colegas e professores da faculdade de Design da UFRGS.

Quando comecei a graduação, a formatura parecia tão distante, quase utópica, mas o tempo passa rápido e a gente cresce sem perceber. E temos que valorizar quem esteve conosco durante todo o caminho.

## RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso em Design Visual caracteriza-se pelo projeto de um material editorial para musicalização infantil. Este material pretende inserir a música no universo das crianças de maneira que valorize a sua cultura própria, vivências e formas de se expressar, ouvir e aprender música. Por meio dos conhecimentos de design instrucional com base na abordagem construtivista, é possível abordar o ensino de uma forma integrativa entre alunos e professores, objetivando um ensino e aprendizagem mais divertido e enriquecedor. Ademais, o design editorial, definido aqui como o meio pelo qual a informação será transmitida, permite a produção de um material moderno, assertivo e interessante para as crianças, incentivando o aprendizado musical e o gosto pela música e pela leitura. Para o desenvolvimento deste projeto foi utilizada uma metodologia adaptada resultante da união do modelo ADDIE e da metodologia de Volnei Matté (2004), compreendendo etapas que atendem tanto às premissas do design instrucional como do design editorial nos âmbitos funcionais e estéticos. A partir das pesquisas realizadas, entrevistas com professores de música e da análise de similares, foi possível efetuar um projeto gráfico em concordância com a proposta, considerando o público-alvo de crianças dos 5 aos 10 anos e professores de música, que atingiu os requisitos definidos e obteve resultado satisfatório na impressão.

**Palavras-chave:** Musicalização Infantil, Design Instrucional, Design Editorial, Cultura da Infância.

## **ABSTRACT**

This final project in Visual Design is characterized by the creation of an editorial material for children's music education. This material aims to incorporate music into the world of children in a way that values their own culture, experiences, and ways of expressing, listening to, and learning music. Through the knowledge of instructional design based on a constructivist approach, it is possible to approach teaching in an integrative manner between students and teachers, aiming for a more enjoyable and enriching teaching and learning experience. Furthermore, the editorial design, defined here as the means by which information will be transmitted, will allow for the production of modern, effective, and engaging material for children, encouraging musical learning and a love for music and reading. For the development of this project, an adapted methodology was used, resulting from the combination of the ADDIE model and Volnei Matté's methodology (2004), comprising stages that meet both the premises of instructional design and editorial design in functional and aesthetic aspects. Based on conducted research, interviews with music teachers, and the analysis of similar works, it was possible to develop a graphic design project aligned with the proposal, considering the target audience of children aged 5 to 10 and music teachers, which met the defined requirements and achieved satisfactory results in printing.

**Palavras-chave:** Early Childhood Musical Education, Instructional Design, Editorial Design, Childhood Culture.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Fluxograma modelo ADDIE.....	14
Figura 02 – Fluxograma Metodologia de Matté.....	16
Figura 03 – Fluxograma metodologia adaptada.....	17
Figura 04 – Capa do Álbum Abre a Roda Tin do Lê Lê, com adição da letra da música.....	24
Figura 05 – Jogo de mãos da música Trici Caneta.....	25
Figura 06 – 5 pilares da educação musical infantil para Souza (2021).....	26
Figura 07 – Notas no piano.....	29
Figura 08 – Exemplos de cifras de acordes no violão.....	29
Figura 09 – Pauta com movimentos explicados pelas setas.....	30
Figura 10 – Pauta ou Pentagrama com as claves e notas.....	30
Figura 11 – Figuras rítmicas.....	31
Figura 12 – Notações musicais alternativas.....	31
Figura 13 – Estágios da infância de Piaget.....	33
Figura 14 – Quais são as partes de um livro?.....	38
Figura 15 – Livros de música.....	41
Figura 16 – Estante Livraria Paisagem.....	41
Figura 17 – Livro Teoria Musical para Crianças.....	42
Figura 18 – Jogos de música.....	49
Figura 19 – Livro Amigos do Piano: Pré-Leitura.....	53
Figura 20 – Livro Amigos do Piano: Pré-Leitura.....	53
Figura 21 – Livro Amigos do Piano: Iniciação à Leitura.....	54
Figura 22 – Livro Cantigas para Brincar.....	55
Figura 23 – Área de QR code.....	55
Figura 24 – Livros físicos didáticos.....	56
Figura 25 – Livros físicos.....	57
Figura 26 – Catálogo de eBooks AMO.....	58
Figura 27 – Site Cantos da Floresta.....	58
Figura 28 – Atividades Clave de C.....	59
Figura 29 – Aplicativo Piano Kids.....	60
Figura 30 – Aplicativo Jungle Music.....	60
Figura 31 - Painel de Ambientação.....	66
Figura 32 - Painel de Tema Visual - Formato e Componentes.....	66
Figura 33 - Painel de Tema Visual - Ilustrações.....	67
Figura 34 - Painel de Tema Visual - Animais.....	67
Figura 35 - Painel de Tema Visual - Estética.....	68
Figura 36 - Espelho.....	72
Figura 37 - Animais e instrumentos.....	74
Figura 38 - Mapa do jardim musical encantado.....	75
Figura 39 - Páginas de abertura do Capítulo 1.....	76

Figura 40 - Alternativa 1 para a capa.....	77
Figura 41 - Alternativa 2 para a capa.....	78
Figura 42 - Testes de tipografia para título.....	79
Figura 43 - Testes de tipografia para corpo de texto.....	80
Figura 44 - Testes de tipografia impressos.....	80
Figura 45 - Paleta de cores.....	81
Figura 46 - Alternativa de Capa Escolhida.....	82
Figura 47 - Tipografia escolhida para títulos.....	83
Figura 48 - Tipografia escolhida para o corpo de texto.....	84
Figura 49 - Exemplo de posicionamento de título na página.....	85
Figura 50 - Grid.....	86
Figura 51 - Espelho Final.....	88
Figura 52 - Módulos sintetizados.....	89
Figura 53 - Animais do Jardim.....	90
Figura 54 - Mapa do Jardim Musical Encantado.....	91
Figura 55 - Páginas de adesivos.....	92
Figura 56 - Capa e quarta capa.....	93
Figura 57 - Identidade Visual Editora Radke.....	93
Figura 58 - Folha de rosto.....	94
Figura 59 - Páginas introdutórias.....	95
Figura 60 - Sumário.....	96
Figura 61 - Ficha Técnica.....	97
Figura 62 - Módulo 1 (abertura).....	98
Figura 63 - Módulo 1 (Páginas conteudistas).....	99
Figura 64 - Diagramação sobre Grid.....	99
Figura 65 - Módulo 2 (abertura).....	100
Figura 66 - Módulo 2 (páginas conteudistas).....	101
Figura 67 - Módulo 3 (abertura).....	102
Figura 68 - Módulo 3 (páginas conteudistas).....	103
Figura 69 - Módulo 3 (Jeitos de se ouvir música).....	103
Figura 70 - Módulo 4 (abertura).....	104
Figura 71 - Módulo 4 (páginas conteudistas).....	105
Figura 72 - Módulo 5 (abertura).....	106
Figura 73 - Módulo 5 (páginas conteudistas).....	107
Figura 74 - Módulo 5 (páginas conteudistas 2).....	107
Figura 75 - Módulo 5 (atividades com adesivos).....	108
Figura 76 - Módulo 5 (páginas conteudistas 3).....	108
Figura 77 - Protótipo impresso (capa e quarta capa).....	110
Figura 78 - Protótipo impresso (Mapa do Jardim).....	110
Figura 79 - Protótipo impresso.....	111

## LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Perguntas elaboradas para entrevistas.....	44
Quadro 02 - Síntese das entrevistas.....	51
Quadro 03 - Síntese da análise de similares.....	61
Quadro 04 - Necessidades e requisitos .....	63
Quadro 05 - Matriz de Design Instrucional.....	69
Quadro 06 - <i>Checklist</i> dos requisitos a partir do verificação do protótipo.....	113

## SUMÁRIO

<b>1 PLANEJAMENTO DE PROJETO.....</b>	<b>9</b>
1.1 INTRODUÇÃO.....	9
<b>1.1.1 Problema de Projeto.....</b>	<b>11</b>
1.2 JUSTIFICATIVA.....	11
1.3 OBJETIVOS.....	13
<b>2 METODOLOGIA.....</b>	<b>14</b>
<b>3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>18</b>
3.1 MÚSICA.....	18
3.2 MUSICALIZAÇÃO INFANTIL.....	19
<b>3.2.1 Contexto histórico da educação musical no Brasil.....</b>	<b>20</b>
<b>3.2.2 Abordagens da Educação Musical Infantil.....</b>	<b>21</b>
3.3 TEORIA MUSICAL.....	27
<b>3.3.1 Conceitos básicos.....</b>	<b>28</b>
<b>3.3.2 Leitura de partitura.....</b>	<b>29</b>
<b>3.3.3 Notação musical alternativa.....</b>	<b>31</b>
3.4 DESIGN INSTRUCIONAL.....	31
<b>3.4.1 Abordagem e Modelo de Design Instrucional.....</b>	<b>32</b>
<b>3.4.2 Unidades de Aprendizagem.....</b>	<b>34</b>
<b>3.4.3 Design de Conteúdo Multimídia.....</b>	<b>34</b>
3.5 DESIGN EDITORIAL.....	36
<b>3.5.1 Design de livros para educação musical infantil.....</b>	<b>39</b>
<b>3.5.2 Acessibilidade e inclusão no design editorial.....</b>	<b>42</b>
<b>4. COLETA DE DADOS.....</b>	<b>44</b>
4.1 ENTREVISTAS.....	44
4.2 ANÁLISE DE SIMILARES.....	52
<b>4.2.1 Similares de livros físicos.....</b>	<b>52</b>
4.2.1.1 Similares de livros físicos quanto ao formato.....	55
<b>4.2.2 Similares Funcionais.....</b>	<b>57</b>
<b>5. DEFINIÇÕES INICIAIS DO PROJETO.....</b>	<b>62</b>
5.1 FORMATO DO MATERIAL.....	62
5.2 PÚBLICO-ALVO.....	62
5.3 NECESSIDADES E REQUISITOS.....	63
<b>6. DESIGN/CONFIGURAÇÃO DO PROJETO.....</b>	<b>65</b>
6.1 CONCEITO.....	65
6.2 PAINÉIS SEMÂNTICOS.....	65
6.3 MATRIZ DE DESIGN INSTRUCIONAL.....	68
6.4 PLANEJAMENTO.....	71
<b>6.4.1 Formato.....</b>	<b>71</b>
<b>6.4.2 Espelho.....</b>	<b>71</b>

6.5 GERAÇÃO E SELEÇÃO DE ALTERNATIVAS.....	72
<b>6.5.1 Naming</b> .....	<b>72</b>
<b>6.5.2 Geração de Alternativas</b> .....	<b>73</b>
6.5.2.1 Ilustrações.....	73
6.5.2.2 Capa.....	77
6.5.2.3 Tipografia.....	78
<b>6.5.3 Seleção de Alternativas</b> .....	<b>80</b>
6.5.3.1 Paleta de Cores.....	81
6.5.3.2 Capa.....	81
6.5.3.3 Tipografia.....	82
<b>6.5.4 Grid (Grade)</b> .....	<b>85</b>
<b>7. REALIZAÇÃO DO PROJETO</b> .....	<b>87</b>
7.1 MODELAÇÃO FINAL.....	87
<b>7.1.1 Espelho final</b> .....	<b>87</b>
<b>7.1.2 Formato final</b> .....	<b>88</b>
<b>7.1.3 Conteúdo</b> .....	<b>88</b>
<b>7.1.4 Projeto Gráfico</b> .....	<b>89</b>
7.1.4.1 Ilustrações.....	89
7.1.4.2 Layout e diagramação: Capa e páginas avulsas.....	92
7.1.4.3 Layout e diagramação: Módulos.....	97
7.2 NORMALIZAÇÃO.....	109
7.3 MODELO IMPRESSO.....	109
7.4 AVALIAÇÃO/VALIDAÇÃO.....	112
<b>7.4.1 Avaliação/Validação externa</b> .....	<b>113</b>
<b>8. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>115</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>117</b>
<b>APÊNDICE A</b> .....	<b>122</b>

## 1 PLANEJAMENTO DE PROJETO

Neste capítulo inicial são apresentadas as principais motivações para a realização do projeto, assim como são explicitadas as definições dos objetos de estudo principais, qual o problema de projeto e os objetivos geral e específicos.

### 1.1 Introdução

A música é uma arte capaz de evocar os mais diversos sentimentos, não é à toa que a grande maioria das pessoas possui diversos tipos de playlists nos seus celulares e escolhem qual mais se adequa ao seu humor do dia. Segundo o Spotify, até o início de 2020 foram criadas pelo menos 3 bilhões de playlists no aplicativo (TechTudo, 2021). A grande necessidade e interesse de se ouvir música também se reflete na musicalização infantil visto que, desde o nascimento, as crianças já são introduzidas a canções de ninar, melodias, jogos musicais, entre outros. (Souza, 2021). Além de a música ser um grande meio de entretenimento e expressão pessoal, a musicalização infantil é uma poderosa ferramenta de ensino que proporciona o desenvolvimento das crianças desde a primeira infância, em diversas instâncias.

Segundo a consultora da Unesco, Fernanda Souza, a música das crianças é repleta de conquistas intelectuais, cognitivas, emocionais e sociais, e “a musicalização infantil busca o florescer da musicalidade que é inerente a todos nós, a curiosidade pelo universo sonoro e o desejo de aventurar-se com e pelos sons, os mais diversos, de maneira inclusiva e participativa” (Souza, 2021).

A musicalização é um processo de construção do conhecimento, que objetiva despertar e desenvolver o gosto musical, favorecendo o desenvolvimento da sensibilidade, criatividade, senso rítmico, do prazer de ouvir música, da imaginação, memória, concentração, atenção, autodisciplina, do respeito ao próximo, da socialização e afetividade, também contribuindo para uma efetiva consciência corporal e de movimentação (Brécia, 2003 *apud* Guimarães, 2019).

Existem diferentes visões e metodologias para o ensino de música que foram sendo forjadas ao longo do tempo, algumas delas mais tradicionais e outras denominadas pedagogias ativas. Conforme afirma a professora Ana Tomich (2016), a grande maioria dos cursos de música no ensino superior ainda seguem os moldes europeus, que focam no ensino da música erudita, ou seja, a música que conhecemos como clássica, tocada em concertos através de instrumentos como

violino, violoncelo, piano, entre outros. Portanto, não focam tanto na apresentação e conceituação da música popular. Com o surgimento da Lei 11.769/08, que torna a música conteúdo obrigatório na educação básica, os professores se viram diante de um novo desafio para a implementação da educação musical nas escolas (Ilari e Monteiro, 2012). Assim como, a importância das novas propostas levarem em consideração a cultura brasileira e afrodescendente, em detrimento da considerada tradicional, ou seja, nos moldes europeus (Tomich, 2016).

Na atualidade, a educação musical infantil vem seguindo um campo de estudos que valoriza e dá protagonismo às crianças, permitindo que expressem seu “modo natural de ser e permanecer na vida” (Tomich, 2016). Esta é a chamada cultura das crianças, ou da infância, na qual a criança é vista “como um ser dinâmico, isto é, como um sujeito que participa ativamente de trocas e interações com seus pares e com o mundo que a rodeia” (Souza, 2021).

O ensino de música das crianças também carrega o aspecto prático, ou seja, como aplicar a cultura das crianças durante uma aula de música? Dando-lhes voz e autonomia, o que também requer que o professor, se interesse pelos seus pontos de vista, e busque entendê-los (Tomich, 2016), o que gera uma grande troca de conhecimentos.

Dentre as temáticas presentes na musicalização infantil está, também, o ensino da teoria musical. Esta, por vezes, pode ser considerada maçante, dado seu maior grau de dificuldade (Clave de C, 2023). Entretanto, “o estudo de teoria musical pode ser uma experiência divertida e estimulante se adotarmos abordagens criativas e interativas” (Clave de C, 2023). Por meio de um material didático pensado para suprir essa necessidade, tanto em funcionalidade como esteticamente, será possível tornar a experiência de aprendizado muito mais interessante para as crianças.

O design instrucional surge então como um dos meios de tornar a produção desse material possível, visto que seus processos têm como alvo a esfera da educação. Por definição o design instrucional é a:

Ação intencional e sistemática de ensino que envolve o planejamento, o desenvolvimento e a aplicação de: métodos, técnicas, atividades, materiais, eventos e produtos educacionais; em situações didáticas específicas. Objetivando promover a aprendizagem humana (Filatro, 2008).

Já o design editorial é definido por Fonseca (2017) como o meio responsável pela ligação entre o leitor e a informação. Ele “tem como função trabalhar textos e

imagens, sua organização, hierarquia e assim, construir revistas, artigos, jornais, livros e outros materiais tanto digitais quanto físicos” (Strapazzon *et al.*, 2022). Ademais, conforme Kalbach (2009), dentre as responsabilidades do designer está a “garantia do acesso ao material a pessoas com variadas necessidades especiais” como visuais, auditivas e motoras “através de conteúdos interativos e de fácil utilização” (Kalbach 2009). Sendo assim, a acessibilidade é abordada no projeto de forma que promove o aprendizado por um meio mais lúdico, visual, e descomplicado. A acessibilidade, que é tão importante para nortear o trabalho criativo, já permeia os princípios tradicionais do design em aspectos como a escolha da tipografia, contraste, uso de imagens, ícones, cores adequadas, hierarquia, entre outros. Percebe-se então, um compromisso do profissional de design não apenas com sua obra, mas com as pessoas que irão utilizá-la, estabelecida a sua responsabilidade social de promover a integração de todos os elementos que compõem o cenário da acessibilidade (Strapazzon *et al.*, 2022).

#### 1.1.1 Problema de Projeto

Considerando a importância da musicalização infantil e a necessidade de um material editorial que forneça o conteúdo para ser utilizado tanto pela criança no seu aprendizado, como pelo professor de música como material de apoio nas aulas, foi identificado o seguinte problema de projeto: como projetar um produto editorial que incentive a aprendizagem musical das crianças de uma forma descomplicada e lúdica, tornando a experiência de estudo divertida e enriquecedora?

#### 1.2 Justificativa

Como visto anteriormente, a musicalização, quando inserida no contexto infantil, promove uma série de benefícios, tanto nas esferas individual como social. A cultura da infância traz um olhar ainda mais sensível para as crianças, e como seu modo de pensar e estar no mundo é relevante para uma educação musical interessada em suas subjetividades, proporciona, nas aulas de música, um espaço livre para criação e aprendizagem. De acordo com Tomich (2016), o adulto/responsável/professor, “pode e deve passar seu conhecimento às crianças, mas deve, também, deixá-las experimentar seus conhecimentos entre elas mesmas”. E é a partir destes conceitos que este trabalho toma forma.

Além do que diz respeito à musicalização infantil, este material editorial, quando produzido do ponto de vista do design instrucional, possibilita uma aprendizagem adequada, considerando a abordagem construtivista. Baseada na aprendizagem através da exploração do mundo e que busca a integração de conceitos e habilidades dentro das competências e conhecimentos já existentes no aluno (Filatro, 2008). A abordagem construtivista, quando unida à valorização da cultura infantil, permite a criação de um material que gere reflexão atrelada a atividades práticas e novos conhecimentos.

O design editorial por sua vez, além de objetivar a transmissão da informação ao leitor de forma coesa e útil, também carrega funções muito importantes como: atrair os leitores, dar expressão e individualidade ao conteúdo, estruturar a informação de forma clara (Fonseca, 2017). Ademais, um design editorial didático moderno pautado pela acessibilidade, tanto visual como linguística, se apresenta como extremamente relevante no mercado editorial musical atual, marcado por obras, ainda que muito úteis, desinteressantes e maçantes visualmente.

Além das demais justificativas citadas, a motivação pessoal da autora também desempenha um papel importante na execução desse projeto. Desde a infância a autora sempre gostou de cantar e tocar violão, aprendendo por conta própria. Assim como, sempre foi muito movida por escutar as músicas, prestando atenção por vezes na letra, por vezes na melodia, notando como a música é capaz de mudar o humor das pessoas, trazendo lembranças, ou até mesmo “criar universos alternativos”.

Dada a importância da musicalização na infância, é possível perceber o quão divertido seria ter aulas de música na escola, ter contato com diferentes instrumentos, conhecer suas nuances, suas possibilidades, entender de teoria musical e como tudo se conecta. Como estudante de design, a autora entende que o designer possui papel fundamental tanto na resolução de problemas e aprimoramento estético, como na promoção de um ensino facilitado, acessível e interessante, primeiramente aos olhos, e depois ao corpo e mente.

### 1.3 Objetivos

Este trabalho tem como objetivo principal a produção de material editorial para musicalização infantil.

Sendo assim, os objetivos específicos são:

a) Compreender o que é a musicalização na infância, quais suas esferas de ensino e como ela é aplicada com fins didáticos, por meio de pesquisas, análises e entrevistas com professores;

b) Aplicar o design editorial para tornar a experiência do aprendizado sobre música e teoria musical mais simples, plural e interessante;

c) Definir qual a forma de abordagem a partir do Design Instrucional;

d) Realizar uma curadoria do material a ser inserido no livro, incluindo o conteúdo textual e atividades. Assim como, escrever o conteúdo na linguagem mais adequada conforme a abordagem de design instrucional e faixa etária do público-alvo definido;

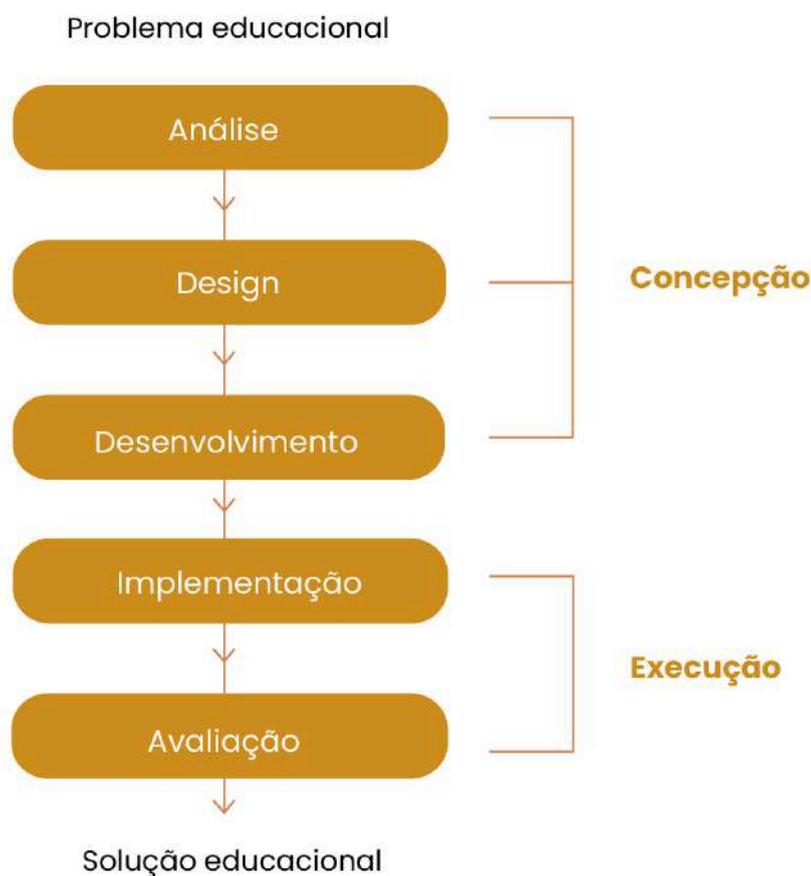
e) Gerar e selecionar alternativas estéticas e funcionais para o modelo final do livro;

f) Produzir o modelo final do material editorial de musicalização infantil e especificá-lo tecnicamente para impressão do protótipo.

## 2 METODOLOGIA

Para a formulação do método utilizado neste trabalho serão utilizadas duas metodologias como base. A primeira é no âmbito do design instrucional, o modelo sistêmico DSI, em inglês, ISD (*Instructional System Design*) também conhecido como ADDIE, sigla cujas iniciais representam as fases: análise (identificação), design (especificação), desenvolvimento (produção), implementação (ação) e avaliação (reflexão), sendo as primeiras três referentes à etapa de concepção e as duas últimas à de execução (como pode ser visto na Figura 01). “Cada fase do DSI inclui diversas atividades e resultados que subsidiam as fases seguintes de forma integrada” (Enap, 2015). Por se tratar de um projeto que não será aplicado, o foco será na etapa de concepção.

Figura 01 – Fluxograma modelo ADDIE.



Fonte: Filatro, 2008 (adaptado).

Como metodologia complementar foi escolhida a metodologia projetual para produtos gráfico-impresos, de Volnei Matté (2004), professor do Instituto de Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Ao perceber uma carência de uma metodologia aplicada especificamente nessa área, o professor trouxe uma nova proposta que engloba tanto o aspecto informacional (informação/mensagem) quanto o aspecto físico (suporte/meio) de um produto de comunicação. (Matté, 2004).

A metodologia de Matté é dividida em oito etapas, sendo 6 delas divididas em três fases do projeto intituladas: Compreensão do Projeto, Configuração do Projeto e Realização do Projeto. A primeira e última etapas, Problematização e Supervisão, são independentes. É possível compreender melhor as fases, etapas e atividades respectivas analisando a figura 02. O autor ainda reitera que estas “devem estar em perfeita integração nas suas mais variadas formas como, por exemplo, a linearidade, a retroalimentação, a ciclicidade e até mesmo a simultaneidade” (Matté, 2004), o que significa que mais de uma fase pode ser realizada ao mesmo tempo.

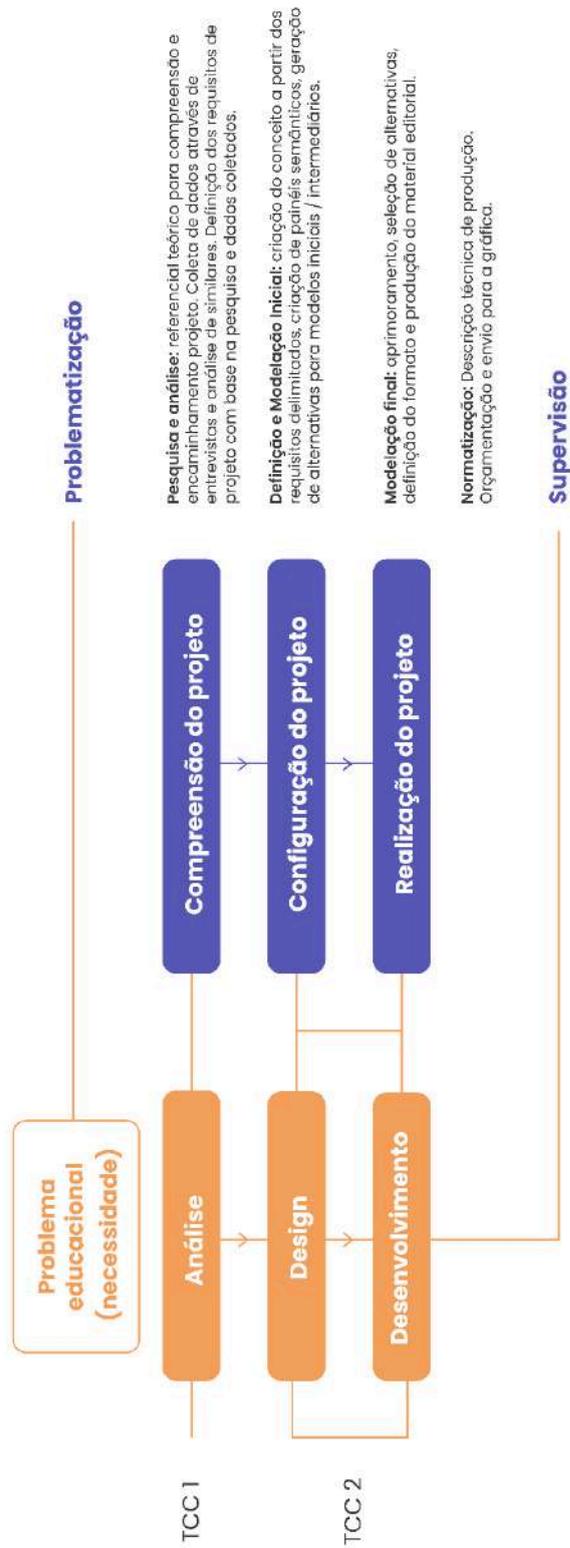
Figura 02 – Fluxograma Metodologia de Matté.

FASES	ETAPAS	ATIVIDADES
	<b>Problematização</b>	Exposição do Problema Programa Contrato
COMPREENSÃO DO PROJETO	<b>Pesquisa</b>	Diacrônica Sincrônica Aspectos mercadológicos
	<b>Análise</b>	Função utilitária / necessidade Uso / funções técnico-físicas Estrutura / materiais e processos produtivos / custos Formal e informacional
CONFIGURAÇÃO DO PROJETO	<b>Definição</b>	Lista de requisitos Hierarquia de fatores projetuais Redefinição do Problema
	<b>Modelação Inicial</b>	Modelos Iniciais/ intermediários
Realização do projeto	<b>Modelação final</b>	Modelos finais
	<b>Normatização</b>	Codificação para produção Descrição técnica de produção
	<b>Supervisão</b>	Apoio técnico à produção e implementação

Fonte: Matté (2004), adaptado.

A união do modelo de Design Instrucional com a metodologia de Matté (2004) propiciou a formulação de uma metodologia adaptada (Figura 03), que atende tanto às premissas do Design Instrucional como do Design Editorial.

Figura 03 – Fluxograma metodologia adaptada



Fonte: Elaborado pela autora.

### 3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta fase são desenvolvidas as diferentes temáticas deste Trabalho de Conclusão de Curso com base em materiais (artigos, dissertações, livros, entre outros) que fundamentam o tema em pauta. O objetivo é compreender os conhecimentos específicos e fundamentais necessários para a produção do projeto, incluindo os tópicos: Música, Musicalização Infantil, Teoria Musical, Design Instrucional e Design Editorial.

#### 3.1 Música

Qual o significado de música? Conforme a autora do livro *Música na Educação Infantil*, Teca Alencar de Brito, a linguagem musical tem sido interpretada, definida e entendida de várias maneiras ao longo dos anos, posto que cada época, cultura e concepções estéticas vigentes, influenciam no modo de pensar o que é música (Brito, 2003). De acordo com o dicionário do Google, a música é definida como uma “combinação harmoniosa e expressiva de sons” (Oxford Languages, 2024). Há autores que corroboram com esta ideia, como Pannain (1975, *apud* Brito 2003), que define a música como “a arte de combinar sons e formar com eles melodia e harmonia”. Contudo, para Brito (2003), estas afirmações são inadequadas, pois nem toda música é constituída por estes elementos. A autora, portanto, reitera a fala de Koellreutter de que “a música é uma linguagem, posto que é um sistema de signos” e completa, afirmando que a música é a linguagem que organiza o som e o silêncio no tempo.

Segundo Brito (2003), com o passar do tempo, diferentes tipos de sons foram sendo atrelados ao que conhecemos como música hoje em dia, como o ruído, inserido como elemento de valor estético na música ocidental do século XX. Outros parâmetros, como altura, timbre e duração também não foram sempre considerados parâmetros para o que conhecemos por música. Entretanto, hoje em dia são fatores chave no seu estudo. A música, portanto, não se restringe à melodia, ritmo e harmonia, conceitos comuns na área, mas também possui outras possibilidades de organização do material sonoro (Brito, 2003). O que, no caso das crianças, pode significar muitas oportunidades.

A música é uma das atividades culturais mais ricas e difundidas da sociedade atual (Iazzetta, 2001). Ela permeia o dia a dia de todos, e como veremos mais a frente, tem um caráter formador imprescindível para as crianças. Entretanto, há uma

dualidade em seu efeito, pois ao mesmo tempo que é amplamente produzida, difundida e consumida, a música também “conserva um caráter de abstração que resiste a qualquer definição fechada ou precisa” (Iazzetta, 2001).

As muitas músicas da música – o samba ou o maracatu brasileiro, o *blues* e o *jazz* americanos, a valsa, o rap, a sinfonia clássica europeia, o canto gregoriano medieval, o canto dos monges budistas, a música concreta, a música aleatória, a música da cultura infantil, entre muitas outras possibilidades – são expressões sonoras que refletem a consciência, o modo de perceber, pensar, e sentir de indivíduos, comunidades, culturas, regiões, em seu processo sócio-histórico (Brito, 2003).

A música, portanto, não possui apenas um significado, e nem poderia, dada a sua complexidade de interpretação, tanto do próprio conceito, como de sua capacidade de mutabilidade constante em concordância com a evolução da sociedade. Todavia, ter isso em mente é imprescindível no que se trata da musicalização infantil, próximo tópico a ser abordado neste trabalho.

### 3.2 Musicalização Infantil

Além das diversas definições de música já descritas anteriormente, mais uma se faz necessária para sintetizar a sua função, segundo Brasil (1998, *apud* Santos; Kobayashi; Mosca, 2020) a música é “a linguagem que se traduz em formas sonoras capazes de expressar e comunicar sensações, sentimentos e pensamentos, por meio da organização e relacionamento expressivo entre o som e o silêncio”. Sendo assim, a musicalização, termo referente à educação em música, é caracterizada pelo desenvolvimento da compreensão e sensibilização com esta linguagem artística (Penna, 2012 *apud* Santos; Kobayashi; Mosca, 2020).

A musicalização traz consigo diversos benefícios na construção do conhecimento das crianças, como um maior desenvolvimento da criatividade, senso rítmico, prazer em ouvir música, concentração, autodisciplina, memória, consciência corporal, além de incentivar a socialização e afetividade (Brécia, 2003 *apud* Guimarães, 2019). De acordo com Santos, Kobayashi e Mosca (2020), a musicalização não é um fenômeno exclusivo da educação básica, mas quando inserida nela ela objetiva desenvolver e aprimorar a “apreensão da linguagem musical” (Penna, 2012 *apud* Santos; Kobayashi; Mosca, 2020).

Para Brito (2003) “a educação musical não deve visar a formação de possíveis músicos do amanhã, mas sim a formação integral das crianças de hoje”. E

este pensamento reverbera o olhar para uma musicalização em que as crianças expressem quem são, e brinquem, cantem e dançam, “através de uma metodologia lúdica e dinâmica, própria do mundo da criança” (Guimarães, 2019).

Nem sempre a educação musical seguiu estes moldes, de acordo com Santos, Kobayashi e Mosca (2020), a educação musical “assumiu diferentes papéis durante a história da sociedade ocidental, seja na Educação Básica, no Conservatório, na rua ou no espaço público”. Em concordância com o que foi citado no tópico anterior, a educação musical e o que entendemos por música se modificam com o passar dos anos, em razão de diferentes épocas, culturas e concepções estéticas vigentes.

### 3.2.1 Contexto histórico da educação musical no Brasil

Segundo Jusamara Souza (2014), a delimitação de quando começou a educação musical no Brasil não é muito precisa e existem vários primeiros registros em diversos estados brasileiros. A autora ainda explica que a educação musical brasileira é analisada por meio de outros vieses, como da musicologia, etnomusicologia, sociologia da música ou até da educação e história. Em seu artigo – Sobre as Várias Histórias da Educação Musical no Brasil – Souza (2014) elenca as diferentes histórias que podem ser analisadas. A primeira é a história das instituições, estas consideradas por muitos autores como um marco temporal. A segunda é a história do canto orfeônico no Brasil, que compreende inicialmente as décadas de 1930, 1940 e 1950. A terceira é a história dos cursos superiores de música no Brasil, cujas origens são muito conectadas às histórias de conservatórios ou instituições isoladas do ensino de música (Souza, 2014).

A quarta é a história da educação musical escolar. Um grande marco para o seu desenvolvimento foi o sancionamento da Lei N° 11.769, em 18 de agosto de 2008, estabelecendo a obrigatoriedade do ensino de música nas escolas de educação básica. Esta lei trouxe à tona um grande desafio para as escolas brasileiras, e “cabe à área da educação musical discutir caminhos e processos para sua implantação” (Ilari; Mateiro, 2012).

Além disso, a nova lei reiterou o quanto o ensino de música no Brasil ainda seguia os moldes europeus de ensino, pautados pela música erudita, ou seja, a que conhecemos como clássica (Tomich, 2020). Para Galon, Palheiros e Joly (2023), a educação musical brasileira, mesmo que seguindo para um rumo promissor, ainda é

muito demarcada pela chamada colonialidade do saber, que carrega os modelos conservatorial e tradicional de ensino europeu, decorrentes da colonização. Não abrindo espaço para a criação musical de maneira flexível, o modelo colonial “se baseia em processos de ensino pautados na execução somente da música notada, reprodução, desenvolvimento técnico voltado à profissionalização, separação do músico instrumentista e compositor, grande hierarquização entre professor e aluno” (Galon; Palheiros; Joly, 2023).

A partir disso é possível perceber como a música também possui o aspecto político. A música imbuída de criticidade produz uma série de reflexões, que levam ao desenvolvimento das formas de ensino e aprendizagem. De acordo com o educador e filósofo Paulo Freire em sua obra *Pedagogia da Autonomia*, a educação para a autonomia objetiva formar sujeitos críticos, reflexivos e ativos para a transformação da sociedade (Feichas; Narita, 2016).

Seguindo a cronologia que vinha sendo apresentada, a quinta categoria é a história do ensino musical instrumental, que considera as orquestras, coros, grupos instrumentais e vocais. A sexta é a história da educação musical não escolar, compreendida por espaços para ensinar e aprender música. A sétima é a história das associações, muito importantes ao reunir o trabalho de professores e pesquisadores. E a oitava e última é a história do material didático, que poderá ser entendida um pouco melhor nas abordagens apresentadas no tópico a seguir (Souza, 2014).

### 3.2.2 Abordagens da Educação Musical Infantil

A educação musical possui diversos tipos de métodos desenvolvidos por diferentes músicos e especialistas ao longo dos anos. Contudo, estes métodos são relativos à época em que foram criados, e conseqüentemente às concepções estéticas e culturais de cada momento.

Conforme citam as autoras Teresa Mateiro e Beatriz Ilari (2012), em seu livro *Pedagogias em Educação Musical*, “os métodos se diferenciam entre si, alguns são mais prescritivos com materiais didáticos bastante fechados, outros menos, fornecendo sugestões ou relatos de atividades mais abertas e flexíveis” (Ilari e Mateiro, 2012). Apesar de suas divergências, estes métodos compõem propostas de como desenvolver a prática da educação musical por parte dos professores. Cabe, portanto, ao professor estudar e compreender qual método acredita e se adequa

melhor, pois “o conhecimento, a análise e a avaliação de propostas da pedagogia musical podem sustentar uma reapropriação – crítica, criativa e pessoal – de suas contribuições” (Ilari; Mateiro, 2012).

Algumas das abordagens citadas pelas autoras são as de: Jaques-Dalcroze, Kodály, Willems, Orff, Martenot, Suzuki, Meyer-Denkman, Paynter, Schafer, Wuytack (Ilari; Mateiro, 2012). Entretanto, a seguir, serão elucidadas apenas algumas, consideradas mais interessantes no desenvolvimento deste projeto. Vale ressaltar que as autoras dos artigos que explicam as pedagogias criadas e utilizadas por essas personalidades, são distintas das autoras do livro em questão, mas integram a obra em seus capítulos.

- **Émile Jaques-Dalcroze**

As descobertas deste compositor e pedagogo suíço abriram portas novas pedagogias musicais do século XX. Segundo Mariani (2012) seu método era baseado no movimento e na escuta ativa. A denominada Rítmica buscava desvincular o aluno de um aprendizado monótono e uma prática mecânica no aprendizado de música, inserindo a utilização do corpo como meio de expressão. Os exercícios propostos por Jaques-Dalcroze buscavam estabelecer relações entre o movimento e a audição, os sons e as durações, o tempo e a energia, o dinamismo e o espaço e a música e o gesto (Mariani, 2012).

- **Zoltán Kodály**

Para este compositor e educador húngaro a música deve ser vista como pertencente a todos e como parte integrante da cultura do ser humano, assim como as aulas de música devem ser oferecidas nas escolas, a fim de fazer da alfabetização e das habilidades musicais parte da vida do cidadão (Silva, 2012). Sua proposta traz o uso da voz e do canto, como foco principal, tornando o aprendizado da música acessível para alunos de diversas nacionalidades, idades e interesses, incentivando também um fazer musical ativo e expressivo (Silva, 2012).

- **Carl Orff e Gunild Keetman**

A abordagem Orff-Schulwerk, assim como as demais citadas acima, integra a categoria de pedagogias ativas, visto que promove o ensino/aprendizagem de música por meio de propostas interativas. O seu objetivo é, através do conceito de

música elementar e em prol dele, dar ênfase à linguagem, movimento, brincadeira, improvisação, experimentação e ludicidade. Ademais, busca desenvolver capacidades psicomotoras, sensíveis e mentais e é uma pedagogia ativa que incentiva a invenção, criatividade e expressividade da criança (Santos, Kobayashi e Mosca, 2020).

Seguindo na mesma linha de raciocínio, semelhante à música elementar de Orff, um campo de estudos que vem se estruturando há algumas décadas, conforme afirma Souza (2021), é a chamada cultura da infância, ou cultura das crianças. Esta é baseada em “princípios fundamentais que entendem a criança como um ser dinâmico, isto é, como um sujeito que participa ativamente de trocas e interações com seus pares e com o mundo que a rodeia” (Souza, 2021).

Uma grande pesquisadora da cultura da infância é a educadora e musicóloga Lydia Hortélio. Contudo, Lydia não estudou apenas a cultura das crianças no âmbito musical, mas também a fase da infância como um todo. De acordo com a musicóloga, a cultura das crianças é marcada pelas experiências, as descobertas, e o próprio modo de viver e criar relações das crianças (Tomich, 2016).

O reconhecimento do protagonismo infantil e das diversas realidades sociais, históricas, políticas e culturais em que se encontra determinado grupo infantil, gera uma relação de cumplicidade entre adultos e crianças na construção de conhecimentos. Dar voz à criança requer do adulto/professor/pesquisador um novo posicionamento, um adulto que reconheça suas capacidades, que se interesse por seus pontos de vista, e que permita partir da criança o seu movimento natural de expressão e de desenvolvimento (Tomich, 2016).

Ainda conforme Hortélio, existem 10 princípios que regem a música da cultura das crianças, que são: a presença do lúdico, o encontro com o outro, o convívio com a natureza, a integração das artes, a integração do corpo com a mente e o espírito, a presença da alegria, a criatividade, o afeto, os valores culturais, e a vontade de fazê-la (Tomich, 2016).

Souza (2021) corrobora com esse pensamento, afirmando que “a música na infância é integralmente imbuída de ludicidade”, posto que é perceptível “sua manifestação espontânea, por exemplo, nos jogos e nas brincadeiras musicais infantis tradicionais”.

Além disso, a cultura das crianças estudada por Lydia Hortélio, evidencia a necessidade de um equilíbrio entre as instâncias criança, natureza e brinquedo. Neste caso o brinquedo/brincar é compreendido como uma série de coisas, “o

brinquedo é a palavra, o texto literário; é a música, o movimento; é o drama e o outro, o companheiro de brinquedo. E isso é um todo indivisível” (Hortélio, [s.d.] *apud* Tomich, 2016). Um dos principais meios de musicalização presentes nas obras de Hortélio são as cantigas de roda, passadas de geração para geração, que geralmente contam histórias que as crianças podem ir acompanhando cantando e movimentando o seu corpo. Em seu álbum intitulado *Abra a Roda Tindolelê* (Figura 04) ela apresenta um repertório repleto de brincadeiras tradicionais da cultura brasileira como cirandas, rodas de verso, brincadeiras de mãos e cantigas de roda. As canções (brinquedos) cantadas pelas crianças da Escola Casa Redonda, oferecem uma série de brincadeiras que desenvolvem a escuta, o movimento e o ritmo (Tomich, 2016).

Figura 04 – Capa do Álbum *Abre a Roda Tin do Lê Lê*, com adição da letra da música

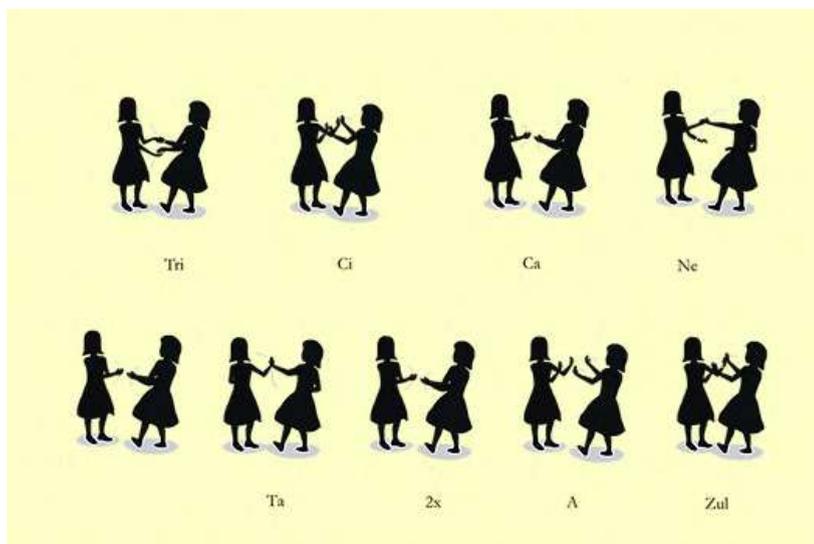


Fonte: Tomich (2016), adaptado pela autora.

Este é apenas um dos exemplos de canções utilizadas na musicalização infantil. Algumas das cantigas brasileiras mais conhecidas são, por exemplo: *Borboletinha*, *O Sapo Não Lava o Pé*, *Se Essa Rua Fosse Minha*, *Cai Cai Balão* e *Ciranda Cirandinha*. O site da instituição intitulada Casa das 5 Pedrinhas, criada por Lydia Hortélio, conta com um “Baú de Brinquedos” que possui uma infinidade de

canções, brinquedos e atividades, como no exemplo abaixo (Figura 05) com a música Trici Caneta.

Figura 05 – Jogo de mãos da música Trici Caneta

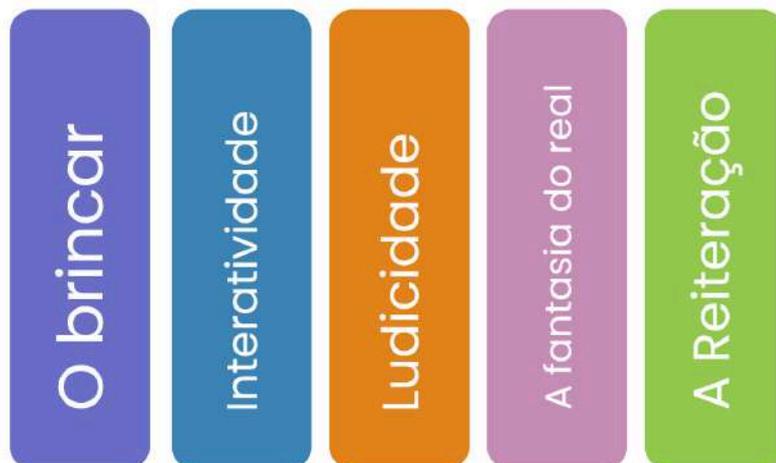


Fonte: Casa das 5 Pedrinhas (2024).

Para a educadora Dulcimarta Lino (2010), ao brincarem com os sons, as crianças “participam da experiência sonora num tempo de conexões significativas entre os acontecimentos, suspendendo o automatismo das ações para entrar em relação com o som, matéria-prima que provoca movimento apreendido pelo ouvido”. Ademais, ela complementa sua pesquisa, afirmando que a música da cultura da infância é o chamado Barulhar, ou seja, a forma como as crianças expressam poeticamente sua música (Lino, 2010).

De acordo Sarmiento (*apud* Souza, 2021) a musicalização infantil possui 4 eixos: a interatividade, a ludicidade, a fantasia do real e a reiteração. Souza (2021), que é autora do Guia Prático para Musicalização Infantil disponibilizado gratuitamente de forma digital pelo Ministério da Educação, concorda com essa afirmação e ainda coloca que estes eixos relacionam-se diretamente com o brincar, formando então 5 pilares principais da musicalização infantil (Figura 06).

Figura 06 – 5 pilares da educação musical infantil para Souza (2021)



Fonte: Souza (2021) adaptado pela autora.

Visto que os 3 primeiros pilares já foram abordados anteriormente no projeto, cabe explicar melhor os dois últimos. A fantasia do real refere-se ao modo de pensar das crianças repleto de criatividade, dado que seu universo imaginativo também é cercado de música. Já a reiteração, refere-se à capacidade das crianças de “criar novas melodias, novos ritmos, novos gestos e movimentos a partir da troca de ideias” (Souza, 2021). Portanto, de acordo com a autora, o professor deve buscar compreender esse universo imaginativo das crianças e proporcionar à elas um ambiente que favoreça a escuta, pesquisa e a descoberta. Para John Cage, “a escuta que transforma em música aquilo que, por princípio, não seria considerado musical” e “um ouvinte é sempre um ouvinte compositor”, à medida que adequa o que ouve, e transforma os sons em música a partir de sua subjetividade (Cage *apud* Souza, 2021).

Estas prerrogativas abrem margem para elucidar o quão importante é o incentivo ao ouvir atento, por parte das crianças, mas também dos educadores e pais/responsáveis, visto que estes são muito influentes nesse processo de construção de conhecimento. O ouvir atento propicia uma maior sintonia entre as partes, assim como promove a criatividade, a empatia, e o desenvolvimento do aprendizado (Souza, 2021).

No Guia de Musicalização, a autora também aborda práticas musicais muito importantes a serem desenvolvidas. A primeira é a interpretação, prática ligada à

compreensão e execução de um jogo musical, por exemplo. Entretanto, a interpretação também é regada pela subjetividade da criança ao se expressar. A segunda é a apreciação musical, “pois é por meio de uma audição consciente, reflexiva e criativa que as demais ações — interpretar, improvisar, compor — se aprimoram e evoluem” (Souza, 2021). Além disso, uma ampla apreciação musical também permite que a criança conheça diferentes gêneros musicais, artistas e instrumentos.

### 3.3 Teoria musical

O primeiro conceito necessário para começar a compreender a música como uma linguagem é a relação entre o som e o silêncio (Brasil *apud* Santos 2020). Segundo Souza (2021), “o som é um movimento vibratório produzido por um determinado objeto, propagado num determinado meio e interpretado por nossa audição” e o silêncio é, em teoria, a ausência de som. Contudo, de acordo com a autora, não existe silêncio absoluto, visto que estamos sempre cercados por “vibrações sutis que só percebemos quando prestamos atenção” (Souza, 2021). Dessa forma, os sons e os silêncios que nos rodeiam, por si só, já constituem um sistema de comunicação muito rico e que “nos coloca em direta conexão com os movimentos das coisas, com a vida” (Souza, 2021).

A teoria musical, caracteriza-se então, em síntese, pelo conjunto de normas e conceitos para o aprendizado técnico da música. Estas podem ser tanto atemporais, como também associadas ao modelo histórico de sua concepção (Priore, 2013). Ao longo do tempo, vários teóricos surgiram com suas diferentes descobertas acerca de música, o que confere a mesma uma mudança conforme o paradigma cultural da época (Priore, 2013).

Para o ensino das crianças neste projeto buscar-se-á produzir um material que traga a parte técnica que compreende a teoria musical de um modo que gere fácil compreensão, associando os conceitos a situações e realidade das crianças, buscando “dar nome” a conceitos que, muito provavelmente, já estejam intrínsecos no seu dia a dia. A abordagem da teoria musical neste projeto busca, portanto, ter um caráter mais simplificado e divertido, visto que, ao primeiro olhar de um leigo, parece um conteúdo de difícil compreensão.

### 3.3.1 Conceitos básicos

Tendo a relação entre som e silêncio elucidada, a seguir serão apresentados alguns dos conceitos básicos para a compreensão da música a partir de termos técnicos, com base na obra Teoria Musical, do professor Luciano Alves (2004) e na obra “Guia para musicalização infantil” de Fernanda Souza (2021), na qual ela se refere aos termos por “Qualidades Sonoras”. Sendo assim, o som, produzido por vibrações, possui diferentes elementos:

- **Altura:** propriedade que depende da frequência de vibração das cordas, ela que faz o som ser agudo ou grave. Quanto maior a vibração do som, mais agudo ele será e vice-versa. As notas musicais Dó, Ré, Mi, Fá, Sol, Lá, Si quando na mesma oitava, são um exemplo. A altura é um parâmetro muito importante na criação de melodias;
- **Intensidade:** é a propriedade do som de ser mais forte ou mais fraco, ou seja, o volume. Contudo, a intensidade também pode depender da força com que tocamos um instrumento, como a força que batemos nas cordas do violão, por exemplo;
- **Duração:** é o tempo de prolongamento do som na atmosfera, definido pelo seu tempo de ressonância;
- **Timbre:** é a característica que diferencia o som de um instrumento para o outro, e dá singularidade e personalidade para cada um, como por exemplo a mesma nota sendo tocada no piano, no violão ou através da própria voz. É uma característica que pode ser muito explorada no fazer musical;
- **Ruído:** Som complexo, sem altura definida, definido por vibrações irregulares. Hoje em dia, com os instrumentos eletrônicos, sintetizadores e computadores com programas cada vez mais versáteis, transformar ruídos em música tornou-se comum;
- **Densidade:** Maior e menor quantidade de sons percebidos ao mesmo tempo, e como eles se relacionam;
- **Ritmo:** é uma variável que depende tanto da duração, como da intensidade. As relações entre os sons compõem o ritmo;
- **Melodia:** é uma sucessão organizada de notas musicais, sequências de sons que apresentam um determinado contorno ou perfil;
- **Harmonia:** são conjuntos ou somatórias de sons organizados por determinada regra, que mantém uma altura entre si.

### 3.3.2 Leitura de partitura

Segundo Alves (2004), a leitura de partitura integra os conhecimentos da teoria musical, e sua compreensão se deve aos estudos de diferentes partes que a integram e definem, como:

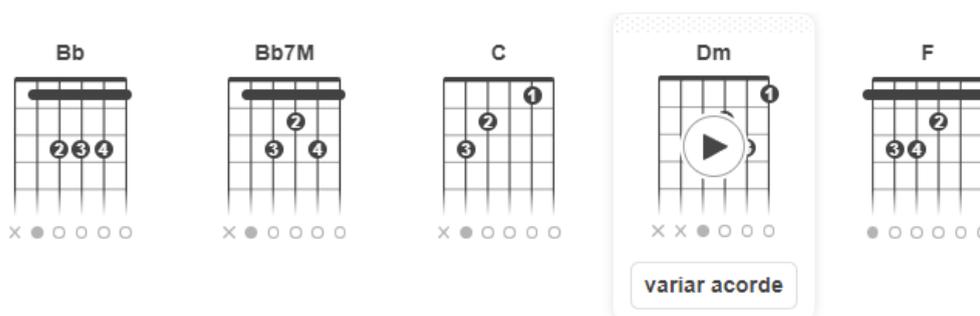
- Nome das notas: Dó, Ré, Mi, Fá, Sol, Lá, Si. Em uma mesma oitava, a nota Dó é a mais grave e a Si a mais aguda. Em um piano, por exemplo, as notas à esquerda são mais graves, e à direita mais agudas (Figura 07). Em inglês, as notas são denominadas C, D, E, F, G, A e B, respectivamente. Este sistema é chamado Cifra, e é utilizado para indicar acordes (Figura 08).

Figura 07 – Notas no piano



Fonte: Alves (2004).

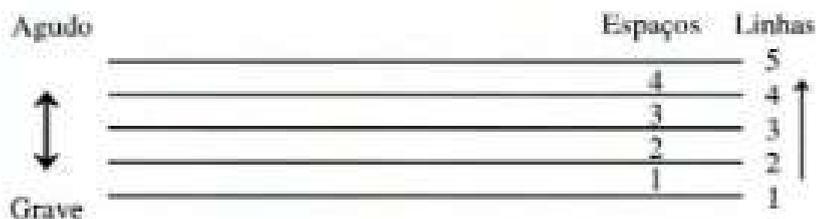
Figura 08 – Exemplos de cifras de acordes no violão



Fonte: Cifra Club (2023).

- Pauta ou Pentagrama: reunião de 5 linhas e 4 espaços nas quais são escritas as notas musicais (Figura 09).

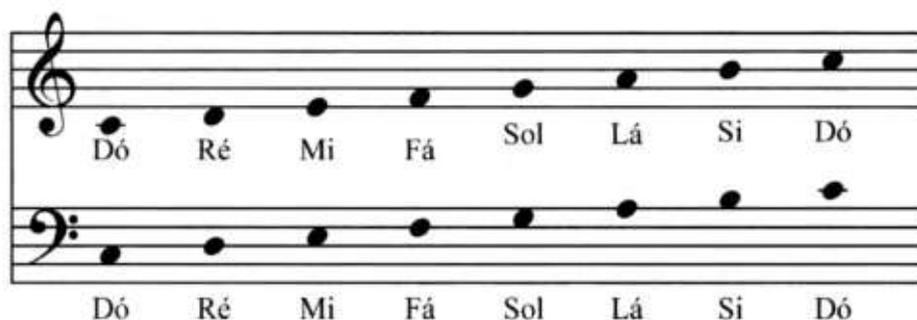
Figura 09 – Pauta com movimentos explicados pelas setas



Fonte: Alves (2004).

- Claves: São sinais que aparecem logo no início das pautas e estabelecem o nome das notas. Como as claves de Sol (em cima na Figura 10) e de Fá (embaixo na Figura 10).

Figura 10 – Pauta ou Pentagrama com as claves e notas



Fonte: Alves (2004).

- Escalas: As escalas são sequências de notas separadas por padrões de intervalo determinados. As principais escalas são a cromática, a escala maior, a escala menor e a escala pentatônica. A escala cromática engloba todos os tons e semitons (Cifra Club, 2023).
- Figuras rítmicas: São símbolos que representam a leitura do som e do silêncio entre os mesmos (Figura 11).

Figura 11 – Figuras rítmicas

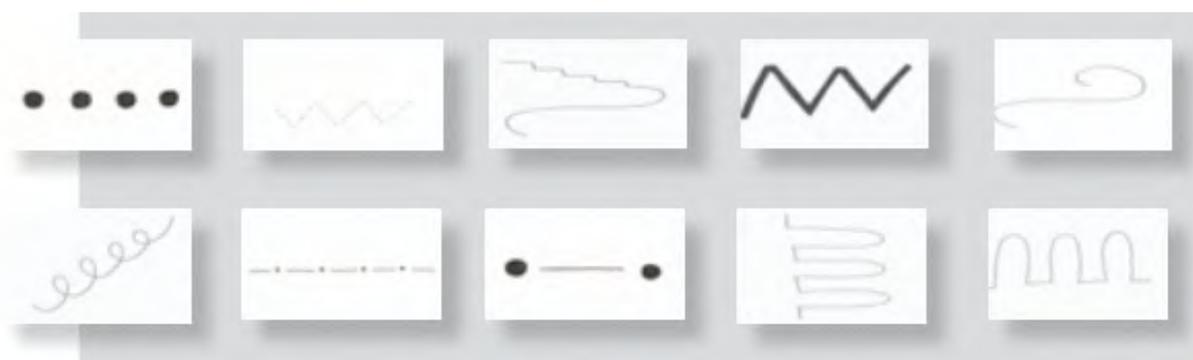


Fonte: Alves (2004).

### 3.3.3 Notação musical alternativa

Segundo Ciszewski (2010), a notação musical é a forma visual pela qual representamos os sons, de modo que a notação tradicional é constituída pelas notas musicais que vemos nas partituras, como foi explicado logo acima. Dessa forma, a notação musical alternativa é um meio não tradicional que serve para “estimular a percepção, o raciocínio lógico, a significação do símbolo na criança e a criação por meio da notação musical não tradicional” (Ciszewski, 2010). Por caracterizar-se por registros gráficos que podem ser feitos pela própria criança e que representam diferentes sons, buscando explorar as qualidades sonoras como timbre, altura, duração, estes desenhos são muito diversos. Na Figura 12 há notações musicais alternativas produzidas por Ciszewski, visando a produção de um material didático pautado na associação entre sons e desenhos que os representam.

Figura 12 – Notações musicais alternativas



Fonte: Ciszewski (2010).

### 3.4 Design Instrucional

O Design Instrucional é definido por Filatro (2008), como a ação intencional e sistemática de ensino que envolve o planejamento, o desenvolvimento e a aplicação

de: métodos, técnicas, atividades, materiais, eventos e produtos educacionais; em situações didáticas específicas, objetivando promover a aprendizagem humana. Dessa forma, o design, quando atrelado à esfera instrucional, se encarrega da identificação de algum problema de aprendizado (ou necessidade) vigente, a fim de projetar uma solução para ele (Filatro, 2008).

Dentro do design instrucional existem diferentes níveis de concepção e implementação, sendo o Macro, Meso e Micro, referentes à instituição, à diferentes cursos/ disciplinas, e ao projeto das unidades de ensino, respectivamente (Filatro, 2008). Neste trabalho, a escala Micro entra em evidência, visto que o projeto do livro será dividido em diferentes unidades de aprendizagem.

Portanto, o Design Instrucional segue 5 passos principais: analisar a necessidade/problema, projetar a solução, desenvolver a solução, implementar a solução e avaliar a solução (Filatro 2008). Sendo os 3 primeiros compreendidos neste projeto.

#### 3.4.1 Abordagem e Modelo de Design Instrucional

O Design Instrucional possui diferentes tipos de abordagens que são definidas conforme os objetivos de aprendizagem de cada projeto (Filatro, 2008). A abordagem estabelecida para este projeto é a Construtivista Social.

A abordagem construtivista se caracteriza por uma aprendizagem baseada na exploração do mundo, neste caso, que rodeia as crianças (Filatro, 2008). Uma aprendizagem que busca a integração de conceitos e habilidades dentro das competências e conhecimentos já existentes no aluno, ou seja, corroborando em sua totalidade com a premissa do projeto de valorizar a cultura da infância, considerando a “criança como um ser dinâmico, isto é, como um sujeito que participa ativamente de trocas e interações com seus pares e com o mundo que a rodeia” (Souza, 2021). Sendo assim, esta forma de aprendizagem, segundo Paulo Freire, propicia um ambiente em que “todas as vozes são ouvidas, diferentemente das propostas educacionais onde o professor é o único detentor do conhecimento.” (Feichas; Narita, 2016).

O teórico-chave relacionado à abordagem construtivista é o epistemólogo suíço Jean Piaget. Conforme afirma Abreu *et al.* (2010), a epistemologia genética trata do desenvolvimento do indivíduo no que tange ao conhecimento, ou seja, analisa as diferentes etapas de vida de uma pessoa desde o nascimento e como a

inteligência e conhecimentos são construídos, assim como, quais processos fazem parte do caminho. Portanto, a “Epistemologia Genética objetiva explicar a continuidade entre processos biológicos e cognitivos, sem tentar reduzir os últimos aos primeiros” (Abreu *et al.*, 2010). Ademais, a teoria de Piaget explica que “a aquisição de conhecimentos ocorre através da interação sujeito/objeto, por meio dos processos de assimilação, acomodação e equilíbrio” (Abreu *et al.*, 2010). Estas, por sua vez, resultam na adaptação.

A obra de Piaget apresenta 4 estágios do desenvolvimento cognitivo do ser humano, desde um estado de completo desconhecimento até a capacidade de compreender o que está além do seu redor (Abreu *et al.*, 2010). Contudo, segundo Azevedo (2014), esta divisão de faixas etárias é uma referência e não uma verdade absoluta, e cada indivíduo possui suas próprias vivências, bem como fatores sociais e educacionais que influenciam os estágios pré-definidos (Figura 13).

Figura 13 – Estágios da infância de Piaget



Fonte: Adaptado de Piaget (Abreu *et al.*, 2010).

A teoria de Piaget fornece uma base, nem fixa, nem absoluta, mas assertiva para a delimitação da faixa-etária alvo deste projeto material de musicalização, considerando o poder de assimilação que as crianças possuem em determinado estágio da vida dados os fatores biológicos, cognitivos e sociais. Sendo assim, a faixa-etária definida para elaboração do projeto é a dos 5 aos 10 anos de idade, abrangendo os estágios 2 e 3, dadas as capacidades motoras e mentais adquiridas,

e levando em consideração os aspectos estéticos que se pretende atingir com o projeto, visto que objetiva uma proposta mais lúdica visualmente, com uma linguagem simplificada.

Tratando-se do modelo de design instrucional, existem três tipos diferentes, o modelo fixo, o aberto e o contextualizado, sendo que estes são definidos conforme a realidade educacional em pauta (Filatro, 2008). O modelo definido para este projeto é o contextualizado, visto que ele é caracterizado por considerar a atividade humana como central, existindo sim unidades fixas e pré-programadas organizadas conforme os objetivos, o contexto do projeto e os níveis de conhecimento, considerando tanto o que a criança já conhece no âmbito teórico da música, como também suas vivências e interesses, a fim que incentivar novas práticas e gerar interesse pela área.

Sendo assim, o projeto objetiva que a ordem dos módulos, embora que sigam uma linha de raciocínio, seja uma sugestão, cabendo ao professor utilizar o material da forma que achar mais adequada. O equilíbrio entre planejamento e personalização é um ponto chave neste processo (Filatro, 2008). Além disso, as atividades podem se sobrepôr, indicando que uma página indique o caminho para entender outra ou fazer alguma atividade. O modelo contextualizado, portanto, se adequa à essência do projeto, na qual o fluxo de conteúdos não é seguido à risca, possibilitando que a subjetividade nutra o conhecimento e a troca entre professor e aluno seja mais rica.

#### 3.4.2 Unidades de Aprendizagem

De acordo com Filatro (2008), as unidades de aprendizagem constituem-se do conceito do projeto, ou seja, as unidades que contém os elementos necessários durante o processo de ensino/aprendizagem. A matriz de design instrucional surge então como uma forma de organizar essas unidades de aprendizagem, oferecendo lacunas que necessitam ser preenchidas a fim de gerar um material completo e assertivo. Mais a frente, na etapa de configuração/design do projeto, será apresentada a matriz, com os módulos/capítulos definidos.

#### 3.4.3 Design de Conteúdo Multimídia

Dentro da área de estudo de Design Instrucional, está o design de conteúdo multimídia, que considera a utilização de mais de uma modalidade sensorial no

projeto, no caso deste livro para musicalização infantil, a visual e a auditiva. Conforme Filatro (2008), desse modo são ativados dois sistemas de processamento mental e a memória é estendida.

A categoria em questão leva em consideração a teoria da aprendizagem cognitiva, na qual a memória possui uma capacidade limitada de processamento. Esta teoria também se utiliza dos princípios de como as pessoas aprendem, sendo a percepção demarcada pelas sensações. Na percepção as pessoas selecionam, organizam e interpretam as informações para dar sentido ao que vêem, escutam e sentem (Filatro, 2008). No processo de aprendizado é necessário prestar atenção, organizar a informação e integrá-la ao conhecimento pré-existente. Neste projeto, o design de conteúdo multimídia visa funcionar tanto de forma individual, quando no caso de uma criança mais velha e alfabetizada quiser utilizá-lo, como também servindo de material de apoio para o professor. Sendo assim, torna-se imprescindível adequar os elementos de design de forma a ressaltar o objetivo de aprendizagem de cada unidade de ensino (Filatro, 2008).

No caso deste material para musicalização infantil, a carga cognitiva adequada, é a extrínseca, que foca em como a mensagem é organizada e apresentada de forma a proporcionar uma representação unificada de imagens, palavras e sons, assim como atividades práticas que ativam a integração dos diferentes canais de ensino (Filatro, 2008). Por não se tratar de um projeto digital e eletrônico, alguns princípios do design instrucional multimídia não são em sua totalidade adequados para a proposta desse projeto. Contudo, podem ser adequados para as necessidades vigentes. Desse modo, os princípios para o uso multimídia em um projeto de Design Instrucional, adaptados de Filatro (2008), são:

- Multimídia: o projeto deve conter textos, gráficos e sons;
- Proximidade espacial: textos, imagens e gráficos de modo integrado;
- Coerência: Excluir tudo que não é relevante;
- Modalidade: Dar prioridade para um canal de informação enquanto a outra auxilia em segundo plano;
- Redundância: Não repetir o mesmo tipo de informação através de dois canais diferentes, a fim de não gerar sobrecarga;
- Personalização: A relação próxima entre o material e o aluno gera mais aprendizado.

- Prática: Proposição de atividades e exercícios práticos requerem do aluno o processamento de informação em contextos autênticos.

### 3.5 Design Editorial

Segundo Fonseca (2017), o design editorial é “uma disciplina do design de comunicação que engloba a concepção e a paginação de publicações impressas ou digitais para diferentes suportes”. Dessa forma, seu papel é organizar o texto e imagem em livros, revistas, cartilhas, jornais, sejam eles impressos ou digitais, através de ferramentas e instrumentos do design gráfico, integrando a identidade visual do projeto a conceitos como legibilidade e leiturabilidade (Unianchieta, 2021 *apud* Strapazzon *et al.* 2022).

Por ter como responsabilidade gerar a ligação entre a informação e o leitor, através de um material coeso e útil, o design editorial possui uma série de funções que encaminha o projeto para esse objetivo, entre elas estão: atrair os leitores, dar expressão e individualidade ao conteúdo e estruturar a informação de forma clara. (Fonseca, 2017).

Os princípios do design gráfico atuam em conjunto com essas funções, contudo a sua utilização por parte do designer carrega a subjetividade do mesmo, conforme afirma Haslam (2010) “o design é uma mistura de decisões racionais e conscientes que podem ser analisadas e decisões subconscientes que não podem ser deliberadas tão prontamente, uma vez que derivam da experiência e da criatividade do designer” (Haslam, 2010, *apud* Fonseca, 2017). Além disso, a própria prática do designer às vezes o leva a tomar certas decisões e posicionar os elementos intuitivamente, dadas a sua experiência e instinto (Fonseca, 2017).

De acordo com Williams (1995), são quatro os principais princípios do Design Gráfico:

- **Contraste:** as informações que não pertencem a um mesmo grupo são diferenciadas umas das outras, seja através da cor, tipografia, tamanho, espessura, forma, espaço etc.
- **Repetição:** Repetir os elementos visuais, através da cor, textura, forma, tamanhos etc. Isso fortalece a unidade.
- **Alinhamento:** Alinhar os elementos cria uma aparência limpa, sofisticada e suave e facilita a associação de informações.

- Proximidade: A desordem é reduzida quando elementos relacionados entre si são agrupados.

Para Hasley (*apud* Fonseca, 2017), o projeto editorial é delimitado por 4 fases: a de documentação, análise da documentação, identificação da natureza e componentes do seu conteúdo e a elaboração do conceito e a definição da expressão do produto. Diante desses processos, o designer analisa o conteúdo já pensando em como pode decupá-lo em unidades menores que proporcionem um melhor entendimento do conteúdo, e é nesse ponto que entra a hierarquia visual, definida por Lupton e Phillips (2008 *apud* Fonseca, 2017), como aquela que “controla a transmissão e o impacto da mensagem. Sem hierarquia a comunicação gráfica fica confusa e dificulta a navegação”. A cor também é um elemento muito importante e, no caso deste trabalho e da ludicidade intrínseca ao modo de viver das crianças, as cores vivas e alegres se apresentam como promissoras.

Em síntese, as decisões acerca do projeto gráfico, como cor, tipografia, e estrutura devem estar em conjuntura com o público-alvo, buscando criar uma atmosfera de imersão, assim como passar autoridade acerca do assunto (Fonseca, 2017). A diagramação, portanto, se encarrega da disposição gráfica destes elementos no layout de um material editorial, a partir dos critérios estéticos e funcionais definidos para o projeto.

Diante da proposta do projeto, que é a produção de um material editorial para musicalização infantil, o formato que se apresenta como mais adequado é o de um **livro físico**, pois proporciona uma gama de possibilidades de atividades e funções, assim como permite uma maior quantidade de capítulos e informações, se comparado a uma cartilha, por exemplo. Além disso, de acordo com a professora e neurocientista pedagógica e clínica, Regiane Melo, a leitura física “possui vantagens, como a sensação tátil do livro, a possibilidade de marcar páginas e a menor exposição à luz azul dos dispositivos eletrônicos, que podem afetar o sono e a saúde ocular” e “tende a promover maior compreensão, retenção de informações e memorização, pois envolve uma interação mais profunda com o texto” (Folha de Pernambuco, 2023). Portanto, o foco deste projeto será na produção de um livro físico, de modo a explorar os potenciais que o manuseio do livro por parte das crianças pode proporcionar.

Sendo assim, faz-se necessária uma breve explicação de como funciona a anatomia de um livro (Figura 14), e os tipos de encadernação, a fim de delimitar quais serão as características mais adequadas para o público infantil dos 5 aos 10 anos.

Figura 14 – Quais são as partes de um livro?



Fonte: Fialho (2017), para a TAG Livros.

Segundo Fialho (2017), para o blog da TAG Livros, um livro pode ser constituído das seguintes partes:

- Orelhas (2 e 10): Dobras da primeira e da quarta capa presentes nos livros de capa mole, que levam informações como um breve resumo da obra e do autor.
- Guarda (3) e folha de guarda(8): estão presentes apenas em edições de capa dura e tem como objetivo grudar a capa ao miolo.
- Capa (4) e Quarta Capa (10): Envolvem o miolo do livro e dão ao leitor a primeira impressão sobre o mesmo.
- Lombada (12): é a lateral do livro, onde geralmente são impressos o nome, o autor e a editora, contudo dependendo do tipo de encadernação ela pode ter diferentes aspectos.

Já o miolo do livro pode ter como características: a falsa folha de rosto, folha de rosto, dedicatória, epígrafe, sumário, prefácio, as páginas textuais e conteudistas, bibliografia, índice, glossário, colofão, entre outras (Fialho, 2017).

A gráfica Futura Express (Leocádio, 2016) apresenta os tipos de encadernação mais comuns que existem no mercado, que são:

- Canoa: as folhas são grampeadas, método muito comum para revistas. Entretanto, não é muito indicado para uma grande quantidade de folhas, pois prejudica o resultado e o manuseio.
- Brochura: a capa é flexível e o miolo é colado na lombada, é comum em livros diversos, manuais e revistas.
- Lombada quadrada: pode ter capa flexível ou capa dura e o miolo pode ser colado ou costurado. Os materiais com essa encadernação geralmente são para grande manuseio e devem ser duradouros.
- Espiral: muito comum para apostilas, tccs e materiais didáticos. Essa encadernação suporta um número grande de folhas. Os furos nas folhas e na capa permitem a união do material pela espiral.
- *Wire-o*: semelhante ao encadernamento em espiral, o *wire-o* tem arames metálicos duplos e o furo feito no material é quadrado. Bastante utilizado em cadernos e agendas, este tipo de encadernamento dá um aspecto mais sofisticado para o material e permite capas flexíveis, capa dura e folhas de gramaturas diversas.

### 3.5.1 Design de livros para educação musical infantil

Segundo Klohn e Fensterseifer (2012) o design editorial destinado ao público infantil carrega consigo alguns fatores que impactam fortemente no possível interesse ou não das crianças por um livro, alguns deles são: espaçamento, diagramação, extensão das margens, temática do livro, cor, ilustrações e materiais - como acabamentos e outros recursos gráficos. Entre os recursos gráficos estão: facas de corte especiais, texturas diferentes, dobras e vincos. A presença da ludicidade e interatividade despertam a curiosidade (Klohn; Fensterseifer, 2012) e, quando atreladas aos preceitos do design instrucional, corroboram com a produção de um material didático atrativo e enriquecedor para o público-alvo.

Hoje em dia, o interesse das crianças por livros infantis tem crescido em comparação com alguns anos atrás. De acordo com a pesquisa realizada em 2022

pelo Instituto Pró Livro, em conjuntura com outras organizações e veiculada pelo Portal Terra, a faixa etária dos 5 a 10 anos de idade é o perfil com maior frequência de consumo de livros de literatura, representando 23% da população geral. Este dado é muito promissor e corrobora com a premissa deste projeto de incentivar a aprendizagem da música através de um livro, visto que a pesquisa ainda elucida que “o gosto pela leitura é a principal motivação de 48% dos pequenos e outros 13% afirmaram que leem para aprender algo novo ou desenvolver alguma habilidade” (Terra, 2022).

Definido o público-alvo deste projeto, como crianças na faixa-etária dos 5 aos 10 anos, os primeiros estão recém no início da alfabetização, necessitando da mediação dos professores para interagir com o livro de forma eficiente. Já os mais velhos poderiam ler e manusear o material por conta própria extraclasse também. A linguagem escrita e visual deve ser acessível e atrativa para todo o grupo e isto é traduzido no projeto gráfico do material.

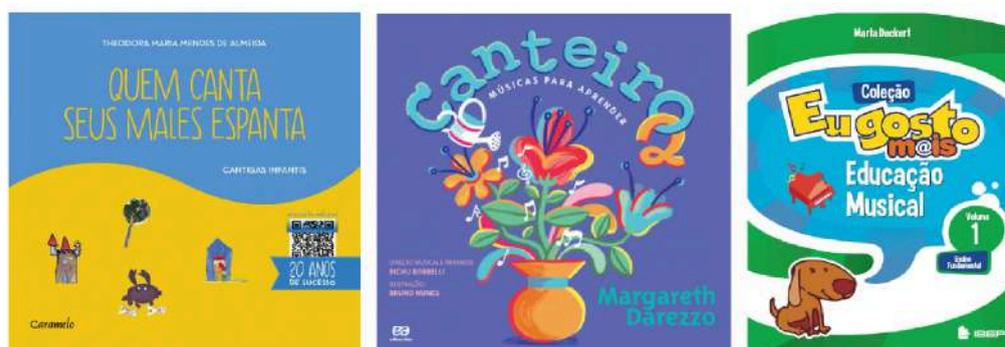
A tipografia é outra parte imprescindível na produção de um livro que será manuseado pelo público infantil, pois inclui “aspectos como a escolha do formato, a legibilidade, a escolha do tipo de letra, o tratamento tipográfico do texto e a hierarquização da informação” (Fonseca, 2017). Ademais, a tipografia deve refletir o caráter do texto junto dos demais elementos de informação da página, como ícones, imagens, fotografias, pois isso define a forma que o leitor se situa na página e compreende o texto (Bringhurt, 2005 *apud* Fonseca, 2017).

Portanto, aspectos como o espaçamento, entrelinha, alinhamento, tamanho da fonte, cor, peso, contraste, ritmo e hierarquia fazem parte do processo de decisão do designer que deve objetivar um material com boa legibilidade e leiturabilidade (Lupton, 2006 *apud* Fonseca, 2017), ainda mais quando se trata de um livro infantil.

Em relação à utilização ou não de serifa em materiais editoriais de cunho infantil, Lourenço (2011) apresenta uma vasta pesquisa sobre tipografia e discute a opinião de diferentes pesquisadores sobre a questão. Alguns deles, como Coghill (1980, *apud* Lourenço, 2011), afirmam que a tipografia com serifa é mais adequada porque há uma maior diferenciação entre as letras. Já outros, como Walker e Reynolds (2003, *apud* Lourenço, 2011), são à favor dos tipos sem serifa, após realizarem pesquisas com crianças e a maioria ter preferência por esta opção, assim como muitos professores. Contudo, cabe também ao designer analisar as demais particularidades do projeto, para que a escolha da fonte seja assertiva.

Em uma breve pesquisa feita pela autora deste projeto em livrarias físicas e digitais, pode-se perceber a ampla gama de livros para as crianças, mas não tanto a de materiais didáticos musicais, como mostra a Figura 15. Já a Figura 16 traz a estante de uma grande livraria, que possui alguns livros didáticos, mais relacionados ao aprendizado de como contar, caligrafia, conhecer animais, entre outros. Em relação à estética dos livros, o que mais chama a atenção é o uso veemente da cor e de ilustrações nas obras, características que reforçam sua importância no interesse das crianças pelos livros.

Figura 15 – Livros de música



Fonte: Amazon (2024), elaborado pela autora.

Figura 16 – Estante Livraria Paisagem



Fonte: Elaborado pela autora.

A Figura 17, por sua vez, traz um exemplo de livro que aborda a teoria musical para crianças, assim como existem muitas apostilas online que podem ser baixadas e impressas para utilização dos pequenos. Entretanto, a estética do miolo é monocromática, e não chama a atenção, o que pode desestimular o interesse.

Figura 17 – Livro Teoria Musical para Crianças



Fonte: Google Books (2024), elaborado pela autora.

### 3.5.2 Acessibilidade e inclusão no design editorial

Segundo Dias *et al.* (2022), o design inclusivo fica situado entre outras duas abordagens muito conhecidas: o “design universal” e o “design para todos”. Desse modo, as três definições convergem para uma mesma função, que é: considerar o maior número possível de pessoas na criação de um produto gráfico, físico, serviços ou ambientes (Gomes; Quaresma, 2016 *apud* Dias *et al.*, 2022). Para Clarkson, Waller e Cardoso (2015 *apud* Dias *et al.*, 2022), “toda decisão de design tem o potencial de incluir ou excluir clientes. O design inclusivo enfatiza a contribuição que o entendimento da diversidade de usuários traz para fundamentar essas decisões”. Portanto, ao projetar, o designer não pode assumir como normais condições relativas a ele, por exemplo, mas sim compreender que existem uma ampla diversidade no que se refere a capacidades físicas e mentais das pessoas, assim como, a acessibilidade é um direito garantido por lei no Brasil (Dias *et al.*, 2022).

Quando se trata do design de um livro infantil, muitas variáveis devem ser levadas em consideração, como a capacidade de leitura e interpretação das crianças, a assimilação entre texto, imagem e som, e a percepção. De acordo com Trevisan (2012), “a percepção é a ação através da qual o cérebro dá significado aos estímulos recebidos por meio dos sentidos, é uma ferramenta de reconhecimento, compreensão e organização de informações.” Esta afirmação também entra em

concordância com o tópico de design instrucional multimídia, apresentado previamente neste relatório.

Sendo assim, um projeto editorial constitui-se essencialmente de informações captadas pela visão, tato (quando material físico) e audição (quando há algum outro recurso, como QR Codes, botões e CD's envolvidos). Além de relacionar diferentes estímulos para proporcionar uma aprendizagem mais interessante e significativa, oferecer mais de um meio de compreender a informação também favorece os leitores do livro no que diz respeito à acessibilidade.

De acordo com o Conselho Brasileiro de Oftalmologia, no Brasil mais de 250 mil crianças entre os 5 e 15 anos têm dificuldade em enxergar, o que pode prejudicar o aprendizado (Oftalmo Curitiba, 2017). Além disso, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), “estima-se que 25% da população brasileira possui pelo menos algum tipo de deficiência, seja ela total ou parcial, de forma permanente ou temporária” (Strapazzon *et al.*, 2022). Dessa forma, a construção de um material acessível não é apenas uma necessidade, mas um dever. De acordo com Dias *et al.* (2022) o design de informação se apresenta como “essencial para que a mensagem seja transmitida de forma eficiente, por meio de recursos como palavras, desenhos, tabelas, gráficos e mapas”. E no caso de um material produzido para a área da educação musical, estes elementos se tornam ainda mais importantes.

No *layout*, a disposição desses elementos também é de suma importância, de modo que a diagramação de um livro para o público infantil deve priorizar o uso de ilustrações, figuras, ícones e desenhos em conformidade com a parte textual. Conforme Strapazzon *et al.* (2022), após realizar um projeto de design inclusivo com alunos do ensino superior, características que se destacaram foram:

A utilização de fontes sem serifa com alto grau de legibilidade, alinhamentos dos textos sem justificar, contraste de cores, negritos para destacar títulos e palavras importantes, não utilização de hifens, legendas interativas com audiodescrição dos conteúdos e ícones simplificados.

Em conclusão, o papel do designer no que se refere à acessibilidade é compreender que existem diferentes capacidades e buscar produzir um material coeso, simplificado e assertivo para todos. Para isso, “aspectos referentes à acessibilidade e à inclusão devem ser considerados pelo designer já no princípio dos projetos e não como algo extra explicitado pelo cliente ou situação específica” (Dias *et al.*, 2022).

#### 4. COLETA DE DADOS

A fim de compreender melhor como funcionam as aulas de música e musicalização na prática, e quais as abordagens e materiais utilizados pelos professores, foram realizadas 3 entrevistas que serão apresentadas a seguir. Ademais, também foi realizada uma análise de similares buscando conhecer os livros e materiais didáticos musicais que existem atualmente no mercado, em relação a formatos, apresentação do conteúdo e estética.

##### 4.1 Entrevistas

As entrevistas foram feitas via plataforma Google Meet com 3 professores de música, relacionados à educação musical infantil. Através de um grupo de perguntas formulado pela autora deste projeto, buscou-se compreender como se dá o andamento das aulas, quais as abordagens dos professores, quais materiais mais utilizados, que tipo de dificuldades identificam, entre outras perguntas que podem ser visualizadas abaixo, no Quadro 01.

Vale ressaltar que estas perguntas nortearam as entrevistas e a conversa fluiu organicamente, de forma que algumas perguntas já foram sendo respondidas com antecedência e outras foram surgindo a partir de *insights*. As conversas foram gravadas para posterior transcrição, com exceção da primeira entrevista.

Quadro 01 - Perguntas elaboradas para as entrevistas

Qual a sua área de ensino?
Como funcionam as suas aulas de música? Considerando que existem diferentes abordagens na educação musical infantil, qual você considera mais importante e relevante?
Quais os conhecimentos que busca transmitir primeiro? Como trabalha os conteúdos? Como são pensados os conteúdos? Organização do plano de ensino?
Há uma divergência muito grande no ensino para diferentes faixas etárias? Como isso funciona?
Você utiliza algum tipo de estratégia lúdica para ensinar?
Utiliza algum tipo de recurso visual durante as aulas? Livro, gráfico, filmes, vídeos, músicas (por qual plataforma? Que dificuldades você identifica durante o ensino?
Que tipo de material editorial você considera interessante e importante para crianças dos 5 aos 10 anos?

Fonte: Elaborado pela autora.

A seguir é feita uma análise de cada uma das entrevistas de modo sintetizado e objetivo, a fim de pontuar considerações para a produção do livro de musicalização infantil. As entrevistas completas estão disponíveis no Apêndice A.

- **Entrevista 1:**

A primeira entrevista foi realizada com uma professora da Área de Educação Infantil no Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FACED/UFRGS), pianista, e doutora em educação pela UFRGS, entre outras atribuições.

Quando perguntado como funcionam suas aulas, a professora conta que as aulas de música são espaços de formação para os professores e acadêmicos para entender a potência da música e dos exercícios de imaginação criadora que podem formar um corpo livre e cidadão. As aulas funcionam como oficinas onde as atividades de interpretação, apreciação e improvisação musical são experimentadas sem hierarquização. Assim como, os exercícios de escuta e criação fazem parte da prática coletiva cotidiana.

A entrevistada foge da listagem de conceitos de conteúdo previamente determinados, a educação musical é contra-colonial valendo-se de qualquer ferramenta como o uso da partitura musical. O grupo toca para saber e o registro musical emerge da prática com música.

Em relação à como a professora trabalha os conteúdos ela responde que a improvisação exige muita organização, e que a abordagem curricular da disciplina de educação musical oferecida na faculdade de educação circula entre 4 grandes temáticas: Conceito de música como substantivo plural, Cardápio sonoro: repertório para nutrir a escuta musical, Pedagogias brasileiras em educação musical: conceitos e metodologias, Leis obrigatórias à educação musical na educação básica.

As aulas são todas realizadas em coletivo, são propostos vários jogos de improvisação ou situações para tocar o corpo, (o corpo é instrumento por excelência do fazer musical), instrumentos tradicionais podem ser usados na prática cotidiana. A professora ainda completa que um dos exemplos de atividade que propõe é a criação de *jingles*.

Para completar, vale ressaltar que em uma primeira conversa não oficial, a professora sugeriu diversos sites e materiais de referência que pudessem nortear a

pesquisa para este TCC, na linha da valorização da cultura da infância, o que foi muito importante para a escrita dos tópicos deste trabalho.

- **Entrevista 2:**

A segunda entrevista foi realizada com um músico e professor de teoria musical e violino.

Quando perguntado como funcionam as suas aulas de música e sobre as diferentes abordagens na educação musical infantil o professor falou bastante sobre o que o guia como professor, trazendo que cada professor geralmente tem sua própria abordagem, embora existam livros e metodologias, cada um, a seu modo, recria o “método” que lhe convém considerando a sua trajetória. Ele completa essa parte dizendo que sua trajetória é marcada pela sua graduação em licenciatura em história.

Desse modo, ele conta que gosta sempre de trazer uma abordagem que seja ao mesmo tempo voltada para a teoria (ler partitura, saber o básico das coisas, do violino), mas também trazer uma questão multicultural. Afirma também que nenhuma pessoa é uma página em branco, o estudante já chega em aula sabendo algo, então às vezes o professor tem tanto o trabalho de organizar pensamentos que o aluno já tem, como ensinar coisas novas.

Seguindo sobre a abordagem, o professor conta que a sua sempre prima pela questão mais técnica, da teoria e do instrumento, mas que gosta de trazer a história da música e a apreciação musical de diferentes gêneros musicais e completa com o pensamento de que é muito interessante fazer um estudo multicultural a fim de formar pessoas menos preconceituosas (musicalmente). “Esse trabalho na infância é tipo um *buffet*, digamos assim. Olha, tem arroz aqui, mas também tem feijão, também tem lentilha, etc. Então seria trazer para criança um monte de referências culturais, além da técnica”.

O professor ainda reflete que “quando a gente ensina qualquer coisa, mas em específico a música, a gente tá ensinando para além da música. A gente tá ensinando um indivíduo, um sujeito. Então, essa diversidade que a gente desenvolve numa criança ou numa pessoa que já tem uma idade mais avançada, ela não vai só repercutir nesse quesito da vida dela, que é a música, mas também para diferentes opiniões, para disciplina, para estudos, para criatividade, para trabalhos escolares e para a própria vida, né?”

Quando perguntado quais conhecimentos busca transmitir primeiro, como são organizados os conteúdos e se há algum plano de ensino, o professor respondeu que gosta de trabalhar primeiro com a matéria-prima, que é o som e o silêncio, e aos poucos, ir ensinando um pouco de partitura (notas, escalas...) e um pouco sobre a questão cultural também. Mas, que formata a aula principalmente a partir da necessidade do aluno, mas sempre trazendo a base da base e progredindo nos assuntos.

Quando perguntado em relação às divergências de aprendizado entre as faixas etárias, o professor traz que quando estamos falando sobre idade é mais uma questão corporal, pois o corpo da criança é diferente do corpo de um adulto por exemplo, e isso influencia no tamanho do violino. Outro fator é a linguagem, pois apesar de muitas vezes as dificuldades (exemplo utilizado: não saber o que é timbre) serem muito parecidas, o modo de explicar fica um pouco diferente. O professor continua contando que uma das ferramentas muito utilizadas pelos professores é o uso de metáforas e comparações, e isso muda conforme a idade do aluno. Uma das maiores dificuldades do próprio professor é como adequar essa linguagem para ela ser acessível para a criança ou adulto. “Parte da linguagem meio que te força a saber sobre o universo da criança também, o que ela gosta, para poder puxar uma referência...e poder fazer uma aula mais imersiva, mais legal, né?”. Para finalizar, o professor diz concordar muito com o pensamento de Paulo Freire, por ser um processo de ensino que considera uma via dupla de conhecimento.

Quando perguntado acerca de estratégias Lúdicas e recursos visuais o professor concorda que é muito importante a questão do lúdico que os professores devem ter uma “caixa de ferramentas” bem grande, e se utilizar do que tiver no momento, como computador e TV com acesso a internet, além de que com o artifício da internet o aluno pode rever depois em casa de novo sobre o conteúdo. E afirma que tudo isso pode ser utilizado a favor do aprendizado.

Ele complementa dizendo que a questão do lúdico é muito interessante e que “o aprendizado se dá a partir da provocação do aluno pelo professor”. Assim como “o jogo provoca o aluno a entrar dentro das regras, a se utilizar das figuras para conseguir ganhar. Então, o lúdico, ao meu ver, é uma das formas de aprendizado da música, em especial da teoria musical, mais efetivas e eficientes”.

Quando perguntado acerca de materiais editoriais para as crianças, o professor conta que hoje em dia os design de livros de teoria musical são apenas partituras em preto e branco (pois se alicerça em um método de ensino), e que considera isso um problema da música desde sempre, pois um material que visa o ensino não poderia ser assim. Ele ainda complementa que os materiais deveriam ter o colorido e um aspecto chamativo, que “há uma carência dentro do mercado de coisas visuais dentro da música, seja de ensino específico de instrumentos, mas também de teoria musical” e que os materiais não apresentam nenhum tipo de reflexão.

O entrevistado, sabendo do objetivo deste trabalho, ainda traz sugestões para o projeto, como abordar compositores, gêneros musicais e breves apresentações sobre os temas. Ele complementa dizendo que é interessante que não foque em apenas um instrumento, mas que dá pra trabalhar com percussão corporal, ter atividades de corpo e de voz, o que permite várias interconexões. E finaliza com a ideia de musicalizar uma história.

Além disso, o professor foi muito solícito ao disponibilizar os jogos que criou para realizar em suas aulas, que podem ser vistos na Figura 18.

Figura 18 – Jogos de música



Fonte: Professor da entrevista 2.

- **Entrevista 3:**

A terceira entrevista foi realizada com uma professora de iniciação ao piano, ao canto, e ao ukulele. Mas a sua área principal é musicalização infantil dos 4 meses até os 6 anos.

Quando perguntada acerca do funcionamento das suas aulas e abordagens a professora contou que sua maior inspiração é a música tradicional da cultura da infância que têm um repertório muito rico mas não muito utilizado. Além disso, ela relata que busca muita inspiração em Lydia Hortélio e Lucilene Silva. A professora dá aulas particulares para grupos menores e também na escola pública.

Quanto à estruturação das aulas, a professora conta que começa com uma roda de abertura, dependendo da idade da criança, e depois segue para brincadeiras rítmicas, “e aí é uma miscelânea”. A partir disso elenca exemplos como: escolher uma lenda e transformar em brincadeira rítmica e adaptar jogos de mãos

(característicos de crianças com 6-7 anos) para crianças menores a partir da escolha de áudios de base. Ela completa dizendo que geralmente ocorrem de 2 à 3 brincadeiras rítmicas dependendo da sua duração em uma aula de em média 45 minutos à 1 hora.

Seguindo o andamento da aula a professora inicia, em terceiro momento, ou uma roda de cantigas ou a expansão de repertório dependendo do seu objetivo. Na expansão de repertório ela traz a música popular brasileira. Na roda de cantigas, “as crianças escolhem os instrumentos que querem usar, o baú é aberto, cada uma escolhe um instrumento e escolhe uma cantiga. Então ela se coloca na roda e escolhe uma música para partilhar com o grupo e todo mundo canta junto. Depois, dependendo da faixa etária, a gente consegue trocar os instrumentos, e [também] dependendo da faixa etária, eles não querem trocar.” Ela cita que várias atividades envolvem brincadeiras com objetos e movimentos e que ao final das aulas sempre cantam uma canção de tchau.

A professora conta que também trabalha com alunos do primeiro e segundo ano do ensino fundamental, e que uma atividade legal é usar a notação musical alternativa, que seria desenhar os sons “fazer traços curtos ou pontos para sons curtos, traços longos para sons longos. Para marcar diferentes alturas, pode fazer zigue-zague”, e é possível ir brincando com isso. Ela conta que uma vez realizou uma atividade em que possuía cartas com desenhos e as crianças tinha que correlacioná-las aos sons, e reproduzir sons a partir delas. E cita um exercício de regência com tambores que combinavam “um símbolo, um gesto, e dar som àquilo também”.

Quando perguntado acerca de recursos visuais durante as aulas, a professora relata que utiliza muito o Spotify para tocar as músicas e o youtube para pesquisa. Mas com as crianças, por serem muito pequenas, ela utiliza mais recursos 3D que permitem o manuseio. Ela conta também de uma experiência em que produziu bonecos de gravetos para representar histórias cantadas, e que recursos visuais ajudam muito na memorização das crianças das músicas. Ela complementa que gosta muito de usar elementos naturais também e que utiliza livros para mostrar coisas mais específicas. Cita a coleção Crianças Famosas, que fala sobre os compositores e tem ilustrações misturadas com fotos reais. O livro *Música no Zoo* traz a questão da notação musical alternativa. E com os alunos de iniciação ao

piano, ela usa o livro Amigos do Piano, que tem uma trilha para marcar as lições que foram sendo feitas, e adesivos para marcar teclas e músicas.

Sobre a utilização de instrumentos nas aulas, a professora conta que têm violão, ukulele, piano e pandeiro e que há um baú de instrumentos das crianças que ficam sempre à disposição, com xilofone, coco, chocalhos e pavas.

Em relação às dificuldades encontradas durante as aulas, a professora relata sua frustração em às vezes as aulas não saírem exatamente como planejado. Por dar aulas na escola ela precisa lidar com a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) para elencar as habilidades que devem ser desenvolvidas. Apesar dos percalços, ela conta que consegue mesmo em outros momentos, identificar habilidades ocorrendo.

Por fim, quando perguntado se a professora acharia interessante ou importante e se ele sanaria algum tipo de dificuldade que ela possui, a resposta foi que sim, pois como professora ela sempre precisa estar criando coisas novas e buscando repertório, então ter esse “compilado com ideias novas, com lugares novos para experimentar, é muito legal” e completa “mesmo que a gente vá se apropriar de uma ideia e transformar em outra”. O Quadro 02 apresenta uma síntese das 3 entrevistas realizadas, assim como pontos relevantes em comum entre elas.

Quadro 02 - Síntese das entrevistas

1	2	3	Pontos em comum
<p>As aulas de música são espaços para entender a potência da música e dos exercícios de imaginação criadora;</p> <p>Atividades de interpretação, apreciação e improvisação musical são experimentadas sem hierarquização.</p>	<p>Abordagem mais técnica, teoria musical e de instrumento + história da música, apreciação musical, estudo multicultural;</p> <p>Partir da necessidade do aluno; Tornar acessível a informação por meio da compreensão do universo da criança;</p> <p>O lúdico é uma das formas de aprendizado mais efetivas e eficientes.</p>	<p>Música tradicional da cultura da infância; repertório muito rico e pouco utilizado;</p> <p>Roda de abertura; brincadeiras rítmicas; roda de cantigas ou a expansão de repertório dependendo do objetivo.</p> <p>Notação musical alternativa; Uso de recursos digitais e 3D.</p> <p>Utilização de instrumentos.</p>	<p><b>A presença do lúdico é crucial.</b></p> <p><b>O processo de aprendizado deve ser divertido e dinâmico.</b></p> <p><b>A informação deve ser acessível.</b></p> <p><b>Valorização da música tradicional da cultura da infância e da cultura Brasileira.</b></p>

Fonte: Elaborado pela autora.

## 4.2 Análise de Similares

A análise de similares foi pautada pela pesquisa online e exploração em livrarias físicas de livros didáticos para a educação musical infantil e musicalização. Contudo, a análise se estendeu também para âmbito funcional, por isso serão elucidados *eBooks* e sites que objetivam oferecer conteúdo para a musicalização infantil para crianças, professores e pais/responsáveis. Também foi realizada uma análise de livros infantis diversos no que se refere à estrutura, procurando entender qual o formato mais comum e mais adequado para o manuseio infantil.

O objetivo dessa análise foi, portanto, entender como se comportam estes materiais editoriais, a partir dos critérios: *layout*/diagramação, estética, formato/materiais, usabilidade e linguagem.

### 4.2.1 Similares de livros físicos

- **Livro Amigos do Piano: Pré - Leitura**

O livro *Amigos do Piano* (Figuras 19 e 20) das autoras Maria Helena Lage e Angelita Ribeiro, é dedicado à introdução do piano para crianças dos 4 aos 10 anos e conta com peças apresentadas de forma lúdica e divertida. Com o uso de ilustrações, o livro traz a pré-leitura baseada na aprendizagem através da imitação e memorização (Lumah Editora). O livro apresenta, em 70 páginas, o conteúdo dividido de dois jeitos, a página esquerda possui orientações ao professor em como seguir com a atividade, e o lado direito tem as atividades para as crianças realizarem.

O livro também conta com adesivos divertidos que podem ser colados para definir nas notas na partitura e as teclas do piano para tocar os acordes e progressões. Característica que traz um aspecto de interatividade muito interessante. O uso da cor também é evidente e desempenha papel fundamental, junto com as ilustrações, em formalizar um projeto lúdico e atrativo aos olhos das crianças, mesmo que o material seja dedicado também aos professores. Além disso, a presença dos QR Codes permite um acesso rápido, fácil e moderno às músicas das atividades fornecidas.

Em relação ao formato físico do livro, por ser grande e mais horizontal permite que as partituras e ilustrações sejam alocadas tranquilamente, sem que o conteúdo se sobreponha, deixando também bons espaços de respiro. Ademais, a

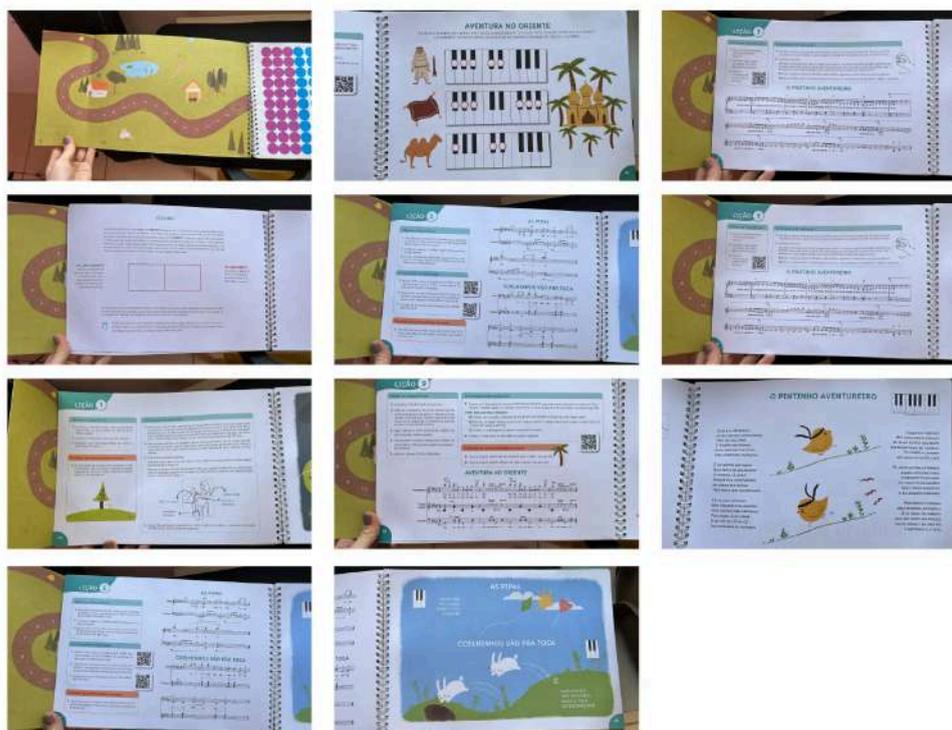
encadernação com espiral traz um aspecto de caderno, fácil de abrir, de deixar aberto, e manusear. Para as crianças isso é primordial, visto que um livro que se feche sozinho não é muito prático para a função que este livro propõe.

Figura 19 – Livro Amigos do Piano: Pré-Leitura



Fonte: Amazon (2024); Behance (2024).

Figura 20 – Livro Amigos do Piano: Pré-Leitura



Fonte: Fotos cedidas pela professora da Entrevista 3.

- **Livro Amigos do Piano: Iniciação à Leitura**

Seguindo na mesma linha do similar anterior, o Livro Amigos do Piano: Iniciação à Leitura (Figura 21) é uma outra proposta da mesma coleção, dos autores Bruno Fragoso e Maria Helena Lage. Para crianças já alfabetizadas, o livro apresenta uma narrativa com missões e fases a serem completadas para que o aluno chegue ao Reino da Leitura (Recanto Musical). O projeto gráfico conta com ilustrações muito bonitas, personagens e adesivos em uma temática medieval. As partituras e símbolos musicais relacionados são apresentados de forma simplificada e convidativa. Este livro também se utiliza dos QR Codes, muito úteis para chegar rapidamente aos sons e músicas relacionados às atividades. Por ser um livro específico para as crianças, a linguagem se direciona à elas.

Em relação ao formato, o padrão é o mesmo do livro anterior, contudo são ao todo 75 páginas.

Figura 21 – Livro Amigos do Piano: Iniciação à Leitura



Fonte: Behance (2024)

- **Cantigas para Brincar**

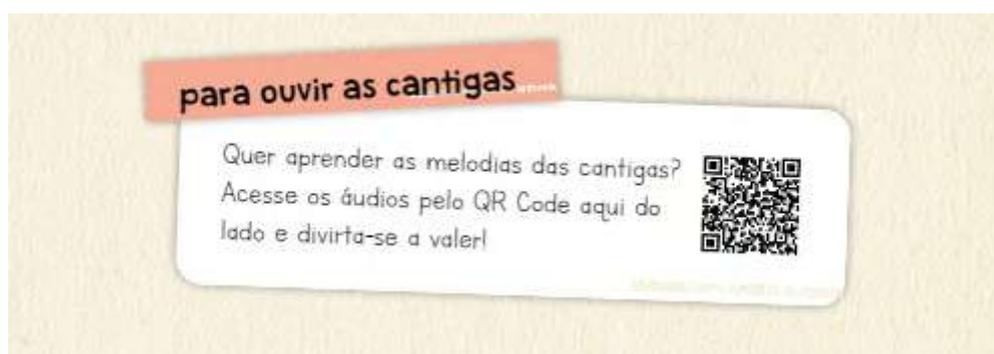
O livro *Cantigas para Brincar* (Figura 22) apresenta, em 48 páginas, 30 cantigas ilustradas para as crianças brincarem de roda, jogarem com gestos e imitarem versos. Além das cantigas, o livro conta com textos de apoio para guiar as atividades e QR Codes para que seja possível ouvir a melodia (Figura 23). Também existem *eBooks* disponíveis.

Figura 22 – Livro *Cantigas para Brincar*



Fonte: Panda Books (2024).

Figura 23 – Área de QR code



Fonte: Panda Books (2024).

#### 4.2.1.1 Similares de livros físicos quanto ao formato

A fim de realizar uma pesquisa de similares mais imersiva, buscou-se também por livros em livrarias físicas, visto que pela internet não dá para ter uma grande noção do interior dos livros e de que materiais são feitos as capas e miolos. Sendo

assim, através de uma pesquisa de campo nas livrarias Cameron e Paisagem, foi possível encontrar alguns similares de materiais didáticos em âmbito geral, assim como, materiais mais interativos e de exploração.

Dentre os exemplares da figura 24 estão alguns livros encadernados em espiral e em *wire-o*. A descrição em verde na figura 24 exemplifica livros encadernados com *wire-o* aparente e capa mole, o que traz uma aparência de caderno de atividades e apostilas, assim como praticidade. O exemplo dos livros dos números ainda possui uma caneta que permite a escrita em uma folha que dá para apagar. As folhas são em papel couchê ou similar, então as cores se destacam.

Figura 24 – Livros físicos didáticos



Fonte:Elaborado pela autora.

Já nos exemplos acima à direita e embaixo na imagem, a encadernação é feita em *wire-o* mas com uma sobreposição de capa dura que possui lombada, então o acabamento é mais bonito e duradouro sem que a praticidade de abertura e manuseio do livro seja perdida. As folhas também são em um papel mais brilhante em que as cores se ressaltam. Em relação aos formatos, existem vários diferentes

no mercado editorial infantil, contudo os que se apresentam como mais promissores para este trabalho são os com maiores dimensões e mais quadrados, como o exemplo de baixo na imagem.

Na figura 25 também há alguns exemplos de livros em que a estética foi considerada atrativa, percebe-se o amplo uso da cor e representações com personagens. A lombada destes livros é quadrada com capa dura, o que faz com que se fechem sozinhos se não segurados. Um aspecto interessante é o marca página em tecido preso aos livros à direita.

Figura 25 – Livros físicos



Fonte:Elaborado pela autora.

#### 4.2.2 Similares Funcionais

Além dos livros físicos analisados aqui vale ressaltar que existem também muitos canais e vídeos no Youtube com propostas de musicalização infantil, assim como existem sites online que disponibilizam materiais digitais como cursos e *eBooks*.

- **AMO - Academia de Música Online + *Ebooks***

A AMO - Academia de Música Online é uma plataforma digital que possui diversos cursos diferentes para compra, como cursos de violão, teclado, partitura musical e musicalização infantil. Além disso, a plataforma também possui um canal didático no youtube, e *eBooks* (Figura 26). Os *eBooks* (que podem ser impressos) de musicalização com teoria musical e atividades musicais trazem o conteúdo em linguagem e estética mais lúdica, com bastante uso de cor.

Figura 26 – Catálogo de eBooks AMO



Fonte: AMO - Academia de Música Online (2024).

- **Site Cantos da Floresta**

O site cantos da Floresta (Figura 27) é mais dedicado para educadores musicais, e tem como proposta a iniciação ao universo musical indígena. Além disso, também há um livro na mesma linha. O site conta com propostas didáticas, músicas, áudios e partituras que valorizam os povos da cultura indígena brasileira. Com uma identidade visual muito característica e bem executada, o material é bem atrativo.

Figura 27 – Site Cantos da Floresta



Fonte: Cantos da Floresta (2024).

- **Site Clave de C**

O site Clave de C é uma plataforma digital que conta com jogos e atividades musicais, *e-books*, cursos *online* e produtos físicos dedicados à educação musical, sendo alguns gratuitos e outros pagos. Na figura 28 é possível ver dois dos materiais oferecidos pela plataforma. As propostas são mais direcionadas para professores que buscam por sugestões de atividades e materiais, e não diretamente para crianças.

Figura 28 – Atividades Clave de C



Fonte: Clave de C (2024).

- **Aplicativo Piano Kids – Orange Studios Games**

Este aplicativo de música para crianças simula o som e manuseio de diversos instrumentos musicais, demonstrando diferentes notas, timbres, entre outras características (Figura 29).

Figura 29 – Aplicativo Piano Kids



Fonte: Jam Music (2024).

- **Aplicativo Jungle Music – K0rtxtech**

Este aplicativo de música apresenta a partitura e as notas e tem atividades para aprender e testar os sons. A identidade visual traz um lagarto que tenta pegar as mosquinhas que pousam na pauta/partitura (Figura 30).

Figura 30 – Aplicativo Jungle Music



Fonte: Jam Music (2024).

O quadro 03 a seguir apresenta uma síntese da análise de similares quanto aos 4 tópicos principais analisados.

Quadro 03 - Síntese da análise de similares

Quanto ao layout	Quanto à estética	Quanto ao formato	Quanto à usabilidade
<p>O <i>layout</i> dos livros é diagramado conforme a sua utilidade. Há um bom equilíbrio entre figuras e ilustrações e conteúdo textual. As ilustrações se relacionam com o texto e atividades propostas.</p>	<p>Os livros infantis em geral são muito coloridos e possuem várias ilustrações. A estética se une à interatividade para propiciar uma leitura/aprendizado mais imersiva e interessante.</p>	<p>Nos livros didáticos infantis, dedicados ao aprendizado e realização de atividades, o tipo de encadernação mais comum é a com espiral ou <i>wire-o</i>, pois é mais fácil de manusear e mais resistente às crianças. Às vezes o <i>wire-o</i> é oculto pela capa dura, o que confere ainda mais resistência. As folhas utilizadas são as com aspecto mais brilhoso, como o papel couchê por exemplo.</p>	<p>Uma boa usabilidade é reflexo do formato e do <i>layout</i> proposto, portanto, muitos livros infantis possuem encadernação em espiral e <i>wire-o</i>. A disposição dos elementos e tipografia também influenciam, para compreensão e legibilidade.</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

## 5. DEFINIÇÕES INICIAIS DO PROJETO

Seguindo como base para a construção deste projeto a metodologia adaptada do Modelo ADDIE e da metodologia de Matté, a primeira etapa - definição do problema/necessidade de projeto - foi concluída. Na fase seguinte, de Compreensão do Projeto, foram realizadas as etapas de pesquisa bibliográfica e coleta de dados, feitas através das entrevistas e da análise de similares. Estas permitiram a identificação dos componentes do problema/necessidade em questão nesse projeto.

A próxima etapa, realizada a partir de agora, é a análise do que foi coletado a fim de definir necessidades e requisitos de usuário e de projeto. Após isso, se inicia a fase de Design/Configuração do projeto, na qual iniciam-se as etapas criativas de formulação do conceito, geração e seleção de alternativas e definições formais e estéticas a fim de começar a produzir o modelo. Após isso, inicia-se a fase final do projeto, de Desenvolvimento/Realização do projeto, na qual produz-se o modelo final e é feita a normatização do mesmo, para que o protótipo seja impresso.

### 5.1 Formato do Material

O formato do material editorial é o de um livro físico, como apresentado anteriormente no tópico sobre Design Editorial. O livro físico permite um trabalho gráfico criativo e uma gama de possibilidades para a diagramação do conteúdo e atividades propostas, assim como possibilita ter uma maior quantidade de capítulos/módulos e informações, se comparado a uma cartilha, por exemplo.

### 5.2 Público-Alvo

O público-alvo definido para o projeto é o de crianças dos 5 aos 10 anos, visto que nessa idade elas já possuem uma capacidade de assimilação e compreensão mais elevada do conteúdo e das atividades que serão propostas, considerando a abordagem construtivista. Além disso, essa faixa etária permite um design mais lúdico, dinâmico e divertido. Como público-alvo secundário estão os professores, visto que o livro tem como propósito servir como material de apoio nas aulas.

Vale ressaltar que o público-alvo definido é um norteador para o projeto gráfico/editorial, mas não impede que crianças, adolescentes, ou adultos, das mais variadas idades possam ler e usufruir do conteúdo.

### 5.3 Necessidades e Requisitos

As necessidades e requisitos de projeto foram definidas com base em toda a pesquisa elucidada e também através das entrevistas realizadas e da análise de similares. O quadro a seguir ilustra as necessidades dos usuários, os requisitos dos usuários e os requisitos de projeto.

Quadro 04 - Necessidades e requisitos

Necessidades	Requisitos de Usuário	Requisitos de projeto
Material lúdico e encantador	Ensinar e aprender de modo agradável e divertido.	Utilização de ilustrações; Utilização de cores; Presença de elementos interativos;
Conteúdo acessível, difundido de modo que facilite a assimilação e compreensão.	Compreender facilmente os conteúdos e atividades propostas.	<i>Layout</i> diagramado com hierarquia bem definida, bom espaçamento, contraste de cores, etc.  Tipografia com boa legibilidade e legibilidade, uso de ícones e ilustrações.
Dinamicidade e interatividade.	Poder transitar entre diferentes partes do livro e se utilizar de vários recursos.  Ter uma maior conexão com o livro.	Informação disposta com uma sequência sugerida, mas não absoluta.  Presença de adesivos para colar nas atividades de teoria musical e para completar atividades realizadas.
Material de apoio para o professor.	Ter um material de apoio assertivo para o ensino, que pode ser explorado pelo professor como for de seu interesse.	Sugestões para os professores ao longo do conteúdo do livro de como desenvolver os conteúdos.
Valorização da cultura musical brasileira.	Compreender a importância e riqueza da cultura musical do nosso país.	Design e conteúdo que apresente e valorize elementos da cultura brasileira.

Quadro 04 - Necessidade e Requisitos (Continuação)

Necessidades	Requisitos de Usuário	Requisitos de projeto
Valorização da cultura musical brasileira.	Compreender a importância e riqueza da cultura musical do nosso país.	Design e conteúdo que apresente e valorize elementos da cultura brasileira.
Material durável e que valorize o projeto gráfico.	Poder usar o material por bastante tempo.	Encadernação e miolo feitos com papéis que oferecem maior resistência. Tipo de folha que valorize as ilustrações.
Praticidade em manusear o livro.	Facilitar a abertura, manter aberto e fechar o livro.	Tamanho e materiais adequados para o manuseio dos professores e, principalmente, das crianças. Incluindo peso leve, resistência ao manuseio frequente.

Fonte - Elaborado pela autora.

## 6. DESIGN/CONFIGURAÇÃO DO PROJETO

Nesta etapa são feitas as definições do projeto com base nas pesquisas elucidadas, dados coletados, e requisitos definidos, assim como a geração e seleção de alternativas para dar andamento ao projeto. Desse modo, serão definidos: o conceito, módulos/capítulos da matriz de design instrucional, nome, estética e atributos objetivados, conforme os painéis semânticos. Estas definições permitirão a geração e seleção de alternativas para o livro.

### 6.1 Conceito

Definir o conceito em um projeto de design é uma etapa primordial em sua construção, uma vez que externaliza o objetivo da criação e guia as decisões futuras. Para a definição do conceito foram analisados os requisitos de projeto estabelecidos, assim como o público-alvo definido e as características estéticas desejadas. Sendo assim, o conceito deste projeto de produção de um livro para musicalização infantil é definido através da frase: “Descomplicado, divertido e plural, um livro para brincar com a música na infância. Nesse jardim musical encantado, a música é mais do que uma junção de sons, ela gera reflexão, curiosidade, criatividade e aprendizado!”

A definição da temática de jardim musical se deu em razão de dois aspectos: primeiramente, o quanto o convívio com a natureza é importante na música da cultura das crianças, e compõe um dos seus 10 princípios, de acordo com Lydia Hortélio (Tomich, 2016). E em segundo lugar, o aval criativo que a temática de um jardim encantado permite.

### 6.2 Painéis Semânticos

Os painéis semânticos são uma ferramenta muito importante na concepção da estética de um projeto de design, servindo como uma fonte de referências sensoriais, visuais e emocionais (Reis, Merino 2020). Além disso, os painéis semânticos (*moodboards*), também permitem um alinhamento visual do conceito, oferecendo um alicerce para o caminho a ser seguido na próxima etapa desse projeto, a geração e seleção de alternativas. Sendo assim, foram criados painéis semânticos visualizando a ambientação (Figura 31), características físicas e formais do livro (Figura 32), assim como um compilado de referências para as ilustrações

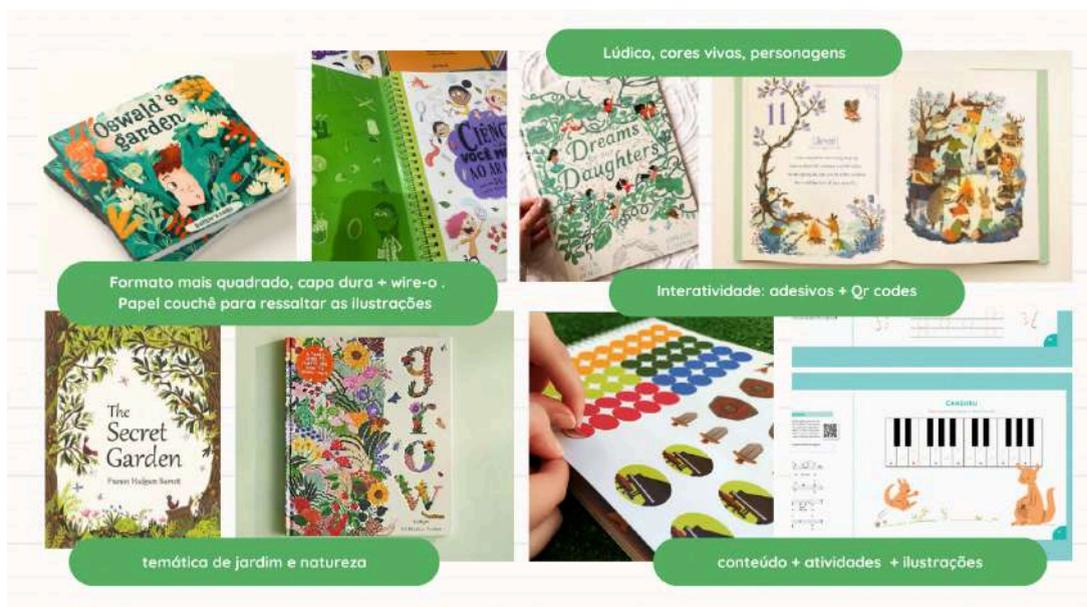
(Figuras 33, 34 e 35) a serem desenvolvidas dentro da temática do jardim musical encantado.

Figura 31 - Paine de Ambientação



Fonte - Elaborado pela autora.

Figura 32 - Paine de Tema Visual - Formato e Componentes



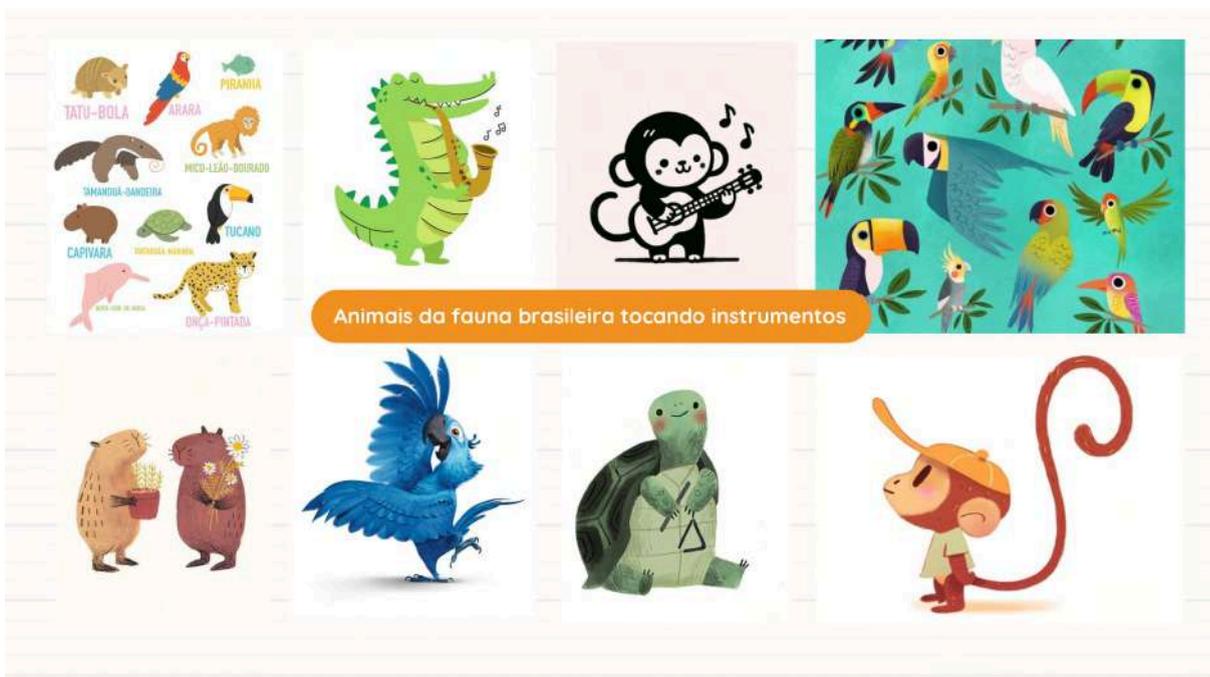
Fonte - Elaborado pela autora.

Figura 33 - Painel de Tema Visual - Ilustrações



Fonte - Elaborado pela autora.

Figura 34 - Painel de Tema Visual - Animais



Fonte - Elaborado pela autora.

Figura 35 - Painel de Tema Visual - Estética



Fonte - Elaborado pela autora.

A partir dos painéis semânticos foi possível realizar definições relacionadas à estética e tipos de elementos de ilustração que foram elaborados a partir da temática de jardim musical encantado. Na etapa de geração de alternativas estas correlações serão melhor explicadas.

### 6.3 Matriz de Design Instrucional

A matriz (Quadro 05) foi formulada com base nos módulos/capítulos do livro, que foram definidos através dos resultados das entrevistas, da análise de similares e da definição do conceito. Os objetivos de aprendizagem básicos são alicerçados pelas características da musicalização da cultura da infância, apreciação musical e teoria musical.

Além disso, esse material objetiva ser utilizado tanto por professores que trabalham individualmente com seus alunos, como em aulas com um maior número de crianças, servindo como um auxílio e apoio na construção da aprendizagem. Sendo assim, o professor também pode se utilizar dessas sugestões para incrementar as atividades e propostas próprias. Quanto às etapas de duração e avaliação caberá ao educador definir.

Para complementar, utópicamente, cada um dos alunos teria seu próprio livro, para poder explorar e realizar as atividades, assim como, em casa os pais e/ou responsáveis poderiam reforçar os novos conhecimentos e reflexões.

Quadro 05 – Matriz de Design Instrucional

Módulos/ Capítulo	Objetivos	Papeis	Conteúdos	Ferramentas	Atividades
Jardim Musical Encantado	Gerar reflexões acerca do que é a música para as crianças, o que elas já conhecem, o que gostam de ouvir. Assim como buscar entender seus interesses/ universo de modo geral.	Professor: Guiar conversas sobre a importância da música. Estimular reflexões críticas e conexões pessoais.  Aluno: Participar das atividades propostas, refletindo e compartilhando seus interesses.	Perguntas reflexivas para conhecer melhor as crianças e integrar alunos e professores.	O próprio livro.	Atividades relacionadas às perguntas.
Cantando e dançando no jardim	Desenvolver o movimento corporal e senso rítmico, a partir da assimilação da música com o corpo.	Professor: Organizar e conduzir e demonstrar atividades que proporcionem isso.  Aluno: se expressar e se divertir e compartilhar ideias participando das atividades.	Cantigas de roda, jogos de mão e parlendas, para cantar, dançar e produzir instrumentos.	Além do livro, uso de QR Codes, que levará à vídeos no youtube e áudios no Spotify.	Jogos, cantigas de roda, brincadeiras de mão, danças, produção de instrumentos de material reciclável.

Quadro 05 – Matriz de Design Instrucional (Continuação)

Módulos/ Capítulo	Objetivos	Papeis	Conteúdos	Ferramentas	Atividades
Outros Jardins	Incentivar a capacidade de ouvir, reconhecer e apreciar diferentes estilos e gêneros musicais.	Professor: Apresentar para as crianças novos estilos de música e ajudar os alunos a identificar e descrever as emoções e técnicas envolvidas.  Aluno: Participar da proposta ativamente, expressando suas opiniões.	Apresentação de diferentes gêneros musicais + diferentes jeitos de se ouvir música.	Além do livro, uso de QR Codes, que levará à vídeos no Youtube e áudios no Spotify.	Atividades de escuta e reflexivas. Gerar correlação com o próximo módulo.
Instrumentos musicais	Apresentar diferentes instrumentos musicais, tanto os mais usuais como outros menos conhecidos.	Professor: Demonstrar como são, qual o som, como são tocados.  Aluno: Explorar o som dos instrumentos e o que os caracteriza, tocar e se divertir.	Representações visuais de diferentes instrumentos, e descrições sobre eles.	Ilustrações dos instrumentos.	Gerar correlação com o módulo anterior.  Tocar os instrumentos à disposição.
Teoria musical	Apresentar conceitos básicos de teoria musical de forma descomplicada e lúdica.	Professor: Ensinar conceitos básicos de teoria musical, forma clara e acessível, conduzindo o andamento.  Aluno: Aprender os conceitos básicos de teoria musical.	Conceitos de teoria musical, atividades de fixação.	Além do livro, uso de QR Codes, que levará à vídeos no youtube e áudios no Spotify. Instrumentos musicais físicos originais ou adaptados.	Atividades de escuta, percepção, assimilação e reinteração. Atividades com uso dos adesivos.

Fonte: Elaborado pela autora.

A curadoria e escrita dos conteúdos e das atividades foram sendo elaboradas concomitantemente à geração de alternativas de design.

## 6.4 Planejamento

### 6.4.1 Formato

Considerando o público-alvo deste projeto, a análise de similares e os requisitos de projeto definidos, o formato e encadernação escolhidos para o material editorial físico levaram em conta os requisitos: peso leve, manuseio frequente, durabilidade, resistência e valorização do projeto gráfico.

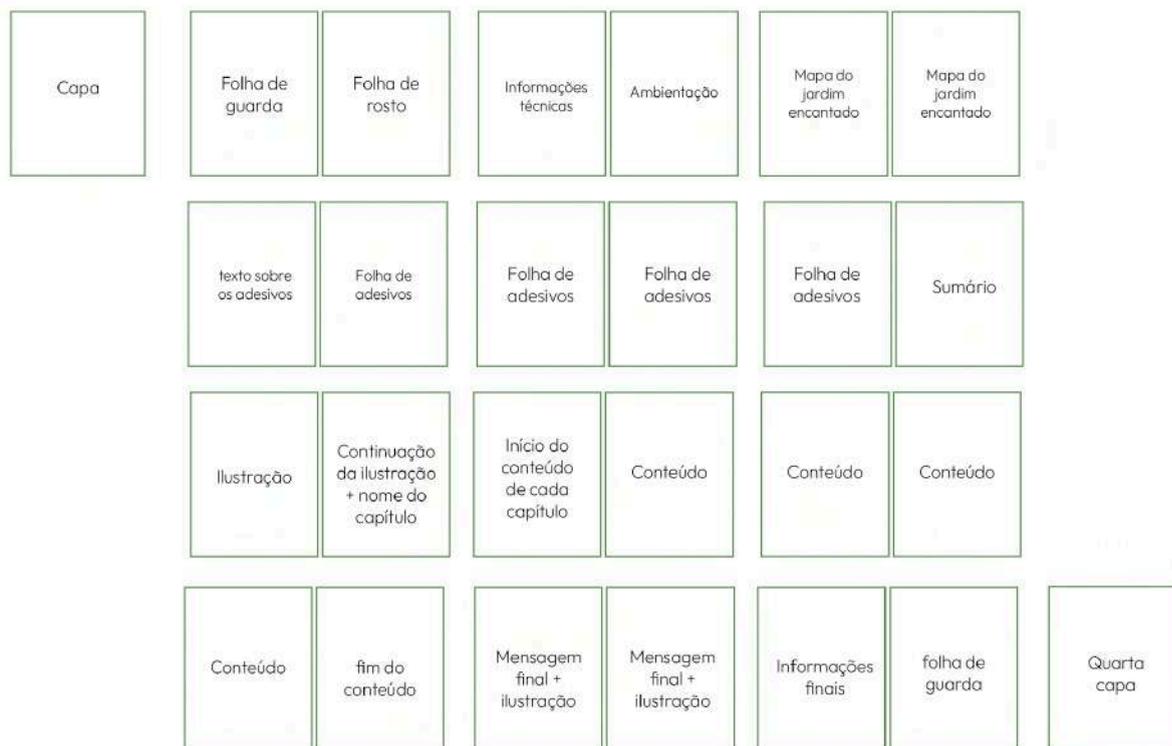
- Capa dura: 22x26cm. Folhas Internas: Papel couchê, 20x25cm.
- Encadernação: *wire-o* oculto e capa dura.

O formato maior e mais aproximado do quadrado é muito comum nos livros infantis, assim como o papel couchê, que por ter um aspecto mais brilhoso valoriza as ilustrações na impressão. A encadernação com *wire-o* confere fácil manuseabilidade, visto que permite que o livro seja aberto e se mantenha aberto sozinho, o que é muito importante em um livro que contém atividades musicais, pois, ao tocar um instrumento, por exemplo, a criança não conseguiria segurar o livro. A capa dura dá maior resistência ao livro e protege o *wire-o*.

### 6.4.2 Espelho

A partir das definições de conceito, temática, formato e módulos/capítulos do livro, foi possível começar o seu planejamento físico. O espelho é uma ferramenta, no design editorial, que serve como uma representação visual da sequência do *layout*, desde a capa até a quarta capa (contracapa). Dessa forma, auxilia em organizar como o conteúdo será distribuído ao longo das páginas e quais páginas terão as aberturas de capítulos e ilustrações, por exemplo. O espelho deste projeto pode ser visto na figura 36. As páginas são dispostas em duplas, com a primeira sendo uma página par (Haslam, 2007).

Figura 36 - Espelho



Fonte: Elaborado pela autora

## 6.5 Geração e Seleção de alternativas

### 6.5.1 Naming

O *namings*, caracterizado pelo processo de nomear determinado serviço, produto ou empresa, é muito relevante na forma como estes são vistos e interpretados pelo público e carrega seu propósito e posicionamento no mercado (BRADDA, 2023). Para escolher o nome do livro elaborado neste projeto, levou-se em consideração o público-alvo definido, a estética objetivada e o caráter lúdico e divertido que o livro pretende transpassar ao seus possíveis leitores. Sendo assim, o nome definido para o livro foi “**Música pra lá, Música pra cá**”, e o subtítulo “Um jardim musical encantado repleto de diversão”. A utilização da palavra música resume o cerne do projeto, e o para lá e para cá, evidenciam seu caráter onipresente e de criatividade, assim como o “Lá” faz alusão à própria nota musical. Por fim, a utilização do “pra” ao invés de para, torna a leitura mais dinâmica, justamente pela palavra ser lida dessa forma no dia a dia.

## 6.5.2 Geração de Alternativas

Na etapa de Geração de Alternativas foram feitos testes de ilustração, tipografia, cores e *layout* tanto para a capa, como para o miolo, levando em consideração os requisitos de projeto estabelecidos anteriormente.

### 6.5.2.1 Ilustrações

O processo de Geração de Alternativas para as ilustrações começou a partir da definição da temática de jardim musical encantado em conjuntura com a valorização da cultura brasileira e da cultura das crianças, visto que, segundo Lydia Hortélio, um dos 10 princípios que a regem, é o convívio com a natureza (Tomich, 2016).

As ilustrações foram elaboradas pela autora deste projeto em conjunto com a sua irmã e ilustradora Hanna Radke. O processo para realização das ilustrações foi organizado com base na matriz de design instrucional, de forma que, através de conversas e em um documento compartilhado entre as duas, foram sendo anotadas todas as ilustrações necessárias em um sistema de *checklist*. Assim, quando uma das duas finalizasse alguma ilustração, era realizada a confirmação. As ilustrações foram realizadas no *software* ProCreate e, quando necessário, finalizadas no *software* Adobe Illustrator.

A primeira definição quanto às ilustrações foi a criação dos animais da fauna brasileira tocando instrumentos. Os animais e instrumentos respectivos foram definidos em conjunto, pela autora e ilustradora, e a partir disso a ilustradora teve liberdade para desenhá-los como desejasse, levando em consideração as referências dos painéis semânticos, e seu próprio estilo de desenho. Os primeiros esboços com a relação entre animais e instrumentos, podem ser vistos na Figura 37. Estes animais foram distribuídos ao longo do livro, como personagens que estão presentes ao longo das atividades.

Figura 37 - Animais e instrumentos



Fonte: Elaborado pela autora em conjunto com a ilustradora.

A relação ficou definida como:

- Sapo + tambor
- Tartaruga + triângulo
- Capivara + bateria
- Cachorro + pandeiro
- Onça pintada + baixo
- Tucano + cavaquinho
- Polvo + violino
- Caranguejo + gaita
- Cobra + chocalho
- Macaco + violão
- Arara cantora
- Peixe cantor
- Gato + teclado
- Lobo-guará + guitarra

- Jacaré + saxofone
- Tamanduá + xilofone

Para proporcionar uma maior imersão no universo do jardim encantado foram elaboradas ilustrações iniciais para o mapa do jardim encantado (Figura 38) e para as aberturas de capítulo (Figura 39), que posteriormente foram refinadas e contém os títulos específicos. Foram feitos testes de cores com base nas referências dos painéis semânticos. Em relação ao tipo de pintura digital, o objetivo foi que ela apresente uma textura parecida com giz de cera, ou lápis de cor, para trazer um aspecto de pintura manual, muito comum no cotidiano das crianças, seja em casa ou na escola.

Figura 38 - Mapa do jardim musical encantado



Fonte: Elaborado pela autora em conjunto com a ilustradora.

Figura 39 - Páginas de abertura do Capítulo 1



Fonte: Elaborado pela autora em conjunto com a ilustradora.

Os refinamentos e as demais ilustrações (apresentados na Etapa de Realização do Projeto) seguem a mesma premissa das opções apresentadas anteriormente, contudo, ajustadas na paleta de cores definida. Foram definidas 6 ilustrações grandes que ocupam duas páginas ao mesmo tempo, sendo a primeira o mapa do jardim, que traz uma ambientação inicial para o livro. Cinco das seis ilustrações são para as aberturas de módulos. Para estas ilustrações, foram realizados, pela autora, rascunhos em papel indicando quais os elementos necessários e o posicionamento, para que a ilustradora pudesse criá-los e refiná-los digitalmente, no *software* ProCreate.

Ademais, as demais ilustrações relacionadas com os conteúdos e atividades específicas, como os instrumentos, foram realizadas tanto pela autora como pela ilustradora, seguindo o mesmo padrão de traço e pintura.

### 6.5.2.2 Capa

Para a capa foram realizadas duas alternativas de ilustração com diferentes *layouts* e posicionamento do título (também pela autora em conjunto com a ilustradora).

A primeira alternativa (Figura 40) possui alguns animais ilustrados com seus respectivos instrumentos em alguma área do jardim bem arborizada e florida, o título está posicionado mais ao topo da página.

Figura 40 - Alternativa 1 para a capa



Fonte: Elaborado pela autora em conjunto com a ilustradora.

A segunda alternativa (Figura 41), por sua vez, também possui os animais ilustrados, árvores e folhas, porém com um posicionamento um pouco diferente, de forma que o título fica centralizado na capa.

Figura 41 - Alternativa 2 para a capa

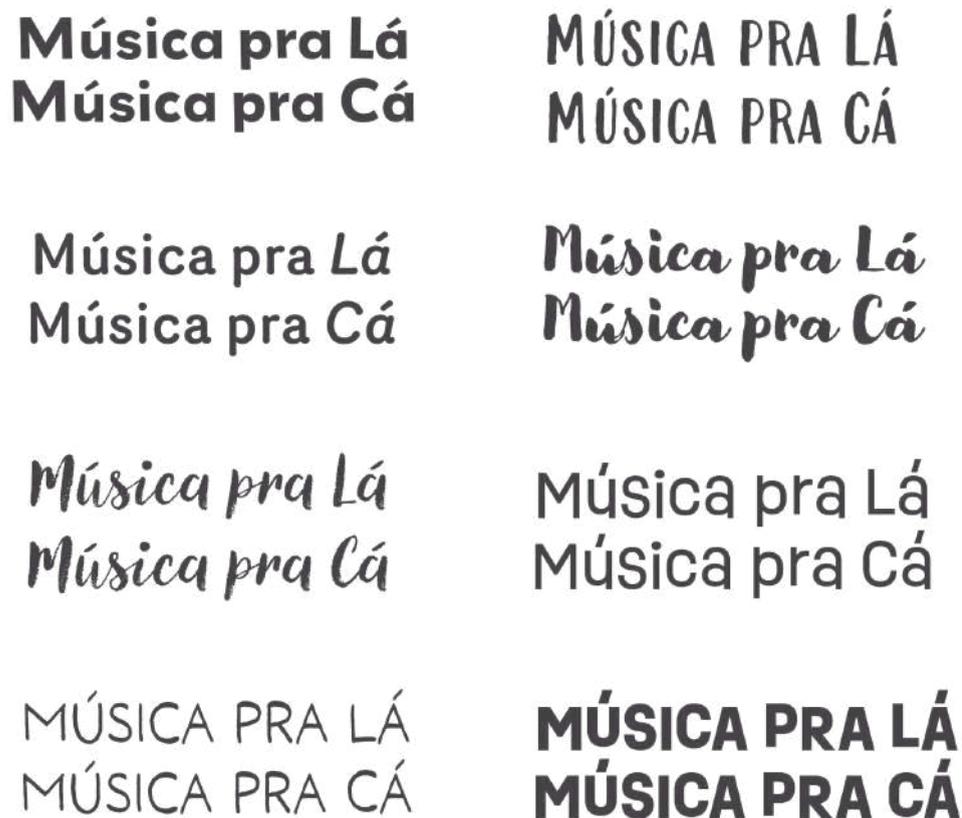


Fonte: Elaborado pela autora em conjunto com a ilustradora.

### 6.5.2.3 Tipografia

Para escolher a tipografia utilizada no projeto, tanto da capa, como do miolo, foram testados diferentes fontes e combinações. A figura 42 exemplifica algumas tipografias comparadas para a capa do livro e para os nomes dos capítulos e demais informações em destaque. As tipografias foram selecionadas e comparadas levando em consideração a ludicidade, a facilidade na leitura, e a concordância com a temática e demais elementos estéticos.

Figura 42 - Testes de tipografia para título



Fonte: Elaborado pela autora.

Na geração de alternativas de tipografias para o corpo de texto do livro, foram comparadas três tipografias, a geométrica Outfit (acima na figura 43 e abaixo na figura 44), a geométrica Carbona Variable (abaixo na figura 43 e acima na figura 44) e a tipografia humanista, Myriad Pro (Figura 44).

Figura 43 - Testes de tipografia para corpo de texto

# O que é ritmo?

O ritmo é o andamento da música. É uma variável que depende tanto da duração, como da intensidade. As relações entre os sons compõem o ritmo.

# O que é ritmo?

O ritmo é o andamento da música. É uma variável que depende tanto da duração, como da intensidade. As relações entre os sons compõem o ritmo.

Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 44 - Testes de tipografia impressos

## Brincadeiras musicais

Neste capítulo vamos brincar ouvindo e fazendo música. Todas as atividades podem ser realizadas individualmente ou em grupo.

**Vamos nos divertir muito!**

Fonte: Elaborado pela autora.

### 6.5.3 Seleção de Alternativas

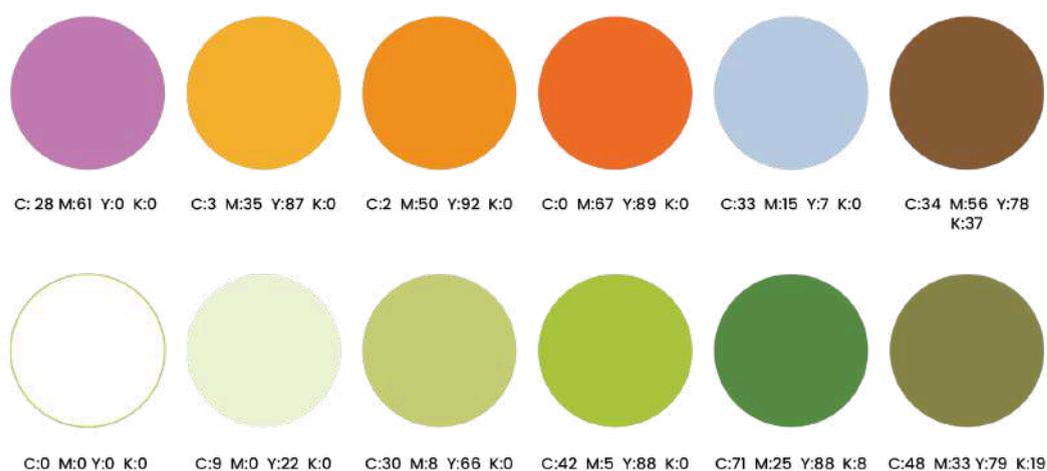
Seguindo o andamento do projeto, a etapa da Geração de Alternativas é seguida pela etapa de Seleção de Alternativas, contudo, vale ressaltar que, por mais que neste relatório as informações estejam separadas, algumas decisões já foram sendo tomadas simultaneamente ao processo de produção, assim como na

metodologia de Matté (2004), em que as fases, etapas e atividades possuem uma linearidade, mas a retroalimentação e simultaneidade são importantes.

### 6.5.3.1 Paleta de Cores

A paleta de cores do projeto gráfico do livro foi definida tanto a partir dos testes de ilustração, como levando em consideração as referências dos painéis semânticos, a temática do jardim encantando, a ludicidade e o grau de contraste em relação a paginação branca. A figura 45 demonstra a paleta de cores escolhida, que será destinada tanto às ilustrações, como a tipografia, buscando manter uma coesão entre os elementos presentes no *layout*.

Figura 45 - Paleta de cores



Fonte: Elaborado pela autora.

### 6.5.3.2 Capa

Na geração de alternativas foram apresentadas duas opções de *layout* para a capa deste livro de musicalização infantil. A opção escolhida foi a segunda (Figura 46), com base na preferência pelo posicionamento dos elementos e da tipografia, que foram, posteriormente, refinados digitalmente.

Figura 46 - Alternativa de Capa Escolhida



Fonte: Elaborado pela autora em conjunto com a ilustradora.

### 6.5.3.3 Tipografia

A tipografia escolhida para o título principal e para os títulos e demais textos em destaque no miolo do livro foi a Ruddy (figura 47), disponível no Adobe Fontes. Sua definição se deu em razão de sua estética lúdica, divertida e levemente desparelhada, que remete à escrita das crianças. Assim como, por possuir uma grande variedade de pesos, dando dinamicidade à fonte e permitindo um melhor uso.

Figura 47 - Tipografia escolhida para títulos

Ruddy

abcdefghijklmnopqrstuvwxyZ  
ABCDEFGHIJKLMNopQRSTUVWXYZ  
1234567890!()?()[]{}:;\*&%\$@

Ruddy

abcdefghijklmnopqrstuvwxyZ  
ABCDEFGHIJKLMNopQRSTUVWXYZ  
1234567890!()?()[]{}:;\*&%\$@

**RUDDY**

**ABCDEFGHIJKLMNopQRSTUVWXYZ  
ABCDEFGHIJKLMNopQRSTUVWXYZ  
1234567890!()?()[]{}:;\*&%\$@**

Fonte: Elaborado pela autora em conjunto com a ilustradora.

A tipografia definida para o corpo de texto do livro foi a Myriad Pro (Figura 48), uma tipografia humanista e sem serifa (disponível na Adobe Fontes). Sua escolha se deu principalmente em razão da boa legibilidade, assim como pela concordância com a tipografia definida para os títulos e com a temática do livro. Além disso, possui também uma grande variedade de estilos e pesos, o que agrega muito na diagramação.

O tamanho padrão definido para o corpo de texto foi o de 13 pontos, com um entrelinha de 16 pontos. Este tamanho facilita a leitura por parte das crianças mais velhas ao mesmo tempo que não ocupa um espaço tão grande na página, permitindo a adição de mais elementos além dos textuais.

Figura 48 - Tipografia escolhida para o corpo de texto

Myriad Pro

abcdefghijklmnopqrstuvwxy  
ABCDEFGHIJKLMNPOQRSTUVWXYZ  
1234567890!()?[]{};\*&%\$@

Myriad Pro

abcdefghijklmnopqrstuvwxy  
ABCDEFGHIJKLMNPOQRSTUVWXYZ  
1234567890!()?[]{};\*&%\$@

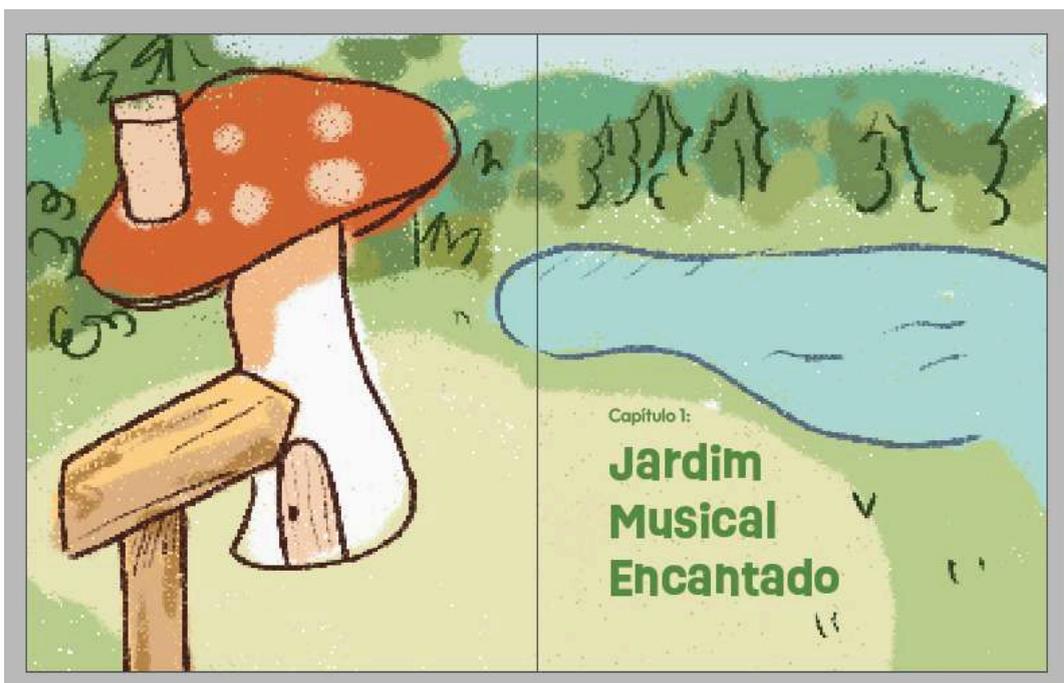
**Myriad Pro**

**abcdefghijklmnopqrstuvwxy  
ABCDEFGHIJKLMNPOQRSTUVWXYZ  
1234567890!()?[]{};\*&%\$@**

Fonte: Elaborado pela autora em conjunto com a ilustradora.

A figura 49 exemplifica o posicionamento projetado nas páginas de início de capítulo.

Figura 49 - Exemplo de posicionamento de título na página



Fonte: Elaborado pela autora.

Vale ressaltar que, neste projeto, por ser direcionado para as crianças, mas também para os professores, a linguagem busca ser descomplicada mas ao mesmo tempo não muito simplista, de forma que, nas explicações conteudistas não faltam termos necessários para a compreensão da teoria. Assim como, o texto relaciona os conteúdos ao ambiente do jardim, e aos animais, objetivando uma maior integração entre a parte textual e visual.

#### 6.5.4 *Grid* (Grade)

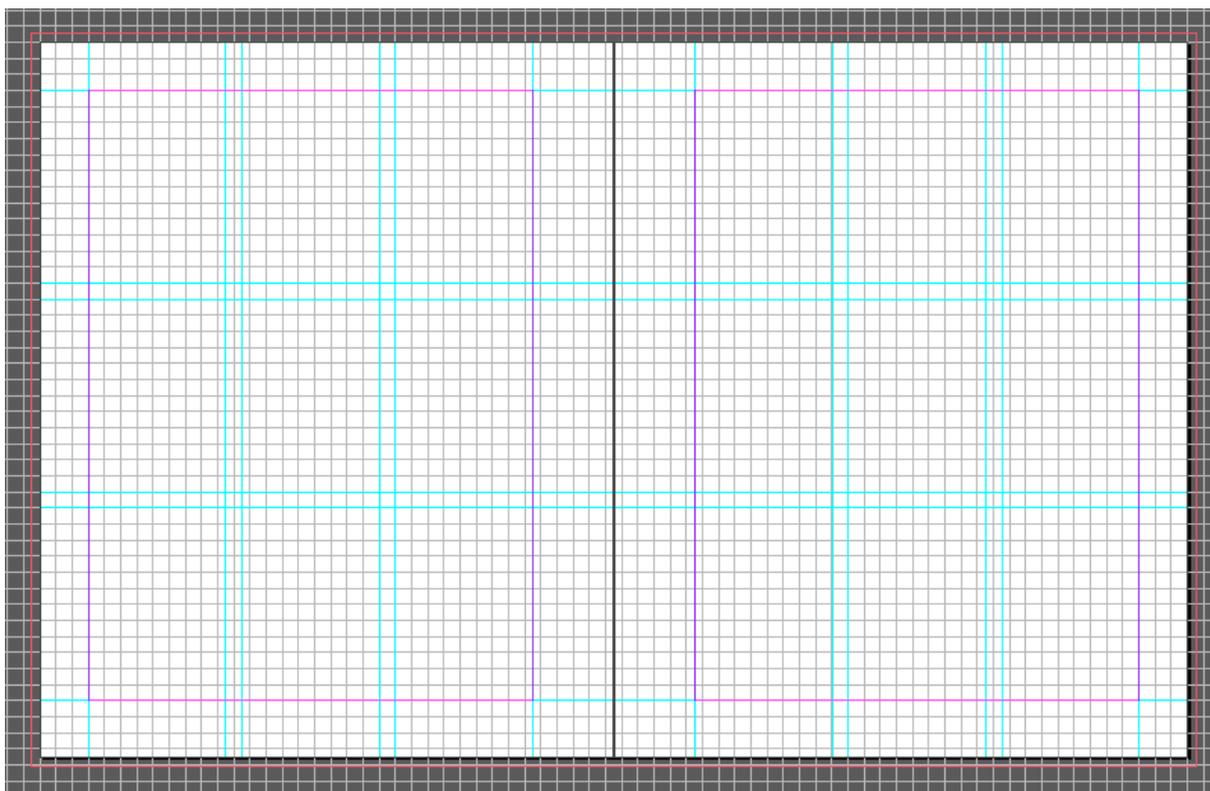
O *Grid* (Grade) é uma ferramenta no design editorial que permite organizar e nortear a diagramação no *layout*, propiciando uma maior coerência visual no conjunto de páginas (Haslam, 2007). Sua estrutura básica é formada por eixos horizontais e verticais que auxiliam na disposição do conteúdo na mancha de texto (área onde o conteúdo será impresso, demarcada pelas margens), permitindo também que sejam criados campos e colunas que delimitam o espaço para diagramação (Fonseca, 2008).

O *Grid* para este livro (Figura 50) foi montado com base na estrutura de *Grid* Modular, desenvolvida pelo professor Sandro Fetter. Considerando o público-alvo e a necessidade de encaixar elementos textuais e ilustrativos no *layout*, a medida do

entrelinha foi definida em 16 pontos, a partir do tamanho da fonte do corpo de texto, já definida anteriormente em 13 pontos. O entrelinha se tornou o módulo a ser configurado no *grid* do InDesign, oferecendo uma malha na qual a grade, a linha de base, às margens e as colunas, entram em concordância matematicamente. O *Grid* deste projeto possui uma margem interna maior para que o *wire-o* não interfira na disposição do conteúdo e 3 colunas e 3 campos, permitindo uma melhor organização dos elementos no *layout*. A medianiz das colunas e campos é de 5,644 milímetros.

As margens possuem diferentes medidas: a interna possui 28,222 milímetros, a externa possui 16,933 milímetros, a superior possui 16,933 milímetros e a inferior possui 19,756 milímetros. A Figura 50 mostra o *Grid* aplicado no Adobe InDesign, plataforma em que o livro foi desenvolvido.

Figura 50 - *Grid*



Fonte: Elaborado pela autora.

## 7. REALIZAÇÃO DO PROJETO

A terceira e última fase do projeto, conforme a metodologia adaptada que une o Método ADDIE à metodologia de Matté (2004), consiste no seu desenvolvimento/realização. Nesta fase é feito o refinamento das alternativas escolhidas e a produção do modelo final. Também é realizada a etapa de Normatização, que consiste na descrição técnica do livro para impressão do protótipo.

### 7.1 Modelação Final

Na modelação final deste projeto foram realizadas diversas etapas simultaneamente, descritas a seguir:

- Foi finalizada a curadoria e escrita de todo o conteúdo que integra o livro, assim como foram criados todos os QR Codes relativos às atividades e temáticas abordadas.
- Foram finalizadas todas as ilustrações produzidas para o projeto;
- Foi feita a definição dos diferentes *layouts* de cada capítulo, bem como toda a diagramação da capa, contracapa e do miolo, a partir da inserção do conteúdo textual e visual.
- Foi realizada a descrição técnica para solicitação de orçamentos nas gráficas.

#### 7.1.1 Espelho final

O espelho final do projeto (Figura 51) mostra a sequência de *layout* desenvolvida, que possui algumas pequenas alterações, definidas conforme o livro foi sendo montado e as dicas dos assessoramentos com o professor Airton Cattani, coorientador do projeto.

Figura 51 - Espelho Final



Fonte: Elaborado pela autora.

### 7.1.2 Formato final

O formato final do livro físico tem as seguintes especificações:

- **Miolo:** 20x25 cm;
- **Folha de guarda** (capa e contracapa): 20x25 cm;
- **Folhas de adesivo:** 2 folhas, 20x25cm;
- **Capa dura:** 26x22 cm, ao todo 26x44 cm + lombada de 2 cm;
- **Encadernação:** *Wire-o* oculto com capa dura.

### 7.1.3 Conteúdo

Para curadoria e escrita do conteúdo do livro, foram acessadas diversas plataformas e vídeos de musicalização infantil, assim como foram utilizados os próprios conhecimentos da autora deste projeto acerca de música e teoria musical. O conteúdo tomou forma a partir das definições dos módulos apresentados anteriormente na Matriz de Design Instrucional que leva em consideração a abordagem construtivista. A Figura 52 sintetiza os conteúdos abordados em cada um dos 5 módulos propostos, que foram diagramados de forma levemente diferente, mas seguindo o mesmo *Grid* e buscando sempre uma coerência e coesão visual com o conjunto.

Figura 52 - Módulos sintetizados



Fonte: Elaborado pela autora.

#### 7.1.4 Projeto Gráfico

O projeto gráfico do livro “Música pra lá, Música pra cá” contou com diversos processos, que, como explicado anteriormente, foram sendo realizados simultaneamente para compor o *layout* dos diferentes módulos de ensino. Fazem parte do projeto gráfico: a definição do *Grid* em que o livro foi diagramado, a paleta de cores definida, as tipografias definidas, as ilustrações, e a diagramação do *layout*. A coesão e coerência do conjunto com a temática proposta e os requisitos pré estabelecidos foram de suma importância, para que o resultado do projeto transmitisse a ludicidade, interatividade e o aspecto encantador objetivado pelo conceito.

##### 7.1.4.1 Ilustrações

Após as definições do estilo de ilustração e elementos necessários, realizadas nas etapas de Geração e Seleção de Alternativas, seguiu-se adiante com a produção de novas ilustrações (realizadas pela autora em conjunto com a ilustradora). Todas as ilustrações digitais foram realizadas no aplicativo ProCreate, e algumas delas finalizadas no Adobe Illustrator. Foram utilizados pinceis com texturas

parecidas com lápis e giz de cera, remetendo aos materiais utilizados pelas crianças no dia a dia.

A Figura 53 apresenta todos os animais do jardim musical encantado reunidos. Os animais carregam a brasilidade que buscou-se representar no projeto, visto que são animais da fauna brasileira. O cachorro caramelo tocando pandeiro, o tucano tocando cavaquinho, e o lobo guará tocando baixo são alguns dos exemplos.

Figura 53 - Animais do Jardim



Fonte: Elaborado pela autora.

A Figura 54, por sua vez, representa o mapa do jardim musical encantado, que aparece logo no início do livro. Seu objetivo é ambientar o leitor no “universo do jardim”, trazendo os diferentes espaços em que veremos os animais posteriormente. Para cada local foi definido um nome como: Lago Encantado, Vale da Harmonia, Clareira Musical, entre outros.

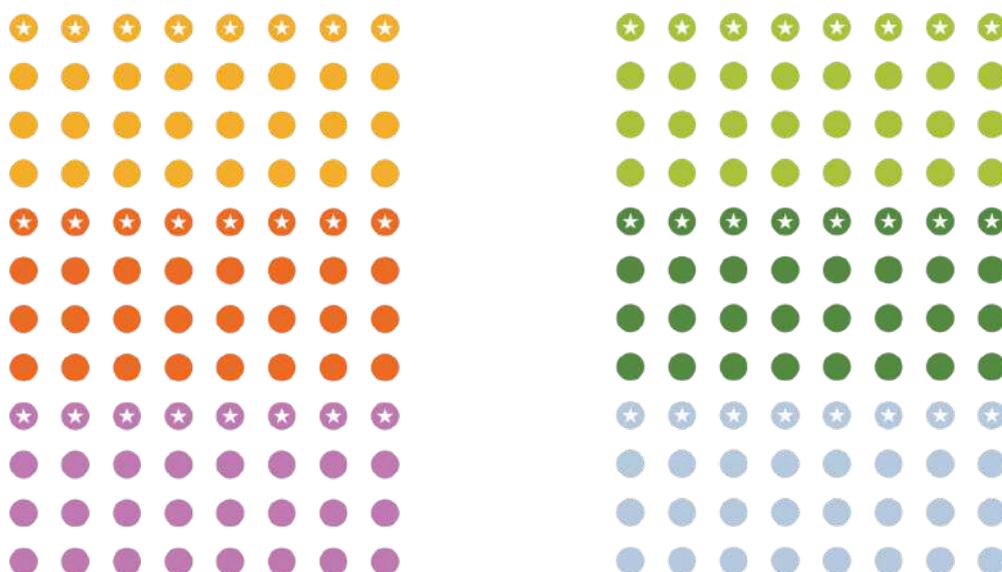
Figura 54 - Mapa do Jardim Musical Encantado



Fonte: Elaborado pela autora.

A Figura 55 mostra as páginas em que estão os adesivos do livro, todos na paleta de cores definida. Os adesivos servem para oferecer mais interatividade para o livro, permitindo que as crianças os usem tanto nas atividades de teoria musical, como livremente, para decorar seu livro, cadernos ou agendas.

Figura 55 - Páginas de adesivos



Fonte: Elaborado pela autora.

#### 7.1.4.2 *Layout* e diagramação: Capa e páginas avulsas

A seguir serão apresentados e explicados os resultados obtidos para a capa do livro e também para as páginas avulsas, que não compõem nenhum módulo. O livro foi diagramado no *software* Adobe Indesign. Além disso, o *software* Adobe Illustrator foi utilizado para finalizar algumas ilustrações e para a realização de outras, como os pianos, balões de texto, ícones, adesivos e gráficos. Os QR Codes foram gerados na ferramenta Adobe Express.

Para a composição da capa (Figura 56), seguiu-se adiante com a ilustração base definida na etapa de Seleção de Alternativas. Portanto, a ilustração foi estendida para ocupar também os espaços da lombada e da quarta capa. Ao todo a capa possui 26 centímetros de altura por 46 centímetros de largura, e a lombada possui 2 centímetros, para que pudesse suprir o espaço necessário para a aplicação do *wire-o*.

A capa é ilustrada com os animais do jardim dispostos em uma “roda” na chamada Clareira Musical (que aparece ilustrada no mapa). O título é centralizado, com o subtítulo disposto logo abaixo acompanhado de algumas notas musicais. Na

quarta capa, há uma breve sinopse do que o livro se trata, e abaixo o código fictício para identificar a obra.

Figura 56 - Capa e quarta capa



Fonte: Elaborado pela autora.

Foi criada também uma identidade visual para a Editora Radke (fictícia) (Figura 57), buscando tornar o projeto mais realista. As letras de Radke (sobrenome da autora e da ilustradora) aparecem como as teclas pretas do teclado, fazendo alusão à uma editora que trabalharia com livros musicais.

Figura 57 - Identidade Visual Editora Radke



Fonte: Elaborado pela autora em conjunto com a ilustradora.

A folha de rosto (Figura 58) traz novamente o título e subtítulo do livro, contudo dessa vez seguindo a proposta de *layout* que veremos ao longo de todo o miolo, o fundo branco com ilustrações.

É possível perceber também as ilustrações aplicadas nas margens superior e inferior ao longo de todas as páginas conteudistas do livro. No topo é possível perceber os ramos de flores e cipós caindo, e abaixo, o chão de grama. O seu objetivo é integrar todas as ilustrações e demonstrar que o leitor sempre está dentro do jardim. Foram usadas as cores definidas na paleta para títulos e caixas de texto.

Figura 58 - Folha de rosto



Fonte: Elaborado pela autora.

A Figura 59, apresenta as páginas introdutórias do livro, onde há o lobo guará acenando à esquerda, e à direita um breve texto explicando as funcionalidades do livro, assim como para que servem os QR Codes dispostos ao longo das páginas de atividades.

Figura 59 - Páginas introdutórias



Fonte: Elaborado pela autora.

A Figura 60, apresenta o sumário, composto pelos cinco módulos do livro, representados pela cor mais presente em cada um, gerando uma correlação visual. Além disso, aparecem alguns outros insetos que habitam o jardim musical encantado. A hierarquia dá ênfase para os módulos e seus respectivos nomes.

A tipografia na cor preta proporciona maior contraste entre fundo e texto, colaborando para uma melhor legibilidade.

Figura 60 - Sumário



## Sumário

<b>Módulo 1</b> Página 9	<b>Jardim Musical Encantado</b> Conheça os bichinhos do jardim!
<b>Módulo 2</b> Página 17	<b>Cantando e dançando no Jardim</b> Vamos brincar, cantar, dançar e se divertir!
<b>Módulo 3</b> Página 29	<b>Outros Jardins</b> Conheça diversos gêneros musicais!
<b>Módulo 4</b> Página 53	<b>Instrumentos Musicais</b> Vamos conhecer vários instrumentos!
<b>Módulo 5</b> Página 63	<b>Teoria Musical</b> Aprenda os conceitos básicos de teoria musical!

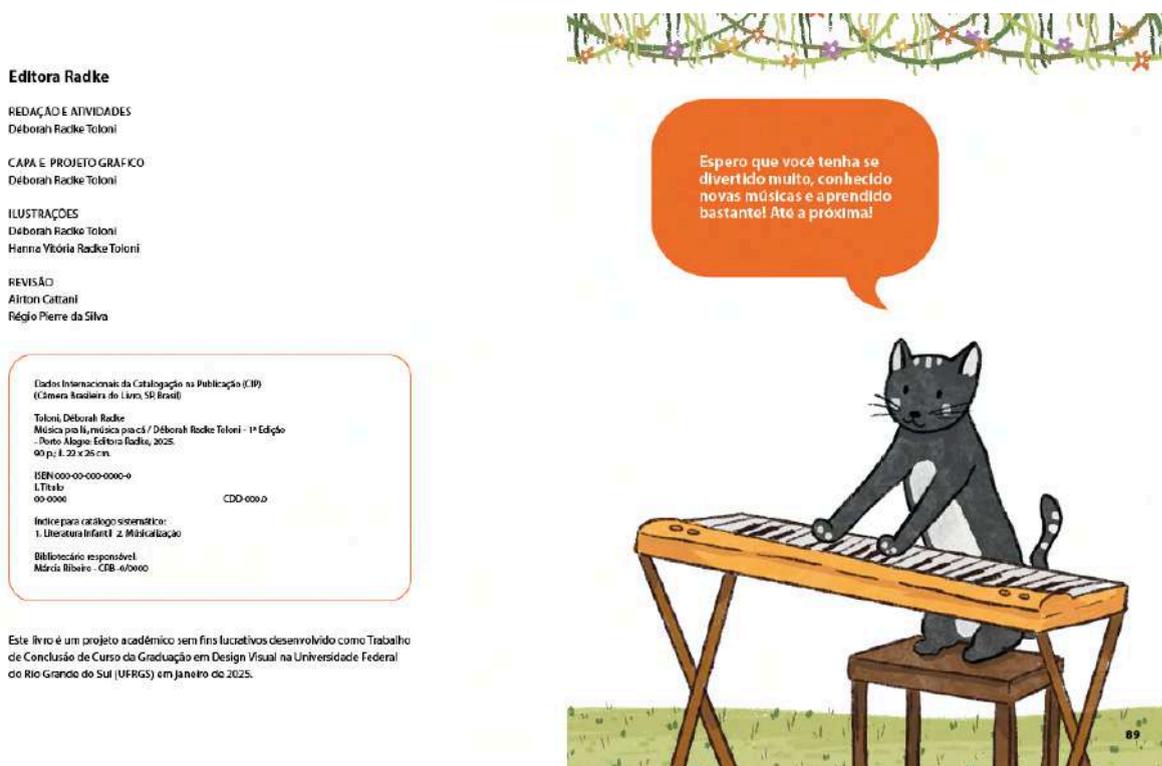


Fonte: Elaborado pela autora.

A ficha técnica (Figura 61) é apresentada ao final do livro. Inicialmente ela seria apresentada no início do livro, contudo, após realizar um assessoramento com o professor Airton Cattani foi proposto que a ficha ficasse no final, de forma que o fluxo de apresentação do jardim não fosse quebrado ao primeiro contato com a obra por parte do leitor(a). A ficha contém as informações relativas à editora fictícia, atribuições dentro do projeto, informações técnicas e o aviso de que este é um projeto de Trabalho de Conclusão de Curso.

Ao lado da ficha há uma página contendo uma mensagem de conclusão, que segue a ideia da utilização dos balões de fala, muito utilizados no livro para dar voz aos animais e conectar o leitor(a) ao jardim, criando uma experiência mais imersiva.

Figura 61 - Ficha Técnica



Fonte: Elaborado pela autora.

### 7.1.4.3 Layout e diagramação: Módulos

- Módulo 1: Jardim Musical Encantado

O primeiro módulo tem como objetivo integrar alunos e professores, para que se conheçam melhor e os professores possam entender que conhecimentos, habilidades e interesses musicais as crianças têm ou gostariam de adquirir.

A abertura do módulo 1 (Figura 62) é representada pela ilustração de uma vista ampliada da casa de cogumelos do jardim, cercada por alguns animais, e logo à frente uma placa dizendo “Bem-vindo(a)” ao Jardim Musical Encantado, de forma que o nome do capítulo é disposto na página à direita. Todas as ilustrações de capa de capítulo possuem um espaço menos detalhado à direita, para que os nomes pudessem ser adicionados.

Figura 62 - Módulo 1 (abertura)



Fonte: Elaborado pela autora.

Nas páginas conteudistas do módulo 1 (Figura 63), as perguntas são dispostas em balões de fala, que “dão vida” aos animais dentro da obra, e os integram com o conteúdo. Na página à esquerda há uma breve explicação do que se trata o capítulo e cada pergunta. Todas as perguntas, exceto as duas primeiras, possuem uma dica de atividade atrelada ao tema da questão. Os animais e balões de fala foram dispostos mantendo um espaço de respiro calculado de 2 módulos entre as informações, e para isso foi utilizado o *Grid* de linha de base explicado anteriormente (Figura 64).

O texto dentro dos balões de fala estão Myriad Bold, tamanho 15 pontos, dando mais ênfase para as perguntas e falas dos animais, e tornando a leitura mais fácil e dinâmica. Além disso, o conteúdo textual está em branco sobre o fundo verde para proporcionar melhor contraste e, conseqüentemente, melhor legibilidade das crianças mais velhas. Em relação aos balões de fala, seu formato segue os padrões de caixas de texto arredondadas presentes ao longo do livro, entretanto, apresenta uma estética mais minimalista, justamente para facilitar a leitura e dar protagonismo aos animais e às perguntas.

Figura 63 - Módulo 1 (Páginas conteudistas)

**Jardim Musical Encantado**

Vamos nos conhecer melhor? Neste capítulo, os animais do jardim tem perguntas muito legais sobre os seus interesses musicais.



O que você faz no seu tempo livre?

Você gosta de assistir filmes, desenhos ou séries? Quais os seus preferidos?

**Dica de atividade:** Compartilhe com os colegas as músicas de abertura dos programas!



Qual a sua brincadeira ou seu jogo favorito?



Que músicas você gosta de ouvir? Você tem um estilo de música preferido?

**Dica de atividade:** Correlacionar os estilos musicais com os gêneros e instrumentos característicos.



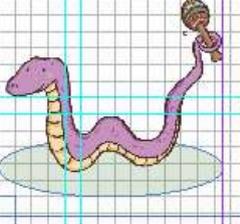
10 11

Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 64 - Diagramação sobre Grid

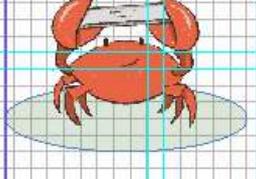
Você tem alguma música favorita?

**Dica de atividade:** Montar uma playlist com as músicas preferidas de toda a turma, para ouvir depois.



Você sabe cantar/tocar ou deseja aprender a cantar ou tocar algum instrumento musical?

**Dica de atividade:** Monte um Sarau para os alunos se apresentarem com seus instrumentos!



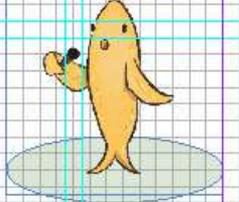
Você tem um cantor/a ou banda favorita? Por que são seus favoritos?

**Dica de atividade:** Montar um jogo de memória que relacione os cantores/as suas músicas!



Você já foi em algum show ou concerto? Como foi a experiência?

**Dica de atividade:** Relacionar os artistas aos gêneros musicais e quais instrumentos musicais eles mais usam!



12 13

Fonte: Elaborado pela autora.

- Módulo 2: Cantando e dançando no Jardim

O módulo 2 tem como premissa criar um ambiente divertido e integrativo para as aulas, trazendo atividades musicais de ritmo, cantigas de roda, parlendas entre outras. A abertura do módulo 2 (Figura 65) busca transmitir essa integração com a ilustração dos animais em uma roda, conversando e brincando.

À direita, assim como no módulo 1 está o nome do capítulo, porém dessa vez e em todos os seguintes, ele aparece em branco e há uma caixa de texto colorida que explica do que eles se tratam. Após os assessoramentos, esta foi a solução escolhida para gerar um bom contraste entre a cor do subtítulo e a cor de fundo, visto que foi apontada essa necessidade. No módulo 1 isso não aconteceu dada também à necessidade de contraste entre a escrita e o fundo, e por isso o título ficou em verde.

Figura 65 - Módulo 2 (abertura)



Fonte: Elaborado pela autora.

As páginas conteudistas (Figura 66) apresentam as 10 atividades, dispostas uma a cada página, nas cores da paleta definida. Os enunciados aparecem sobre o fundo branco enquanto as especificações aparecem sobre o fundo colorido menos opaco (em 23%). O fundo branco com a escrita em preto proporciona melhor

contraste e, portanto, melhor leitura, assim como o fundo menos opaco, visto que se fosse utilizado em 100% o contraste não seria adequado. Os QR Codes levam o leitor aos vídeos relativos às músicas e atividades propostas. A hierarquização das informações através do tamanho da fonte utilizada e das cores foi muito importante para criar uma ordem de leitura adequada. Além disso, ao longo de todo o livro as informações foram alinhadas à esquerda e sem justificação com o propósito de facilitar a leitura e torná-la mais fluida.

Figura 66 - Módulo 2 (páginas conteudistas)



Fonte: Elaborado pela autora.

- **Módulo 3: Outros Jardins**

O terceiro módulo leva os leitores(as) para além do jardim musical encantado, apresentando outros jardins, ou seja, gêneros musicais. A abertura do módulo 3 (Figura 67) traz essa representação visual através da ilustração de diferentes ilhas, como Ilha do Pop, Ilha do Rock, Ilha do Jazz e assim por diante. São ao todo 20 gêneros musicais apresentados.

Figura 67 - Módulo 3 (abertura)



Fonte: Elaborado pela autora.

As páginas conteudistas (Figura 68), por sua vez, tem um padrão próprio que se repete ao longo das páginas do módulo. Cada gênero possui uma breve explicação e dois quadros, um sobre principais artistas, grupos ou bandas (dependendo do gênero) e outro sobre uma *playlist* especial criada na plataforma Spotify pela autora deste projeto, que pode ser acessada pelos QR Codes no canto direito de cada página.

O texto em preto foi disposto de forma que sempre sobrassem 4 módulos à direita, assim a mancha de texto não ocupa toda a extensão de uma margem à outra, há um maior espaço de respiro e a leitura não parece maçante.

O módulo é finalizado com duas páginas (Figura 69) dedicadas a demonstrar diferentes jeitos de se ouvir música, com ilustrações encantadoras e breves explicações sobre algumas delas. Cada jeito de ouvir música é separado por uma seção com fundo verde. As informações textuais dentro dos quadros coloridos estão com tamanho de 11 pontos.

Figura 68 - Módulo 3 (páginas conteudistas)



## Bossa Nova

A Bossa Nova é um gênero musical brasileiro bem suave e calmo, como se fosse uma brisa tranquila de verão. Ela começou no Rio de Janeiro, nos anos 1950, e é parecida com o samba, mas com um ritmo mais lento e relaxante.

As canções frequentemente abordam temas como amor, natureza e o cotidiano. A música é cantada de forma tranquila e agradável.

O principal instrumento musical é o violão.

**Principais artistas:**

Tom Jobim, Vinícius de Moraes, João Gilberto, Elis Regina e Roberto Menescal.

**Músicas**

Acesse, através do QR code ao lado, uma playlist especial de Bossa Nova, do Música pra lá, Música pra cá!



## Pagode

O pagode é um gênero musical muito divertido, alegre e dançante. Apesar de ser "parente" do samba, e ter uma batida parecida, o pagode tem alguns elementos melódicos e harmônicos mais simples, além de um toque mais moderno.

O pagode usa instrumentos como o pandeiro, o cavaquinho, o tamborim e o tantã. Outra característica do estilo, são as rodas de pagode, onde as pessoas se reúnem para cantar, dançar e se divertir.

**Principais grupos**

Raça Negra, Só Pra Contrair, Exaltasamba, Molejo, Menos é Mais, Thiaguinho e Fundo de Quintal.



**Músicas**

Acesse, através do QR Code ao lado, uma playlist especial de Pagode, do Música pra lá, Música pra cá!





32
33

Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 69 - Módulo 3 (Jeitos de se ouvir música)



## Jeitos de se ouvir música

**Shows e festivais**

A música nos shows e festivais reúne muitos fãs de artistas e bandas nacionais e internacionais!



**Concertos e orquestras**

As músicas, em concertos e orquestras, costumam ser tocadas em grandes palcos dentro de teatros.



## Jeitos de se ouvir música



**Rádio**



**Plataformas digitais**

**Vitrola**

A vitrola ou toca-discos, é uma forma de ouvir música que era mais utilizada antes do surgirem os CDs e aparelhos eletrônicos. Nela, o vinil é colocado em uma base circular com um pino no centro para segurar. Enquanto o disco gira, uma agulha lê as ondas sonoras, transformando-as em música!



50
51

Fonte: Elaborado pela autora.

- Módulo 4: Instrumentos musicais

O módulo 4 apresenta diferentes instrumentos musicais em categorias distintas, como instrumentos de cordas, sopro, percussão e elétricos e eletrônicos. A abertura do módulo 4 (Figura 70) apresenta uma banda de animais com seus respectivos instrumentos fazendo um show dentro do jardim. Há luzinhas e até um amplificador. O nome do módulo, posicionado à direita, segue o mesmo molde dos dois módulos anteriores.

Figura 70 - Módulo 4 (abertura)



Fonte: Elaborado pela autora.

As páginas conteudistas do módulo 4 (Figura 71) contam com 10 instrumentos por categoria, sempre dando ênfase para um deles e trazendo alguma curiosidade relacionada com a cultura musical do Brasil. O objetivo foi valorizar instrumentos musicais importantes na produção musical do país, assim como, relacioná-los aos gêneros musicais apresentados anteriormente. Houve um cuidado em representar os instrumentos da forma mais fidedigna na medida do possível, indicando por exemplo, o número correto de cordas do violão e do ukulele, para fins de comparação.

Figura 71 - Módulo 4 (páginas conteudistas)

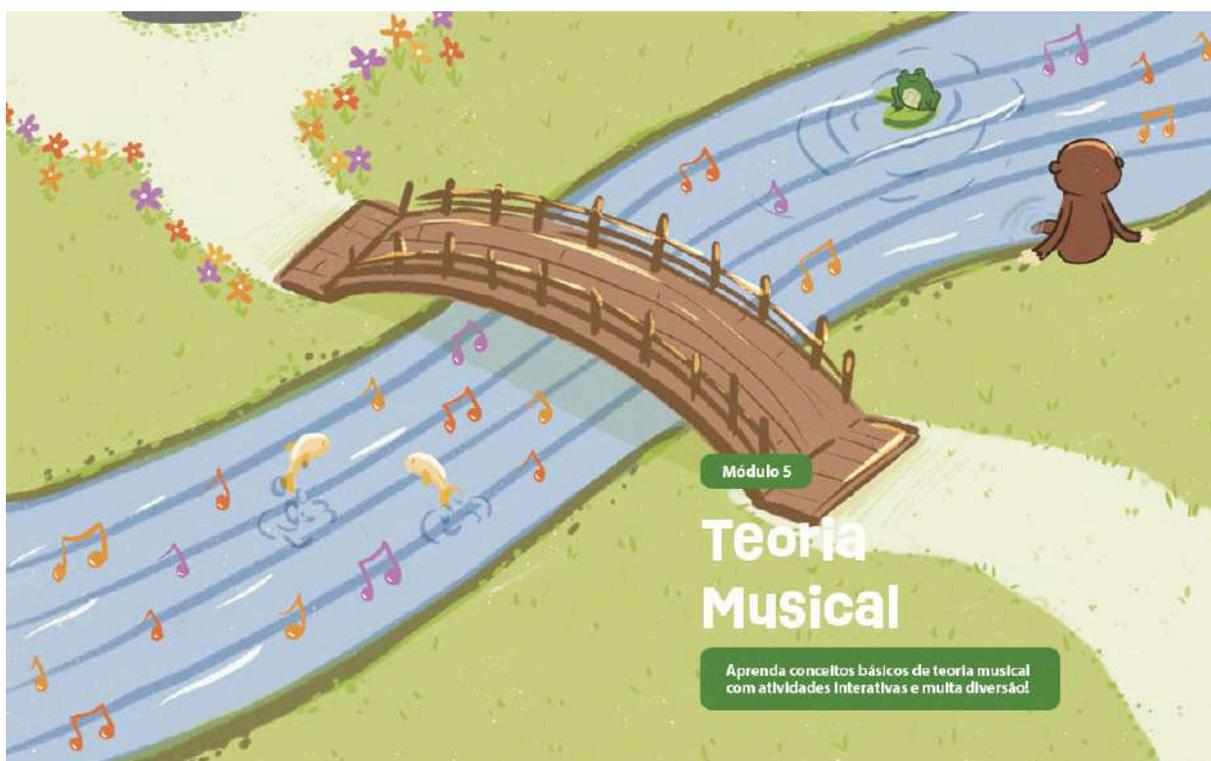


Fonte: Elaborado pela autora.

- Módulo 5: Teoria Musical

O módulo 5 é o último módulo do livro, apresenta os conceitos básicos de teoria musical de uma forma lúdica e descomplicada, unindo o conteúdo textual às ilustrações estéticas e funcionais, como o piano por exemplo. A abertura do módulo traz uma representação do riacho da melodia que se transformou em uma partitura onde correm as notas musicais (Figura 72).

Figura 72 - Módulo 5 (abertura)



Fonte: Elaborado pela autora.

Este módulo possui diferentes *layouts* que seguem um mesmo estilo de diagramação (Figura 73). Alguns tópicos apresentam QR Codes com atividades e outros apresentam curiosidades. A linguagem foi simplificada, mas sem perda de termos essenciais, para gerar uma fácil compreensão se uma criança mais velha, dentro ou não da faixa-etária do público-alvo, quisesse ler o livro por conta própria.

Foram utilizadas também estratégias visuais, através das ilustrações e do uso da cor para facilitar a compreensão do conteúdo, como por exemplo na Figura 74, em que as teclas que não devem ser tocadas foram atenuadas, indicando o intervalo entre as notas. As ilustrações do piano também foram utilizadas para criar essa relação com os acordes de uma forma divertida e colorida, o que não é muito comum em materiais de teoria musical, conforme foi possível ver na pesquisa bibliográfica.

Figura 73 - Módulo 5 (páginas conteudistas)

## Melodia

A melodia é o elemento musical que consiste em uma **sequência de notas tocadas ou cantadas de forma linear**, uma após a outra, criando uma linha sonora que o ouvinte pode reconhecer e lembrar.

Geralmente, a **melodia é a parte da música que chama mais atenção**, e que costumamos cantar ou assobiar. Além disso, costuma ser a parte da música que mais nos conecta emocionalmente.

A melodia pode ser rápida, lenta, alegre ou triste dependendo da música. Por exemplo, a melodia de uma música de festa pode ser bem animada e dançante, enquanto a melodia de uma música de elevador é calma e suave.

Qual a primeira música que vem na sua cabeça quando você pensa em uma melodia?



Assim como frases em uma língua, a melodia é organizada em pequenas "sentenças" musicais que têm começo, meio e fim. Contudo, muitas melodias têm partes que se repetem para criar familiaridade e "ficar na cabeça".

## Harmonia

Na música, harmonia é o estudo de como os sons, ou notas musicais, se combinam para formar acordes e progressões de acordes. É um dos pilares da teoria musical, juntamente com a melodia e o ritmo.

A harmonia dá à música **profundidade, cor e emoção, criando uma estrutura que complementa a melodia principal**.

### Harmonia vocal

A harmonia vocal se forma na combinação de duas ou mais vozes, cantando a música em notas diferentes. Ela dá mais profundidade e emoção para música, assim como, permite que os cantores sejam criativos e possam enfatizar a música de jeitos diferentes através da voz.

Um bom exemplo de harmonia vocal, são os corais, onde há a divisão de vozes conforme as características e qualidades dos cantores.



Você já cantou no Coral ou tem curiosidade para saber como é?

Confira no QR Code ao lado a apresentação de um coral infantil!



Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 74 - Módulo 5 (páginas conteudistas 2)

## Acordes

Os **acordes são combinações de três ou mais notas tocadas ao mesmo tempo ou em sequência**. Eles são fundamentais para o acompanhamento e estrutura das composições.

Os acordes são construídos a partir das notas de uma escala musical. A base de um acorde é chamada de nota fundamental (ou tônica), e as outras notas são adicionadas de acordo com intervalos específicos.

Confira o exemplo do acorde de C (Dó maior):

Notas tocadas

Dó

Intervalo

Notas tocadas

Ré

Intervalo

Notas tocadas

Mi

Intervalo

Notas tocadas

Fá

Intervalo

Notas tocadas

Sol

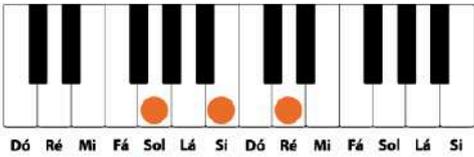
Classificação do acordes:

Majores	Menores	Com sétima
Tem um som mais "alegre" e aberto. Exemplo: C (Dó maior) (Dó, Mi e Sol).	Tem um som mais "triste" ou suave. Exemplo: Am (Lá menor) (Lá, Dó, Mi).	Incluem a sétima nota da escala. Exemplo: G7 (Sol, Si, Ré e Fá).

### Acordes no piano ou teclado

No piano, as notas e acordes são posicionados na ordem da escala musical. Os acordes são formados tanto tocando as teclas brancas, como as pretas. No desenho abaixo podemos ver o acorde de Sol maior, que envolve as notas Sol (Tônica), Si e Ré.

**Mais Grave** ← ⇔ **Mais Agudo**



Acorde de Sol maior (G)

Os acordes mais básicos são chamados de tríades, pois são tocadas três notas ao mesmo tempo. Contudo, também existem extensões e alterações, que dão diferentes efeitos para a música.



Fonte: Elaborado pela autora.

107

As páginas com atividades interativas permitem que as crianças colem os adesivos para montar os acordes no piano, possibilitando a fixação do conteúdo (Figura 75). Já a partitura aparece no livro de forma lúdica e com uma estrutura mais simples (Figura 76). Assim, se no futuro as crianças quiserem aprofundar seus conhecimentos, elas já tem uma breve noção do que a partitura se trata.

Figura 75 - Módulo 5 (atividades com adesivos)

**Acordes básicos:**  
Preencha as teclas do piano com os adesivos para completar os acordes indicados.

**Acorde de Fá maior (F):**  
Dó# Ré# Fá# Sol# Lá# Dó# Ré# Fá# Sol# Lá#

**Acorde de Ré maior (D):**  
Dó# Ré# Fá# Sol# Lá# Dó# Ré# Fá# Sol# Lá#

**Acorde de Dó maior (C):**  
Dó# Ré# Fá# Sol# Lá# Dó# Ré# Fá# Sol# Lá#

**Acorde de Lá maior (A):**  
Dó# Ré# Fá# Sol# Lá# Dó# Ré# Fá# Sol# Lá#

Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 76 - Módulo 5 (páginas conteudistas 3)

**Partitura**  
A partitura é como um "mapa" da música. Nela, a música é escrita de uma forma bem detalhada através de linhas e símbolos especiais que indicam como a música deve ser tocada, o ritmo, tempo das notas, altura, entre outras variantes.

Se a partitura for de uma música rápida, o músico vai ver que as notas aparecem mais próximas uma das outras, indicando que ele precisa tocar rápido. Se for uma música mais devagar, as notas vão estar mais distantes. Na imagem a seguir podemos entender melhor como é feita a leitura da partitura:

Mais Agudo  
Mais grave

Espacet Linhas

Na página ao lado podemos ver como é o visual de uma partitura!

**Partitura de Brilha Brilha Estrelinha**

Fonte: Elaborado pela autora.

## 7.2 Normatização

A Normatização é a etapa dentro da fase de realização/desenvolvimento do projeto, em que são descritas as características técnicas do projeto editorial, para que o livro possa ser impresso (Matté, 2004). A seguir são descritas todas as especificações técnicas para a impressão do protótipo do livro, que consideram todas as definições feitas anteriormente, como tamanho e tipo de folha, uso de cores, e encadernação:

### 1 Caderno - Capa Dura + 90 Páginas

- Capa dura: 48x29cm, 4x1 cores, tinta Escala em couchê fosco 170g;
- Papelão: 2 folhas, 20x25cm, sem impressão em papelão 2 mm;
- Forro: 40x25cm, 4x0 cores, tinta Escala em couchê fosco 210g;
- Miolo: 90 páginas, 20x25cm, 4 cores, tinta Escala em couchê fosco 115g;
- Folha adesiva: 2 folhas, 20x25cm, 4x0 cores, tinta Escala em adesivo vinil branco;
- Vinco (capa dura), laminação Prolam 1 Lado (capa dura), furo (miolo), com *Wire-o* (miolo), vinco (forro).

A gráfica que poderia atender a demanda, por completo e da forma desejada, foi a gráfica Click Impresso - Unidade Protásio Alves, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Após enviada a cópia para impressão, realizou-se a última etapa da Metodologia Adaptada, que consiste na Supervisão da geração do protótipo. A gráfica enviou o arquivo para a aprovação, que após ajustado, foi impresso e enviado pronto uma semana após o pedido.

## 7.3 Modelo impresso

O Modelo do livro “Música pra lá, Música pra cá”, impresso pela gráfica Click Impresso - Unidade Protásio Alves, conta com 90 páginas e encadernação com *wire-o* oculto. A seguir é possível conferir o resultado da impressão através de fotos:

Figura 77 - Protótipo impresso (capa e quarta capa)



Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 78 - Protótipo impresso (Mapa do Jardim)



Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 79 - Protótipo impresso



Fonte: Elaborado pela autora.

Para melhor visualização do livro completo, foi criado um *flipbook*<sup>1</sup>, disponível na plataforma online HeyZine. Vale ressaltar que o tamanho da capa teve que ser adaptado para o tamanho das folhas, fugindo um pouco da proposta original, apenas para que ficasse mais agradável visualmente no site. O material pode ser acessado através do *link* disponibilizado nas notas de rodapé.

<sup>1</sup> Link para acesso do livro na versão digital <https://heyzine.com/flip-book/92672a1e79.html>

#### 7.4 Avaliação/Validação

A etapa de avaliação e validação consiste em avaliar o projeto finalizado a fim de compreender se os objetivos e requisitos de projeto foram cumpridos. Assim como, verificar se o conceito foi mantido e transmitido por meio da construção do layout e das ilustrações criadas.

Sendo assim, vale ressaltar que o *layout* foi planejado para apresentar uma hierarquia clara, com bom espaçamento, contraste de cores e uma tipografia que assegura leitura e legibilidade. Ícones e ilustrações foram posicionados para facilitar e tornar agradável a navegação e a compreensão do conteúdo. O livro também oferece uma sequência de conteúdos sugerida, mas não absoluta, de forma que os diferentes módulos podem ser explorados independentemente. Assim, alunos e professores possuem uma maior liberdade na utilização do material.

Outro aspecto relevante foi a valorização da cultura brasileira no design e no conteúdo, promovendo um senso de identidade cultural através da utilização de diferentes elementos, como os animais, gêneros musicais e instrumentos musicais característicos do nosso país.

Os adesivos e QR Codes distribuídos ao longo do livro reforçam seu caráter interativo e moderno, em conjuntura com as atuais tecnologias, promovendo um aprendizado através de mais de uma modalidade sensorial, conforme elucidado no tópico sobre Design de Conteúdo Multimídia deste projeto.

A escolha dos materiais para a encadernação e o miolo foi feita levando em consideração a necessidade de ser um material durável e de fácil manuseio. Sendo assim, a encadernação em *wire-o* oculto com capa dura oferece o peso leve, manuseio facilitado, durabilidade e resistência necessários. Já o papel couchê em maior gramatura valoriza as ilustrações e confere maior durabilidade.

O Quadro 06 abaixo traz novamente os requisitos de projeto, contudo dessa vez, com um ícone de checagem ao lado, identificando os requisitos que foram efetivados.

Quadro 06 - Checklist dos requisitos a partir do verificação do protótipo

Necessidades	Requisitos de Projeto
Material lúdico e encantador	Utilização de ilustrações; ✓ Utilização de cores; ✓ Presença de elementos interativos; ✓
Conteúdo acessível, difundido de modo que facilite a assimilação e compreensão.	Layout diagramado com hierarquia bem definida, bom espaçamento, contraste de cores, etc. ✓ Tipografia com boa legibilidade e legibilidade, uso de ícones e ilustrações. ✓
Dinamicidade e interatividade.	Informação disposta com uma sequência sugerida, mas não absoluta. ✓ Presença de adesivos para colar nas atividades de teoria musical e para completar atividades realizadas. ✓
Material de apoio para o professor.	Sugestões para os professores ao longo do conteúdo do livro de como desenvolver os conteúdos. ✓
Valorização da cultura musical brasileira.	Design e conteúdo que apresente e valorize elementos da cultura brasileira. ✓
Material durável e que valorize o projeto gráfico.	Encadernação e miolo feitos com papéis que oferecem maior resistência. Tipo de folha que valorize as ilustrações. ✓
Praticidade em manusear o livro.	Tamanho e materiais adequados para o manuseio dos professores e, principalmente, das crianças. Incluindo peso leve, resistência ao manuseio frequente. ✓

Fonte: Elaborado pela autora.

#### 7.4.1 Avaliação/Validação externa

Para a avaliação externa do resultado do projeto do livro “Música pra lá, Música pra cá”, buscou-se saber a opinião de um dos professores entrevistados na etapa de coleta de dados. O professor da entrevista 2 compartilhou o seguinte *feedback*:

“Música para lá, Música pra cá” é um livro necessário para a literatura da teoria musical. Ele traz de forma lúdica e integrada às tecnologias modernas, muitos conhecimentos e provocações para a formação musical dos estudantes e dos professores que o utilizarão. Mais do que só um manual de teoria cujo foco geralmente é a “decoreba”, o livro com suas atividades e explicações tem uma potência muito grande em promover uma aprendizagem que envolva muitas sonoridades e que proporcione prazer e diversão a assuntos que nem sempre se apresentam amigavelmente. Por

isso reitero meu posicionamento que “Música para lá, música pra cá” é fundamental para a literatura da teoria musical, sobretudo das novas gerações (*Feedback* do professor de música).

## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A musicalização é uma grande ferramenta para o desenvolvimento das crianças, dado que a música no mundo infantil é repleta de conquistas intelectuais, cognitivas, emocionais e sociais (Souza, 2021). Ademais, valorizar a cultura das crianças e o seu modo de viver e compartilhar a vida, traz um caráter mais integrativo ao ensino e aprendizagem, proporcionando experiências muito ricas musicalmente.

O desenvolvimento deste projeto de material editorial para musicalização infantil como Trabalho de Conclusão de Curso, permitiu a aplicação prática dos aprendizados que foram obtidos na faculdade de Design, possibilitando a criação de um material educativo, divertido e encantador que atende às necessidades do público-alvo definido e cumpre os objetivos estabelecidos. A metodologia adaptada utilizada, que uniu o Modelo ADDIE à metodologia de Matté (2004), foi satisfatória e ofereceu os recursos necessários para dar andamento ao projeto nas esferas do Design Instrucional e Editorial.

Além disso, os dados coletados a partir da pesquisa e das entrevistas com os professores trouxeram uma maior compreensão acerca da musicalização infantil na vida real, contexto histórico, metodologias de ensino e tópicos em teoria musical. Assim como, a análise de similares proporcionou referências muito ricas para a produção de um material assertivo.

O Design Instrucional foi muito importante no desenvolvimento do projeto como um design dedicado ao ensino e aprendizagem. Seus conceitos ofereceram a base necessária para compreensão das esferas que fazem parte do ensino das crianças, principalmente por meio da abordagem construtivista, que possui um caráter mais integrativo e de exploração do mundo. Características que a autora deste projeto buscou imprimir subjetivamente por trás das folhas do jardim musical encantado.

Já o Design Gráfico e Editorial permitiram a construção de um livro encantador, coeso, coerente à proposta e adequado ao público-alvo. Mas isso também não impede que todas as crianças, pais ou professores que queiram usufruir do material, possam. Trazer o aspecto lúdico para um projeto gráfico de um livro de musicalização era imprescindível, como visto nas pesquisas, entrevistas e similares analisados, e portanto, tornar o aprendizado divertido foi um dos principais

objetivos deste projeto, junto com a criação de um universo de imersão que trouxesse a tona o interesse pela música, em suas mais variadas formas.

Em conclusão, este projeto cumpriu com sucesso os objetivos estabelecidos, atendendo integralmente aos requisitos definidos na fase de Análise/Compreensão do projeto. Além disso, este projeto reflete o compromisso em criar um material que combina funcionalidade, estética e o propósito educacional. Finalizar este projeto foi um desafio enriquecedor e uma realização, além de acadêmica, pessoal, que fortalece a trajetória da autora como designer e reafirma o papel transformador do design na sociedade.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Luciano. **Teoria musical: Lições Essenciais**. Irmãos Vitale. 2004.
- AMO ACADEMIA ONLINE. **Musicalização infantil**. 2024. Disponível em: <https://amoacademiaonline.com.br/musicalizacao-infantil>. Acesso em: 18 ago. 2024.
- BEHANCE. **Amigos do Piano: iniciação à leitura**. Disponível em: [https://www.behance.net/gallery/149804233/Amigos-do-Piano-Iniciacao-a-Leitura?tracking\\_source=project\\_owner\\_other\\_projects](https://www.behance.net/gallery/149804233/Amigos-do-Piano-Iniciacao-a-Leitura?tracking_source=project_owner_other_projects). Acesso em: 18 ago. 2024.
- BEHANCE. **Amigos do Piano: pré-leitura**. Disponível em: [https://www.behance.net/gallery/94757637/Amigos-do-Piano-Pr-Leitura?tracking\\_source=search\\_projects|amigos+do+piano&l=0](https://www.behance.net/gallery/94757637/Amigos-do-Piano-Pr-Leitura?tracking_source=search_projects|amigos+do+piano&l=0). Acesso em: 18 ago. 2024.
- BRADDA. **Naming: Como criar o nome certo para a sua empresa**. 2023. Disponível em: <https://bradda.com.br/blog/naming-como-dar-o-nome-certo-ao-seu-negocio/>. Acesso em: 03 nov. 2024.
- BRITO, Teca Alencar de. **Música na Educação Infantil: Propostas para a formação integral da criança**. São Paulo. Fundação Peirópolis. 2003.
- CANTOS DA FLORESTA. **Propostas didáticas**. Disponível em: <https://www.cantosdafloresta.com.br/propostas-didaticas/>. Acesso em: 18 ago. 2024.
- CASA DAS 5 PEDRINHAS. **Fotografia**. 2024. Disponível em: <https://www.casadas5pedrinhas.com.br/tricicaneta>. Acesso em: 18 ago. 2024.
- CIFRA CLUB. **Escalas musicais: o que são e como estudá-las**. 2023. Disponível em: <https://www.cifraclub.com.br/blog/escalas-musicais/>. Acesso em: 20 ago. 2024.
- CLAVE DE C. **Tornar Divertido o Estudo de Teoria Musical**. 2023. Disponível em: <https://clavedec.com.br/2023/07/estudo-de-teoria-musical-divertido/>. Acesso em: 25 mai. 2024.
- CLAVE DE C. **Fotografia**. 2023. Disponível em: <https://clavedec.com.br/>. Acesso em: 19 ago. 2024.
- CISZEVSKY, Wasti Sivério. **Notação musical não tradicional: possibilidade de criação e expressão musical na educação infantil**. Revista Abem. v. 2, n. 2, setembro de 2010. Disponível em: [http://abemeducacaomusical.com.br/revista\\_musica/ed2/pdfs/MEB2\\_artigo2.pdf](http://abemeducacaomusical.com.br/revista_musica/ed2/pdfs/MEB2_artigo2.pdf). Acesso em: 16 ago. 2024.
- DIAS, Gabriela *et al.* **Comunicação visual, acessibilidade e inclusão: reflexões sobre o papel do design gráfico frente à diversidade humana**. Revista Educação Gráfica. V. 26, No . 2. Agosto de 2022. Disponível em: [https://www.educacaografica.inf.br/wp-content/uploads/2022/08/24\\_COMUNICA%C3%87%C3%83O-VISUAL\\_368-\\_387.pdf](https://www.educacaografica.inf.br/wp-content/uploads/2022/08/24_COMUNICA%C3%87%C3%83O-VISUAL_368-_387.pdf). Acesso em: 10 ago. 2024.

ENAP, Escola Nacional de Administração Pública. **Desenho de Cursos: Introdução ao modelo Addie**. 2015. Disponível em: [https://repositorio.enap.gov.br/bitstream/1/2289/1/Introdu%C3%A7%C3%A3o%20ao%20modelo%20ADDIE\\_M%C3%B3dulo%201-alterado.pdf](https://repositorio.enap.gov.br/bitstream/1/2289/1/Introdu%C3%A7%C3%A3o%20ao%20modelo%20ADDIE_M%C3%B3dulo%201-alterado.pdf). Acesso em: 20 abr. 2024.

FIALHO, Luise. **Quais são as partes de um livro?** TAG Livros. 2017. Disponível em: <https://www.taglivros.com/blog/quais-sao-as-partes-de-um-livro/>. Acesso em: 19 ago. 2024.

FILATRO, Andréa. **Design Instrucional na Prática**. São Paulo. Pearson Education do Brasil. 2008.

FEICHAS, Heloísa; NARITA, Flávia. **Contribuições de Paulo Freire para a Educação Musical: análise de dois projetos pedagógico-musicais brasileiros**. Cuadernos de Música, Artes Visuales y Artes Escénicas / Volumen 11 - Número 1 / enero - junio de 2016. Bogotá. Colombia. Disponível em: <Dialnet-ContribuicoesPauloFreireParaEduca%C3%A7%C3%A3oMusical-5829319.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2024.

FERSTENSEIFER, Thais. **Design editorial: os livros infantis e a construção de um público leitor**. 2012. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/61843/000867412.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 10 ago. 2024.

FOLHA PE. **Leitura física ou digital: veja cuidados e saiba como**. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/noticias/leitura-fisica-ou-digital-veja-cuidados-e-saiba-como/290391/> Acesso em: 18 ago. 2024.

FONSECA, Inês. **Design Editorial: produção da revista científica digital TPU - Território, Planejamento e Urbanismo - Teoria e Prática**. 2017. Disponível em: <https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/15415>. Acesso em: 10 jun. 2024.

FONSECA, Joaquim da. **Tipografia & Design Gráfico: design e produção gráfica de impressos e livros**. Porto Alegre: Bookman, 2008.

GALON, M., Palheiros, G. B., & Joly, I. Z. L. **Influência dos conceitos de educadores musicais sobre criação musical na sua prática docente**. Revista da Abem. 2023. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33054/ABEM202331118>. Acesso em: 14 jun. 2024.

GUIMARÃES, Nelma. **A Importância da Musicalização na Educação Infantil e seu Reflexo na Aprendizagem Significativa**. 2019. Disponível em: [https://www.neuroeducacaomusical.com.br/a-importancia-da-musicalizacao-na-educacao-infantil-e-seu-reflexo-na-aprendizagem-significativa/#:~:text=Para%20Br%C3%A9scia%20\(2003\)%20a%20musicaliza%C3%A7%C3%A3o,concentra%C3%A7%C3%A3o%2C%20aten%C3%A7%C3%A3o%2C%20autodisciplina%2C%20do](https://www.neuroeducacaomusical.com.br/a-importancia-da-musicalizacao-na-educacao-infantil-e-seu-reflexo-na-aprendizagem-significativa/#:~:text=Para%20Br%C3%A9scia%20(2003)%20a%20musicaliza%C3%A7%C3%A3o,concentra%C3%A7%C3%A3o%2C%20aten%C3%A7%C3%A3o%2C%20autodisciplina%2C%20do). Acesso em: 25 mai. 2024

HASLAM, Andrew. **O livro e o designer II - Como criar e produzir livros**. São Paulo: Edições Rosari, 2007.

IAZZETTA, Fernando. **O que é música (hoje)**. I Fórum Catarinense de Musicoterapia. 2001. Disponível em: <https://iazzetta.eca.usp.br/papers/forum2001.pdf>. Acesso em: 25 mai. 2024

ILARI, Beatriz; MATEIRO, Teresa. **Pedagogias em Educação Musical**. Curitiba. Intersaberes. 2012.

KALBACH, James. **Design de navegação web: otimizando a experiência do usuário**. Porto Alegre: Bookman, 2009.

JAM MUSIC. **Fotografia**. Disponível em: <https://www.jam.mus.br/5-aplicativos-de-educacao-musical-para-criancas/>. Acesso em: 18 jun. 2024.

KLOHN, Sara; FENSTERSEIFER, Thais. **Contribuições do Design Editorial para a Alfabetização Infantil**. Revista Brasileira de Design de Informação. 2012. Disponível em: <https://infodesign.emnuvens.com.br/infodesign/article/view/118/103>. Acesso em: 25 mar. 2024.

LEOCÁDIO, Rodrigo. **Tipos de encadernação**. Futura Express. 2016. Disponível em: <https://www.futuraexpress.com.br/blog/tipos-de-encadernacao/>. Acesso em: 18 ago. 2024.

LINO, Dulcimarta. **Barulhar: a música das culturas infantis**. Revista da Abem. 2010. Disponível em: [http://abemeducacaomusical.com.br/revista\\_abem/ed24/revista24\\_artigo9.pdf](http://abemeducacaomusical.com.br/revista_abem/ed24/revista24_artigo9.pdf). Acesso em: 1 jun. 2024.

LOURENÇO, Daniel Alvares. **Tipografia para livro de literatura infantil: desenvolvimento de um guia com recomendações tipográficas para para designers**. 2011. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/handle/1884/26092>. Acesso em: 18 ago. 2024.

MATTÉ, Volnei Antônio. **Proposta de Metodologia Projetual para Produtos Gráfico-Impressos**. Expressão, Santa Maria, RS, v. 1, n. 1, p. 60-66, jan./jun. 2004.

MUNARI, Bruno. **Das coisas nascem coisas**. 2a edição. São Paulo: Martins Fontes. 2008.

OFTALMO CURITIBA. **Problemas de visão atingem milhares de crianças no Brasil**. Disponível em: <https://oftalmocuritiba.com.br/problemas-de-visao-atingem-milhares-de-criancas-no-brasil/>. Acesso em: 18 ago. 2024.

OXFORD LANGUAGES. **Definição de Música**. Google. 2024. Disponível em: [https://www.google.com/search?q=defini%C3%A7%C3%A3o+de+musica&oq=defini%C3%A7%C3%A3o+de+musica+&gs\\_lcrp=EgZjaHJvbWUyBggAEEUYOTIGCAEQI xgnMgclAhAAGIAEMgclAxAAAGIAEMggIBBAAGBYHjIICAUQABgWGB4yCAgGEA AYFhgeMggIBxAAGBYHjIICAQABgWGB4yCAgJEAAYFhge0gEINDcwNGowajeo AgCwAgA&sourceid=chrome&ie=UTF-8](https://www.google.com/search?q=defini%C3%A7%C3%A3o+de+musica&oq=defini%C3%A7%C3%A3o+de+musica+&gs_lcrp=EgZjaHJvbWUyBggAEEUYOTIGCAEQI xgnMgclAhAAGIAEMgclAxAAAGIAEMggIBBAAGBYHjIICAUQABgWGB4yCAgGEA AYFhgeMggIBxAAGBYHjIICAQABgWGB4yCAgJEAAYFhge0gEINDcwNGowajeo AgCwAgA&sourceid=chrome&ie=UTF-8). Acesso em: 18 ago. 2024.

PANDA BOOKS. **Fotografia**. 2024. Disponível em: <https://www.pandabooks.com.br/panda-books/infantil/cantigas-para-brincar>. Acesso em: 18 ago. 2024.

PRIORE, Irna. **O desenvolvimento da teoria musical como disciplina independente: princípio, conflitos e novos caminhos**. Opus. Porto Alegre. 2013. Disponível em: <https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/146>. Acesso em: 13 jun. 2024.

RECANTO MUSICAL. **Amigos do Piano: iniciação à leitura**. Disponível em: <https://www.recantomusical.com/amigos-do-piano-iniciacao-a-leitura-bruno-fragoso-maria-helena-lage>. Acesso em: 18 ago. 2024.

REIS, Marcos Roberto. MERINO, Eugenio Andrés Díaz. **Painel semântico: revisão sistemática da literatura sobre uma ferramenta imagética de projeto voltada à definição estético simbólica do produto**. Revista Estudos em Design. Rio de Janeiro: v.28 | n. 1 [2020], p. 178 – 190

SANTOS, Cassiano; Kobayashi, Maria do Carmo; e Mosca, Maristela. **Música, linguagem e movimento**. UNESP. Bauru. 2020. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/597654/2/M%C3%BAsica%20linguagem%20e%20movimento.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2024

SOUZA, Fernanda. **Guia Prático de Musicalização Infantil**. 2021. Disponível em: [https://alfabetizacao.mec.gov.br/images/pdf/guia\\_de\\_musicalizacao.pdf](https://alfabetizacao.mec.gov.br/images/pdf/guia_de_musicalizacao.pdf). Acesso em: 14 mai. 2024.

SOUZA, Jusamara. **Sobre as Várias Histórias da Educação Musical no Brasil**. Revista da Abem. 2014. Disponível em: <https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/476>. Acesso em: 12 jun. 2024.

STRAPAZZON, Alessandra Garcia Garbin *et al.* **Design editorial e acessibilidade: relato de experiência de um projeto interdisciplinar no Ensino Superior em modelo híbrido**. Revista Concepção, v. 1, n. 1, jan.-jun. 2022. Disponível em: <https://revistas.anchieta.br/index.php/RevistaConcepcao/issue/view/245>. Acesso em: 13 jun. 2024.

TAG LIVROS. **Quais são as partes de um livro?** 2017. Disponível em: <https://www.taglivros.com/blog/quais-sao-as-partes-de-um-livro/>. Acesso em: 18 ago. 2024.

TECHTUDO. **Spotify: cinco curiosidades que você não sabia sobre o streaming**. 2021. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/listas/2021/04/spotify-cinco-curiosidades-que-voce-nao-sabia-sobre-o-streaming.ghtml>. Acesso em: 23 mar. 2024.

TERRA. **Público infantil é o que mais lê no Brasil**. 2022. Disponível em: [https://www.terra.com.br/noticias/publico-infantil-e-o-que-mais-le-no-brasil,91fc15da1bbfe32ed186087c1e300b1f9jnefbk4.html?utm\\_source=clipboard](https://www.terra.com.br/noticias/publico-infantil-e-o-que-mais-le-no-brasil,91fc15da1bbfe32ed186087c1e300b1f9jnefbk4.html?utm_source=clipboard). Acesso em: 14 jun. 2024.

TOMIC, Ana. **Lydia Hortélio, uma menina do sertão: Educação Musical na Cultura da Criança**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia. Salvador. 2016. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/jhgd/article/view/19973/22059>. Acesso em: 14 jun. 2024.

TREVISAN, Jaqueline. **Design editorial para deficientes visuais**. 2012. Disponível em:

[https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/13869/2/CT\\_CODEG\\_2012\\_1\\_19.pdf](https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/13869/2/CT_CODEG_2012_1_19.pdf). Acesso em: 18 ago. 2024.

WILLIAMS, Robin. **Design para quem não é designer: noções básicas de planejamento visual**. São Paulo: Callis Ed. 2009.

## APÊNDICE A

### **Entrevista 1**

Por esta entrevista não ter sido gravada via áudio, sua transcrição se deu por meio de uma síntese do que a autora deste projeto compreendeu e anotou, que foi posteriormente revisada pela entrevistada.

#### **Qual a sua área de ensino?**

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS, 2008), Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS, 1998), Licenciada em Educação Artística: Habilitação em Música pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS, 1988). Atua como diretora musical e pianista. Possui publicações na área da Música, Educação Infantil, Formação de Professores e Processos Criativos. Tem experiência em Educação e Arte, com ênfase na Educação Musical, especialmente no campo da Educação Infantil.

#### **Como funcionam as suas aulas de música? Considerando que existem diferentes abordagens na educação musical infantil, qual você considera mais importante e relevante?**

As aulas de música são espaços de formação para os professores e acadêmicos para entender a potência da música e dos exercícios de imaginação criadora que podem formar um corpo livre e cidadão.

As aulas funcionam como oficinas onde as atividades de interpretação, apreciação e improvisação musical são experimentadas sem hierarquização.

Os exercícios de escuta e criação fazem parte da prática coletiva cotidiana

A entrevistada foge da listagem de conceitos de conteúdo previamente determinados, a educação musical é contra-colonial valendo-se de qualquer ferramenta como o uso da partitura musical. O grupo toca para saber e o registro musical emerge da prática com música.

**Quais os conhecimentos que busca transmitir primeiro? Como trabalha os conteúdos? Como são pensados os conteúdos? Organização do plano de ensino?**

(Adaptado das falas da entrevistada)

A improvisação exige muita organização.

A abordagem curricular da disciplina de educação musical oferecida na faculdade de educação circula entre 4 grandes temáticas.

- Conceito de música como substantivo plural
- Cardápio sonoro: repertório para nutrir a escuta musical;
- Pedagogias brasileiras em educação musical: conceitos e metodologias.
- Leis obrigatórias à educação musical na educação básica

As aulas são todas realizadas em coletivo, são propostos vários jogos de improvisação ou situações para tocar o corpo, (o corpo é instrumento por excelência do fazer musical). instrumentos tradicionais podem usados na prática cotidiana

Exemplo de atividade pedagógicas- musical: criação de jingle

## **Entrevista 2**

**Qual a sua área de ensino?**

A minha área de ensino na música é teoria musical e ensino de violino.

**Como funcionam as suas aulas de música? Considerando que existem diferentes abordagens na educação musical infantil, qual você considera mais importante e relevante?**

Bom, essa é uma resposta bem ampla, que a gente pode ir para vários cantos, mas eu quero comentar um pouco sobre o que me guia enquanto professor.

Então eu acho que todo professor tem a sua própria abordagem, embora tenha os livros e tudo mais, cada professor, a seu modo, vai recriar o seu modo, o que é bem

interessante, levando em consideração sempre sua trajetória. E a minha trajetória é também marcada pela licenciatura em História.

Então, eu gosto sempre de trazer uma abordagem que seja ao mesmo tempo voltada para teoria (ler a partitura, saber o básico das coisas, do violino) mas também trazer uma questão multicultural. O estudante chega já sabendo alguma coisa, ele nunca, nenhuma pessoa, na verdade, independente da idade, nunca é uma página em branco. Então, às vezes, o professor tem o trabalho tanto de organizar pensamentos que o aluno já tem, como ensinar coisas novas.

A minha abordagem sempre prima, então, por essa questão mais técnica, de teoria e de instrumento, mas eu gosto de trazer a questão de história da música, apreciação musical de diferentes gêneros musicais, inclusive para a questão, pensando diretamente nas crianças, é legal fazer esse estudo multicultural para a gente tentar formar pessoas menos preconceituosas, né? [A pessoa] chega até 40, 50 anos ou até 15 anos que só ouve um determinado tipo de música (pop, funk, sertanejo, rock...) e o resto é tudo ruim, né?

Então, esse trabalho na infância é tipo um buffet, digamos assim. Olha, tem arroz aqui, mas também tem feijão, também tem lentilha, etc. Então [seria] trazer para criança um monte de referências culturais, além da técnica.

E só podendo complementar, assim. Porque quando a gente ensina qualquer coisa, mas em específico a música, a gente tá ensinando para além da música. A gente tá ensinando um indivíduo, um sujeito. Então, essa diversidade que a gente desenvolve numa criança ou numa pessoa que já tem uma idade mais avançada, ela não vai só repercutir nesse quesito da vida dela, que é a música, mas também para diferentes opiniões, para disciplina, para estudos, para criatividade, para trabalhos escolares e para a própria vida, né?

Então, sempre o ensino de qualquer coisa, mas em específico a música, transborda as fronteiras da música e vai para outros lugares da vida da pessoa.

**Quais os conhecimentos que busca transmitir primeiro? Como trabalha os conteúdos? Como são pensados os conteúdos? Organização do plano de ensino?**

Eu gosto de trabalhar primeiro com a matéria-prima, que é o som e o silêncio, entender [essa parte] e aí, aos poucos, ir ensinando um pouco de partitura (notas, escalas...) e um pouco sobre a questão cultural também. Mas, principalmente, partir da necessidade do aluno. Se o aluno só quer trabalhar, por exemplo, improvisado? Bom, tem que trabalhar bastante a questão de harmonia, de notas de passagem e notas melódicas. Então, tudo depende do aluno, mas sempre trazendo a base da base e progredindo nos assuntos.

**Há uma divergência muito grande no ensino para diferentes faixas etárias? Como isso funciona? Que dificuldades você identifica durante o ensino?**

Uma coisa que eu acho interessante, é que a diferença entre os estudantes, geralmente, na música, quando a gente tá falando sobre idade, é mais uma questão corporal, né? Porque o corpo de uma criança é diferente do corpo de um adulto, de um adolescente. E também, [uma questão] de linguagem. Mas as dificuldades são muito parecidas. Um adolescente que não sabe o que é timbre, uma criança que não sabe o que é timbre e um adulto que não sabe o que é timbre, por exemplo, na primeira aula, todos têm [recebem] a mesma explicação. Aí entra a questão da linguagem. Vai mudar, mas a linguagem é a mesma.

Realmente, é bem diferente [as questões corporais]. Primeiro, porque o tamanho do violino é diferente, um vai ser um violino menor e o outro vai ser um pouco maior. Isso já vai mudar bastante.

[Sobre a linguagem] Uma das ferramentas de todos os professores, de todas as áreas, é usar de metáforas, de comparações. Então, assim, às vezes a comparação que tu faz com uma criança, não vai ser a mesma, que tu vai fazer com todos.

Então, às vezes, o que eu vejo de diferença entre a questão das faixas [etárias] é menos uma dificuldade sobre os conteúdos e mais uma dificuldade sobre como eu posso tornar acessível esse aprendizado, para essa criança, a partir da linguagem e do corpo dela.

E eu acho que a parte da linguagem meio que te força a saber sobre o universo da criança também, o que ela gosta, [por exemplo], pra tu poder puxar uma referência.

Tu tem que entender o que a criança gosta, o que a criança tem interesse pra poder fazer uma aula mais imersiva, mais legal, né?

Exato, porque a gente também tem que pensar [no] processo de ensino. Eu sou, além do Piaget, eu sou mais do Paulo Freire. Assim, a gente tem que, ao mesmo tempo que o aluno aprende, ele ensina o professor também, a dar aula, né?

Então é um processo, é uma via dupla de conhecimento. Ao momento que eu ensino, eu aprendo, e no momento que eu aprendo, eu ensino. E aí entra a questão do Piaget, porque todo o conhecimento, por exemplo, tu pode até ter o conhecimento, mas todo esse processo de retrabalhar com diferentes públicos, cada vez mais tu consegue aprender mais sobre o próprio conteúdo que tu tá ensinando. Mesmo que tu esteja ensinando, né? Então eu acho que é bem isso, eu concordo contigo.

**Você utiliza algum tipo de estratégia lúdica para ensinar? Utiliza algum tipo de recurso visual durante as aulas? Livro, gráfico, filmes, vídeos, músicas (por qual plataforma?)**

Eu acho muito importante essa questão do lúdico. Eu acho que o professor tem que ter uma caixa de ferramentas bem grande, e se utilizar do que ele tem disponível na hora. Se ele tem um computador na hora, uma TV e tem acesso à internet, por exemplo, [recomendo] que se utilize o máximo disso. E outra coisa, principalmente com coisas da internet, o aluno pode ver depois da aula, paralelo a aula. Então, me parece que essa questão, desde [ter] o quadro, mas também a internet, a imagem, o som, tudo tem que ser utilizado a favor do aprendizado.

E já a questão lúdica é muito interessante, porque, às vezes, assim como [se diz que] uma animação da Pixar é coisa de criança, Divertida Mente 2 é coisa de criança. [Na realidade], não é coisa de criança. Então, o lúdico também tem isso. Não é porque eu tô usando um dominó com as figuras rítmicas, não é porque eu tô usando um jogo de habilidade com figura de bichinho que [necessariamente] é coisa de criança.

O aprendizado se dá a partir da provocação do aluno pelo professor. E o jogo, ele provoca o aluno a entrar dentro das regras, a se utilizar das figuras para conseguir

ganhar o jogo. Então, o lúdico, a meu ver, é uma das formas de aprendizado da música, em especial da teoria musical, mais efetivas e eficientes.

[Após descrever uma experiência em que os pais dos alunos também se interessavam pelos jogos oferecidos] então, para ver como o jogo é um momento que [também] vai trazer uma memória afetiva muito boa e duradoura. O jogo, assim como tudo na música e qualquer aprendizado, ele tem que ser constante. Não pode ser só uma vez. Mais de uma vez até para reter o aprendizado.

**Que tipo de material editorial você considera interessante e importante para crianças dos 5 aos 10 anos?**

Na música, às vezes, é muito método e o design inteiro do livro é só a partitura e deu, é preto e branco. [aqui entende-se que o material apenas traz apenas as informações de modo simples, sem muitos recursos, pois se alicerça no método de ensino]. Acho que esse é um problema da música, desde sempre. Para mim, um livro que queira ensinar, ele não pode ser impresso por uma impressora que só imprime preto e branco. Tem que ter o colorido. Tem que ser uma coisa chamativa e, geralmente, os livros não são assim, né? Então, me parece que há uma carência dentro do mercado de coisas visuais dentro da música, seja de ensino específico de instrumentos, mas também de teoria musical. Essa pergunta eu até tenho dificuldade de responder, porque, realmente, na música é muito igual, todos os métodos são [baseados em] muito texto, muita partitura, eles [os materiais] não trazem, por exemplo, reflexão.

Uma coisa que eu penso que seria muito legal, por exemplo, uma parte que tivesse uma pequena biografia com a imagem de um compositor. A potência que dá pra se utilizar, assim tu vai poder ensinar quais músicas, qual é o gênero musical desse compositor, qual é a história da música, quais são os elementos estilísticos desse gênero, né?

Uma coisa que eu poderia complementar [para o teu trabalho], é de que o objetivo do livro não seria o aprendizado da partitura, mas sim uma consequência da leitura do livro. [...] Então, sobre teu trabalho, que é interessante, é que não foque num [só] instrumento. Então, assim, tu trabalhar com a percussão corporal, ter atividades de corpo, de voz... E dá pra fazer várias interconexões. Por exemplo, tem um outro

cara que é muito interessante, falando de Kodály, né? Tem um outro cara que é o Murray Schaeffer também, ele é muito interessante. Eu não me lembro de uma parte, mas ele trabalha com crianças também. Por exemplo, uma atividade muito interessante seria musicalizar uma história, e isso já é musicalização, tu já tá trabalhando com sonorização e tal, né?

### **Entrevista 3**

#### **Qual a sua área de ensino?**

Eu trabalho com iniciação ao piano, ao canto, e eu tenho uma aluna de iniciação ao ukulele. Mas o meu show mesmo é musicalização infantil dos 4 meses até os 6 anos.

**Como funcionam as suas aulas de música? Considerando que existem diferentes abordagens na educação musical infantil, qual você considera mais importante e relevante?**

**Quais os conhecimentos que busca transmitir primeiro? Como trabalha os conteúdos? Como são pensados os conteúdos? Organização do plano de ensino?**

**Há uma divergência muito grande no ensino para diferentes faixas etárias? Como isso funciona?**

**Você utiliza algum tipo de estratégia lúdica para ensinar?**

A minha maior inspiração é a música tradicional da cultura da infância. É um repertório que ele é muito rico, mas ele não é muito utilizado, né? A gente geralmente fica ali no Atirei o Pau no Gato, Ciranda Cirandinha, né? Mas ele é muito além disso. Então, nas minhas aulas, eu sempre busco inspiração na Lydia Hortélio e na Lucilene Silva, quando falamos da cultura da infância. A gente começa... Eu estruturo ela com uma roda de abertura, dependendo da infância e da idade da criança.

A Lucilene traz isso muito bem. Que o desenvolvimento infantil e a cultura da infância, eles se entrelaçam. Por exemplo, as cantigas de roda, a gente começa com

movimentação específica ali com 2, 3 anos. Porque ainda é difícil pra criança fazer aquele movimento de escolher alguém, né? De dar um abraço, escolher alguém pra entrar na roda. A criança é muito pequena. Então, [a gente] acompanha esse desenvolvimento.

No segundo momento, eu estruturo com brincadeira rítmica. E aí, é uma miscelânea.

Às vezes, eu pego lendas e as transformo em brincadeira rítmica. Às vezes, eu pego jogo de mão, que também faz parte da cultura da infância. Mas é um repertório de crianças mais velhas, de 7, 8 anos, que estão ali fazendo aqueles movimentos mais elaborados. E as crianças pequenas [que] ainda não conseguem, a gente adapta para fazer alguma coisa que eles consigam fazer. Me inspiro em outros educadores também, e aí, a gente consegue fazer dança rítmica, enfim, usando esses áudios de base. Dependendo da duração dessas brincadeiras rítmicas, a gente consegue fazer duas, três [por aula].

E a duração da aula, em um ambiente particular, com uma turma específica e pequena, eu faço 45 minutos. Quando eu tô na escola pública, eu tenho uma hora com cada turma.

[No terceiro momento] vem ou expansão de repertório, ou roda de cantigas. Depende muito do meu objetivo, quando eu quero expandir o repertório, eu geralmente me viro pra cultura popular, que é o que eu gosto. No mês de junho, a gente trabalhou em um foguete do Boi Bumbá, Festa do Boi Bumbá. Trouxe algumas cantigas específicas, a gente brincou de boi, as crianças fantasiaram de boi.

[...] [Na] roda de cantigas, as crianças escolhem os instrumentos que querem usar, o baú é aberto, cada uma escolhe um instrumento e escolhe uma cantiga. Então ela se coloca na roda e escolhe uma música para partilhar com o grupo e todo mundo canta junto. Depois, dependendo da faixa etária, a gente consegue trocar os instrumentos, e [também] dependendo da faixa etária, eles não querem trocar.

Quando a gente faz a roda de cantiga, eu trago uma brincadeira com movimento no fim. Então, por exemplo, a gente faz Maré, ou a gente faz História da Serpente, que são brincadeiras, ou a gente traz uma outra roda diferente da primeira.

A brincadeira da Maré é uma cantiga de domínio público que a gente faz com tecido. A criança se esconde abaixo do tecido e aí tem toda uma questão de subdivisão [incompreensível] também. No primeiro momento ele é mais lento, a gente marca só a concessão com o tecido. Depois a gente dobra esse movimento e aí subdivide essa concessão. E no final as crianças descem para baixo do tecido. Tem sempre esse momento final de movimento.

E aí no fim mesmo, quando eu tô na minha sala, a gente usa um piano cantando tchau e, quando eu não tô na sala, quando eu tô na escola, a gente canta uma cantiga de tchau.

Com os bebês eu faço a estrutura um pouco diferente. A gente faz cantiga de abertura, não faz roda ainda, porque eles ainda não conseguem se organizar em roda. Então uma música de abertura, depois tem brincadeira rítmica, depois tem roda de cantiga.

E ao invés de ter uma brincadeira com movimento mais dirigido, que é um pouco mais difícil, precisa de mais direcionamento, a gente faz brinquedo de cola.

Eu “bebo” muito de Lucilene Silva e Lydia Hortélio, em que a gente faz brinco cantado. Então tem alguns brincos tradicionais que a gente conhece, que é o Toque pra São Toque, que é o Serra Acelerador, que é Maria Cadeira. Que são algumas músicas que se brinca desde sempre, passando de vó pra filho, de mãe pra pai, enfim, muito nessa vibe de oralidade. Aí tem os movimentos de pegar a criança no colo e balançar, às vezes de cavalgar no colo, e depois dessa parte de movimento, a gente canta cantiga de tchau também e encerra.

Sobre as aulas de iniciação ao instrumento:

Quando é instrumento é um pouco mais específico, porque as crianças são mais velhas também. Eu não trabalho com iniciação ao instrumento antes dos sete anos, por exemplo.

***E geralmente os pais estão juntos em todas as faixas etárias? Ou os mais velhos ficam só tu e as crianças?***

Geralmente fica só eu e as crianças. Eu já trabalhei com os pais juntos, ano passado e nos outros anos eu [também] trabalhava porque eu não tinha essa divisão de espaço. Então, as crianças de 3 a 6 anos, que é a faixa etária que geralmente eu monto [turmas] de musicalização infantil, ficavam junto com os pais no mesmo ambiente e os pais acabavam participando também. Esse ano eu fico sozinha em sala e, com os bebês, eu fico sozinha em sala porque eu tô na escola. Mas, se eu tivesse uma turma hoje, particular de bebê, eu precisaria da presença dos pais.

Eu trabalho com ensino fundamental também, mas não é o meu maior público. Eu trabalho com o primeiro e segundo ano. Eles têm até os oito, nove anos, né? O que é legal de fazer, agora que tu falou em notação musical, é notação musical alternativa. [É algo que] a gente consegue fazer com crianças pequenas também, crianças de quatro anos em diante já conseguem fazer.

[Notação musical alternativa] que é desenhar esses sons, né? De fazer traços curtos ou pontos para sons curtos, traços longos para sons longos. Pra tu marcar diferentes alturas, tu pode fazer zigue-zague... E a gente vai brincando com isso.

Eu lembro que eu fiz uma época, há muito tempo atrás, com crianças mais velhas, um jogo em que tinham várias cartas e tinham vários desenhos nessas cartas, tipo pontos, linhas e espirais. Às vezes, mais de uma sequência de pontos e uma sequência de linhas, linhas que ficavam bem fininhas e depois bem grossas (que dava essa questão de intensidade, de um som que começa baixo e depois fica forte).

E aí, as crianças precisavam reproduzir sons conforme as imagens. Outra coisa bacana que a gente fez, que a gente usou bastante o corpo também, foi o exercício de regência que eu fiz ainda ontem, com os meus de ensino fundamental. A gente tinha tambores e o mestre tamboreiro fazia movimentos conforme os sons que ele queria. Então, a gente fazia movimentos onde a mão fechada [representava] silêncio. Esfregar as mãos era arranhar o tambor, quando batesse fraquinho era fraquinho, quando fizesse movimentos largos era forte. E tem isso, de tu combinar um símbolo, um gesto, e dar som àquilo também. A notação é muito isso, é transformar um som em outra forma de registro.

**Utiliza algum tipo de recurso visual durante as aulas? Livro, gráfico, filmes, vídeos, músicas (por qual plataforma?)**

Para rodar as músicas eu uso Spotify, mas pra pesquisa eu uso muito o YouTube.

Eu uso, com os pequenos, eu uso um recurso muito 3D, na real, né? Porque são muito pequenininhos, então tem essa coisa de pegar [sentir através do tato].

No Natal do ano passado eu peguei o Presépio Brincado da Lydia Hortélio, é um presépio que ela registrou até em livro. É um presépio que é um cortejo e ele é um presépio brincado. Isso foi na década de 70, a comunidade toda se reuniu pra brincar de presépio, começava às seis da tarde e ia até às duas da manhã, encenando toda essa celebração.

E a Lydia traz muito que o presépio brasileiro [o por ela registrado] é um presépio que celebra a criança divina. Então tem esse ar religioso e cristão que a gente emprega nele, e foi isso que eu quis trazer. Tem algumas músicas específicas que eu só achei ouvindo os documentários da Lydia, pausando, e gravando o áudio pra eu mesma pra conseguir lembrar das músicas depois. Aí o que eu fiz? Juntei essas músicas e pensei como eu posso dar [à] isso um recurso visual para contar essa história e como eu posso transformar isso mais nosso [sul do estado]. Aí eu misturei com músicas do grupo do Mas Bah e do Kleiton e Kledir, pra contar a história.

Eu fiz bonecos de gravetos, fiz uma manjedoura de palinha com um mini gravetinho. Fiz cruzinhas assim, amarradas de graveto, coloquei roupinhas de vestido. As coroas dos reis magos, eu fiz de lacre dourado. E as crianças puderam pegar isso. Eu contava a história, eu colocava músicas no meio da história, as crianças brincavam com os bonecos e tudo, e foi muito mais significativo, isso eu percebi.

E sempre que o Braga trazia um recurso visual, as crianças cantavam muito mais as músicas depois. E eu tive essa oportunidade, porque eram espaços em que eu também era monitora de re-criação na época, então eu acompanhava as crianças a tarde toda e eu percebia eles cantando as músicas entre si.

Eu sempre tento trazer elementos mais naturais também.

Eu uso alguns livros aqui na sala para mostrar algumas coisas específicas também.

Eu tinha um livro na sala, que ele é o Dicionário da Música Ilustrado, se não me engano. E tem todos os instrumentos, com todas as partes, com nome, e aí ali a gente ficou debruçado um tempo, olhando as imagens e tal.

***Então, tu tem violão, ukulele e piano. Tu usa mais algum instrumento?***

Sim, de instrumentos grandes são esses, tem pandeiro também.

E tem o baú com os instrumentos das crianças. Nos instrumentos das crianças, que ficam sempre à disposição, tem xilofone, tem coco, tem muito coco, tem chocalho...

Os chocalhos e as pavas eu tenho nos sacos específicos, porque eles eu uso para brincadeiras rítmicas. O que acontecia no começo, [era que] eu ia pegar só o chocalho, [mas] elas [as crianças] viam um xilofone colorido, gigante e...

Sobre timbre...

Com uma criança pequena, de 3 ou 6 anos, é um pouco difícil de eu dar nome pra isso, né? É muito abstrato. O que eu já fiz? Eu deixei eles mexerem em todos os instrumentos, depois eu recolhi todos os instrumentos e escondi eles, botei tipo um tapume com um tecido na frente e eu tocava o instrumento e eles tinham que descobrir que instrumento que era. Daí a gente fez um exercício de reconhecimento de timbre, testando essa capacidade de reconhecimento de timbre, vivenciando o timbre na prática sem ter esse nome de timbre.

Com os mais velhos dá pra fazer, a partir dos sete anos em diante, seis, sete anos em diante você pode fazer, [dá] pra falar um pouco mais, teorizar mais.

Com as crianças, eu tenho uma coleção que eu gosto de usar às vezes, dependendo do que eu vou trabalhar, acho que é Crianças Famosas o nome da coleção, que fala sobre os compositores. Então são histórias misturadas dos compositores, tem as ilustrações deles misturadas com fotos reais. Eu sei que as crianças gostaram bastante também.

Outro livro que eu peguei agora, na biblioteca da escola, que eu ainda não usei, mas que eu achei muito legal e quero usar, é Música no Zoo, ele traz essa questão da notação musical alternativa.

Outro livro que eu uso, mas com os alunos de iniciação ao piano, é este aqui, Amigos do Piano. Ele tem, no começo, uma trilha pra tu marcar as lições que tu foi fazendo, tem adesivos para marcar as músicas, teclas... É bem legal, assim. É da Maria Helena Lage.

Tu já ouviu falar da PEL? O nome dela é Maria Amélia Pinho Pereira. Ela faleceu faz uns dois anos já. Ela é fundadora da Casa Redonda e a Casa Redonda tem um livro escrito por ela. Casa Redonda, experiência e educação com crianças, o nome. E o livro traz muito sobre a cultura da infância e traz imagens muito bonitas.

### **Que dificuldades você identifica durante o ensino?**

Eu percebo que às vezes não sai exatamente como eu planejei e isso dá uma frustração. Mas eu também percebo, por estar na escola e a gente tá lidando sempre com a BNCC, eu tenho que dar uma olhada nas habilidades da BNCC pra [poder] registrar e eu tenho que pôr no código da BNCC também, então eu me apoio no documento nacional. Eu tô sempre olhando as habilidades que precisam ser desenvolvidas. Aí o que acontece? Às vezes a minha proposta sai totalmente às avessas, não que dê errado, mas não sai como eu esperava e, como eu tenho conhecimento desse documento, eu consigo ver outras coisas acontecendo, [além daquilo] que eu esperava. Não tá funcionando isso, mas olha só, tá rolando uma habilidade emocional aqui. A gente olha de uma forma mais geral pra criança.

### **Que tipo de material editorial você considera interessante e importante para crianças dos 5 aos 10 anos?**

***Perguntando de um jeito mais específico agora, no sentido de um livro pra isso. Tu acha que seria interessante, importante? Ou tu acha que ele sanaria algum tipo de dificuldade que tu tem?***

Sim, acho que sim. Porque como professora, tu tem que estar sempre criando, sempre buscando repertório, então, ter um compilado com ideias novas, com lugares novos pra tu experimentar, isso é muito legal. Mesmo que a gente vá se apropriar de uma ideia e transformar ela em outra, sabe?

Eu acho que essa questão da vivência e da prática é muito importante. É uma experiência imersiva de corpo, assim, então é bem importante que tenha junto.

E o mais legal da aula de música para criança pequena e de iniciação ao instrumento assim também, eu acho, que é quando a gente pensa justamente o inverso, sabe? Quando a criança se sente fazendo música antes de olhar para a partitura e dizer isso é uma música porque não é. Primeiro mostrar, primeiro ouvir música, se divertir e depois... E isso a Lydia traz muito bem, assim.